

KITS – PATRIMÓNIO | KIT06



versão 1.0

documento provisório

Dezembro 2010

Património Arquitectónico – Igrejas de Misericórdia

Colecção *KITS* – Património

Coordenação: João Vieira e Manuel Lacerda

KIT01 – Património Arquitectónico – Geral

KIT02 – Património Arquitectónico – Habitação Multifamiliar do Século XX

KIT03 – Património Industrial

KIT04 – Património urbanístico (no prelo)

KIT05 – Património arquitectónico – Edifícios conventuais capuchos

KIT06 – Património arquitectónico – Igrejas de Misericórdia

KIT06 Património Arquitectónico — Igrejas de Misericórdia

Sumário

Ficha Técnica

Editorial

Introdução

1. Definição
2. Conteúdos
3. Comentários

I. Igrejas de Misericórdia

II. Elementos do registo de inventário

1. Registo de inventário
2. Elementos do registo de inventário
3. Fichas de elemento

III. Como contribuir para os inventários nacionais de património arquitectónico

IV. Anexos

A – Exemplo de registo de inventário

B – Igrejas de Misericórdia inventariadas em Portugal continental - mapa

C – Glossário

D – Recursos de documentação e informação

FICHA TÉCNICA

Tipo de documento	GUIA DE INVENTÁRIO ARQUITECTÓNICO			
Identificador	KIT 01 (1.0)			
Título	Património Arquitectónico - Geral			
Título alternativo				
Responsável(is)	Tipo	Nome	Contacto	
	Autor	Paula Noé	APNoe@ihru.pt	
	Autor colectivo	IHRU, IP	ihru@ihru.pt	
	Contribuidor	Luís Marques	LCMarques@ihru.pt	
	Coordenador	João Vieira	JSVieira@ihru.pt	
	Editor	IHRU, IP	ihru@ihru.pt	
	Editor	IGESPAR, IP	igespar@igespar.pt	
Versão	1.0			
Estado	Provisório			
Data(s) de preparação	2009-11-11 a 2009-12-23			
Data de emissão	Dezembro 2010			
Local de emissão	Sacavém			
Público/Destinatário(s)	Público em geral / Estudantes / Gestores de Património Arquitectónico			
Idioma	Português			
Formato	PDF			
Descrição	Guia prático que estabelece indicações e regras básicas gerais que orientam a inventariação de património arquitectónico, no caso específico igrejas de Misericórdia e anexos.			
Descritores	Arquitectura; Património Arquitectónico; Inventário patrimonial			
Relação documental	Tipo de relação		Documento relacionado	
	Complementa		KIT01 - Património Arquitectónico - Geral	
Copyright	Todos os direitos são detidos pelo IHRU, IP e IGESPAR, IP			
Comunicabilidade	Acesso livre em linha			
Data de transmissão/publicação	2010-12-31			
Local/endereço de transmissão/publicação	www.monumentos.pt ; www.portaldahabitacao.pt ; www.igespar.pt			
Código de arquivo				
Historial de revisão	Data	Versão	Revisão	Responsável

EDITORIAL

O Estado português, as regiões autónomas e as autarquias locais têm competências específicas e inalienáveis no domínio da protecção e valorização do património cultural. Todavia, a preservação desse legado é, face à lei, responsabilidade de todos os portugueses: de indivíduos e de organizações (sejam elas públicas ou privadas), de detentores, gestores, estudiosos, utilizadores e fruidores.

Assim sendo, uma política efectiva e consequente de preservação e valorização dos testemunhos materiais que fundamentam a memória nacional, a das diversas regiões, comunidades e indivíduos, deverá, tanto quanto possível, privilegiar soluções contratuais dinâmicas e flexíveis que assegurem a colaboração entre os diversos protagonistas, garantam o envolvimento interessado e activo dos detentores e utilizadores desse património e promovam a racionalização e a articulação de investimentos.

De acordo com diversas cartas e convenções internacionais que visam a protecção do património arquitectónico, urbanístico e paisagístico, a produção, aquisição, conservação, divulgação e acesso a informação actualizada e a documentação autêntica sobre esses bens culturais são consideradas actividades essenciais de suporte ao reconhecimento, identificação, estudo, compreensão e “apropriação” desses objectos patrimoniais pelos indivíduos, comunidades e organizações e, bem assim, à sua gestão, salvaguarda e valorização.

Nessa medida, promover a produção e a recolha, o processamento e a conservação, a disseminação e a utilização de mais e melhor informação e documentação sobre esse património por parte dos agentes públicos e privados com intervenção no sector, assim como pelos cidadãos em geral, poderá ser uma eficaz estratégia para:

1. aumentar a consciência pública sobre a qualidade da arquitectura e do ambiente construído e sobre a importância da sua protecção e valorização;
2. reforçar a percepção de que o património arquitectónico, urbanístico e paisagístico pode ser um poderoso factor de distinção e de identidade individual e colectiva, bem como um eficaz motor de qualificação e desenvolvimento de lugares e regiões;
3. melhorar a qualidade da gestão e utilização desse património;
4. promover a transparência e as condições de participação pública nos processos decisórios, bem como a responsabilização social dos vários intervenientes.

Por outro lado, o Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, I.P. (IHRU) e o Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, I.P. (IGESPAR), por força das suas atribuições nos domínios da salvaguarda e valorização do património arquitectónico, da reabilitação urbana e dos sistemas de informação patrimonial, são detentores de conhecimentos específicos e de experiência técnico-científica, de metodologias e instrumentos especializados de identificação, documentação e divulgação de património arquitectónico, urbanístico e paisagístico, recursos que importa disponibilizar junto dos agentes e utilizadores desse património.

KITS – Património é, justamente, uma colecção de guias práticos de nível básico sobre inventariação de património arquitectónico, urbanístico e paisagístico, assim como de outro tipo de património cultural de algum modo àquele associado. Da responsabilidade editorial conjunta do IHRU e do IGESPAR, esta colecção foi concebida e lançada como uma medida do *Programa Simplex 2008* (M147), iniciativa governamental que, no

domínio *Cidadania*, incentiva acções que visem “disponibilizar a informação necessária ao ordenamento do território”, designadamente através da disseminação de “manuais e guias práticos”.

São objectivos desta colecção:

1. Dotar os agentes do património cultural e os cidadãos em geral de instrumentos técnicos que os orientem e apoiem em acções de reconhecimento, identificação e documentação do “seu” património;
2. Promover a constituição de inventários patrimoniais tecnicamente consistentes de âmbito local e sectorial, e a sua utilização como ferramentas de apoio à salvaguarda e valorização;
3. Contribuir para a criação e o desenvolvimento de uma rede de informação patrimonial que garanta a transmissão e o intercâmbio de dados consistentes e com um grau aceitável de rigor entre sistemas de informação e documentação, bem como a sua divulgação junto dos diversos públicos potenciais.

Cada um dos números desta colecção, dedicado a um tipo específico de património ou a um aspecto concreto da sua gestão e utilização, deve ser considerado uma obra em aberto, um projecto em curso, sujeito, por isso, a actualizações periódicas que não só incorporem as melhores práticas no sector como as sugestões e os contributos dos seus utilizadores finais. O grau de profundidade dos conteúdos apresentados em cada um dos números será, portanto, assumidamente desigual, reflectindo mais o estado de desenvolvimento do conhecimento disponível, a cada momento, sobre cada matéria, do que uma decisão equalizadora de estratégia editorial.

A sua publicação é preferencialmente realizada em formato electrónico e a sua distribuição oficial, livre de encargos, assegurada através dos sítios *web* institucionais e temáticos dos editores.

Em suma, **KITS – Património** resulta da genuína e empenhada vontade dos seus editores e autores de trabalharem concertadamente tendo em vista a preparação e a disponibilização, junto da comunidade, de um conjunto consensual de conhecimentos básicos, experiências e instrumentos que fomentem a cultura de partilha, viabilizem o esforço cooperativo e promovam a rentabilização de investimentos dos vários interessados e intervenientes na salvaguarda e valorização do património arquitectónico, urbanístico e paisagístico do país.

Em última análise, com a publicação desta colecção procuram os seus editores contribuir para a operacionalização dos seguintes princípios orientadores da sua actividade patrimonial: “conhecer para valorizar”; “informar para proteger”.

INTRODUÇÃO

1. Definição

- 1.1. No âmbito genérico dos Kits Património produzidos pela parceria IHRU-IGESPAR, o KIT06 é um instrumento de apoio à identificação, registo / documentação, interpretação, estudo, salvaguarda e valorização de objectos do Património Arquitectónico, mais precisamente as Igrejas de Misericórdia e respectivos anexos.
- 1.2. Por património arquitectónico religioso das Misericórdias entende-se, para efeitos de utilização do presente guia, o conjunto dos edifícios religiosos (contemplando os edifícios ou estruturas construídas e seus componentes) construídos pelas Confrarias de Misericórdia como sede própria e aos quais determinado *indivíduo, comunidade ou organização* reconhece, num dado *momento* histórico, interesse cultural e ou civilizacional, independentemente da natureza dos valores em que esse interesse radique:
 - valor arquitectónico (artístico, construtivo, funcional),
 - valores histórico e documental,
 - valores simbólico e identitário.
- 1.3. Este guia não deve ser confundido com:
 - uma norma de inventariação de património arquitectónico;
 - um esquema de meta-informação de suporte ao desenvolvimento de aplicações informáticas de gestão de inventários de património arquitectónico.

2. Conteúdos

- 2.1. O presente documento resulta de um trabalho de recolha, análise, (re)processamento, discussão e síntese de um conjunto de conhecimentos teóricos e práticos sobre inventariação de património arquitectónico religioso detidos pelos seus autores.
- 2.2. Os conteúdos desta edição sobre património arquitectónico das Igrejas de Misericórdia servem de matriz e complementam os conteúdos sobre tipologias arquitectónicas gerais editadas no KIT01 desta colecção.
- 2.3. Os conteúdos agora publicados podem ser aprofundados através da consulta dos inventários patrimoniais geridos por ambos os editores e disponíveis em www.monumentos.pt e www.igespar.pt.

3. Comentários

- 3.1. O presente trabalho é um documento em constante actualização. Os editores encorajam todos os interessados a contribuírem com comentários e sugestões que visem a melhoria dos seus conteúdos.

3.2. Esses comentários e sugestões, para serem considerados no documento final, deverão ser enviados para qualquer um dos seguintes endereços do ponto focal *KITS Património* e recebidos até 31 de Março de 2011:

- endereço electrónico: kitspatrimonio@ihru.pt ;
- endereço postal:

KITS – Património
Forte de Sacavém
Rua do Forte de Monte Cintra
2685 – 141 SACAVÉM

I – IGREJAS DE MISERICÓRDIA

A arquitectura religiosa constitui um dos principais núcleos do património arquitectónico e artístico português, sendo as Confrarias da Misericórdia responsáveis pela edificação de grande número de templos, que em Portugal, segundo Rafael Moreira (MOREIRA, p. 142) tinham o estatuto canónico de Igrejas.

Este tipo de património arquitectónico suscita, hoje em dia, grande interesse por parte das autoridades, dos especialistas e da população. Em primeiro lugar porque esses templos configuram uma tipologia arquitectónica específica, na medida em que traduzem necessidades funcionais e decorativas distintas. Por outro lado, porque essas igrejas estão frequentemente associadas a outros anexos administrativos e ao antigo hospital, constituindo complexos arquitectónicos mais ou menos íntegros e muito ligados às vivências e memória colectiva das diversas comunidades locais. Por fim, porque se trata de um legado construído frequentemente em risco, sujeito à pressão de necessidades funcionais divergentes das originais.

1. ÂMBITO DO ESTUDO

O KIT06 resulta do estudo comparativo dos cerca de 250 templos inventariados no SIPA, os quais foram construídos pelas Confrarias de Misericórdia para sua sede. Este universo arquitectónico, à excepção da antiga igreja portuguesa de Olivença, actualmente integrada em território espanhol, está implantado em território de Portugal continental. Algumas igrejas, como a de Coimbra e a de Estremoz, já foram demolidas; outras, como a de Cantanhede, a de Asseiceira ou a de Alcoutim, encontram-se profundamente adulteradas ou foram truncadas. Ainda assim foram tidas em conta para o presente estudo, tendo, para o efeito, sido utilizados como base de trabalho vestígios subsistentes, e descrições documentais e iconográficas a elas referentes.

Neste estudo foram excluídos:

- Os templos integrados noutros grupos tipológicos, legados ou adquiridos pelas Santas Casas, como a actual capela da Misericórdia de Murça ou de Pêso da Régua, antigas capelas privadas; a actual igreja de Misericórdia de Cantanhede, um antigo convento Capucho da Província de Santo António; a de Figueira da Foz, fundada apenas a 5 de Novembro de 1839 e igualmente instalada no antigo Convento de Santo António; a actual Misericórdia de Coimbra, sediada no antigo Colégio dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, o Colégio da Sapiência; a de Lamego, sediada na igreja do antigo Mosteiro das Chagas; e tantos outros.
- As igrejas ou capelas administradas pelas Misericórdias, como por exemplo as ermidas de Nossa Senhora do Ameal e de São Julião, em Torres Vedras.
- Os retábulos que as Misericórdias administravam noutras igrejas, tal como o que o de Nossa Senhora do Bom Sucesso que a Misericórdia de Borba administrava na Igreja de Nossa Senhora do Soveral, ou o da Misericórdia do Botão, instalado no absidíolo do Evangelho da Igreja Paroquial local.

Além das igrejas, foram focados neste estudo, ainda que subsidiariamente, como imóveis de acompanhamento e desde que se encontrassem adossados ou envolvendo as igrejas, os hospitais de Misericórdia. Relativamente a estes imóveis secundários, menos estudados e muito alterados pelas suas sucessivas adaptações a outros serviços assistenciais, não procurámos proceder a uma classificação tipológica exaustiva.

2. A FUNDAÇÃO DA PRIMEIRA MISERICÓRDIA E DIFUSÃO DE CONGÉNERES

A primeira Santa Casa da Misericórdia foi fundada pela rainha D. Leonor, em 1498, na Capela de Nossa Senhora da Piedade da Terra Solta, no claustro da Sé de Lisboa, sob a invocação da Visitação de Nossa Senhora. Só no início do século XV a Misericórdia de Lisboa construiria casa própria, bastante ampla, com três naves e capela-mor.

Logo em 1499, D. Manuel, através de um despacho datado de 14 de Março, promove a instituição de confrarias semelhantes por todo o reino, já que determina “que em todas as cidades, vilas e lugares principais de nosso Reino se estabeleçam Confrarias da Misericórdia”. A partir de então, são instituídas Confrarias da Misericórdia por todo o território português e além-mar, tendo sido fundadas, até 1529, 61 confrarias.

Existem vários factores para o sucesso das Misericórdias e para a sua larga difusão por todo o país. Desde o início que estas confrarias beneficiaram da protecção régia e da concessão de grandes privilégios. Além disso, eram instituições autónomas face ao poder municipal e ao poder eclesiástico, pois os bispos não podiam interferir na vida da confraria. De facto, apesar da independência das Misericórdias face à autoridade episcopal não ser total, pois havia licenças que só os prelados podiam conceder, como a autorização para construção de novos altares ou para levar o Santíssimo Sacramento aos hospitais, e dos prelados terem direito de vistoriar as Misericórdias relativamente ao espiritual (inspecção dos altares e objectos de culto), a interferência, em termos práticos, era bastante reduzida. Por outro lado, cada uma das Misericórdias era autónoma, já que não estava sob a autoridade de nenhuma outra, podendo seguir as suas próprias normativas, desde que inspiradas no Compromisso da Misericórdia de Lisboa. O provedor era a autoridade máxima dentro de cada Misericórdia e apenas prestava contas ao rei através dos provedores das comarcas.

As próprias regras de admissão às Confrarias definiam o carácter “elitista” das Misericórdias, uma vez que se estipulava que os irmãos tinham de saber ler e escrever. Os de primeira condição eram nobres, proprietários e clérigos, sendo os cargos de oficiais da Mesa (provedor, escrivão, tesoureiro e mordomo da bolsa), ocupados pelas elites locais. Em algumas sedes das dioceses, como Lisboa, Évora e Faro, os prelados chegaram a ocupar o cargo de provedor. No caso dos irmãos de segunda categoria, os mecânicos, deviam possuir oficina própria e, como tal, ter a categoria de mestres. Isto fazia com que as Misericórdias, em termos locais, ocupassem o primeiro lugar na hierarquia associativa.

Por todas estas razões, as Misericórdias transformaram-se num elemento essencial do poder local que, em Portugal, se passou a basear na trilogia Câmara – Bispo - Misericórdia (SÁ, p. 73). Esta importância reflecte-se no facto de ser a igreja de Misericórdia a acolher o culto da Matriz ou Paroquial em caso de calamidade, tal como aconteceu após o terramoto de 1 de Novembro de 1755, ou durante obras nas mesmas, como aconteceu em Viana do Castelo, após o incêndio de 1806. Noutros casos, acolhe no seu próprio seio outras Irmandades, como aconteceu na Misericórdia do Porto, que recebeu a Irmandade de São Filipe de Nery, ou na Misericórdia de Alandroal, que recebeu a Ordem Terceira que São Francisco.

3. IMPLANTAÇÃO DAS IGREJAS DE MISERICÓRDIA

As Misericórdias foram fundadas na maioria das então sedes concelhias, nos burgos de maior importância sócio-cultural e económica, ou onde já existia uma tradição assistencial forte, com Irmandades ou Confrarias a prestarem assistência a pobres, doentes e a

presos em pequenos hospitais ou albergues, os quais muitas vezes, as Misericórdias viriam a aglutinar e administrar.

Inicialmente, várias confrarias da Misericórdia instalaram-se no interior de templos já existentes e administrados pelo clero secular ou por outras confrarias. Por exemplo, a Misericórdia de Lisboa, a de Coimbra e a do Porto instalaram-se em capelas nos claustros das Sés. Outras, como Penela, Pereira e Batalha ocuparam espaços dos edifícios ou as próprias capelas das confrarias assistenciais, as quais passaram a administrar, especialmente as do Espírito Santo. Muitas conservam ainda elementos quinhentistas ou até anteriores desses templos pré-existentes. Refira-se, a título de exemplo, as Misericórdias de Alfaiates, Proença-a-Velha, Ansião, Sabugal e de Albufeira.

Depois, à medida que as Misericórdias conseguiam consolidar a sua posição financeira e social, procederam à ampliação, reforma e melhoramento dos locais de culto. Outras vezes construíram templos autónomos que, progressivamente foram igualmente melhorando ou adaptando às novas correntes estilísticas e às novas necessidades.

As igrejas de Misericórdia localizam-se no centro do núcleo urbano, ainda no interior da zona medieval ou já nas zonas de expansão urbanística, quase sempre nas principais vias ou praças, o mais próximo possível dos dois outros pólos do poder local: os Paços do Concelho e a Igreja Matriz ou Paroquial, reflectindo arquitectonicamente a importância político-social que detinham.

4. A ARQUITECTURA DAS IGREJAS DE MISERICÓRDIA

As igrejas de Misericórdia como um todo, apresentam diferentes épocas construtivas e são o resultado da sua progressiva evolução, com as sucessivas reformas, modificações e, em muitos casos, adulterações mais ou menos significativas. Seguem as tendências estéticas e artísticas da região em que se implantam, da época em que nelas se interveio e até o gosto dos seus promotores. Atente-se, por exemplo, nas Misericórdias da região de Coimbra, que seguem a tradição coimbrã da escultura decorativa, quer no exterior, quer na retabulística interior; nas da região de Viana do Castelo, mais influenciadas pela tratadística e pela obra dos engenheiros militares; ou nas da região do Alentejo, com os elementos estruturais sublinhados a ocre ou azul e a pintura mural a enriquecer o seu interior.

Em quase todas as igrejas construídas na centúria de quinhentos é notória uma intervenção durante o século XVII, o “século de ouro” das Misericórdias, seja em termos de ampliação ou apenas reforma decorativa, o que contribuiu para uma certa uniformidade estilística com características maneiristas. Estes mesmos edifícios viriam a sofrer obras, mais ou menos profundas, na centúria seguinte.

Em termos estruturais e de linguagem estética e artística, sobretudo exterior, as igrejas de Misericórdia apresentam muitas características comuns às das igrejas paroquiais. Ainda assim, as Santas Casas irão desenvolver características tipológicas específicas, que um olhar mais atento permite individualizar no panorama patrimonial nacional.

Planimetricamente apresentam planta rectangular longitudinal, com a fachada principal desenvolvida na face mais estreita, ou rectangular de eixo longitudinal interno, com a fachada principal desenvolvida na face mais comprida do rectângulo, à semelhança das igrejas monacais. Esta solução, mais incidente em alguns distritos, como o de Viana do Castelo, por exemplo, ainda não foi devidamente estudada, mas poderá ter surgido como adaptação à exiguidade do espaço disponível para construção e como intenção de direccionar a fachada principal para a via pública mais importante.

Independentemente desta opção, as igrejas possuem maioritariamente uma nave e presbitério sobrelevado, uma tipologia tardo-renascentista, segundo Rafael Moreira, ou planta composta por nave e capela-mor, seguindo o esquema mais tradicional no país.

Menos frequentes, são as igrejas de três naves, que também podem surgir com presbitério (Santarém e Tavira) ou capela-mor (Elvas). A Misericórdia de Beja tem igualmente três naves e presbitério, mas constitui um caso à parte, visto ter sido construída inicialmente como mercado municipal e ter arcadas em três das suas fachadas. Existem ainda três igrejas com transepto inscrito (Viana do Castelo, Castelo de Vide e Montemor-o-Velho), todas de eixo longitudinal interno, fachada principal na face mais comprida e com cúpula a cobrir a capela-mor, e uma em cruz grega (Faro).

As fachadas principais são normalmente simples e terminam predominantemente em empena ou em frontão, mas as igrejas de construção mais tardia podem apresentar maior dinamismo, e ter frontões recortados ou tabela, ser divididas em vários panos e registos, atingindo o número máximo de cinco panos (Viseu), duas delas apresentando galilé (Chaves e Porto); podem integrar torres sineiras laterais ou simples sineiras, transformando-as em fachadas harmónicas (Guarda, Penalva do Castelo, Viseu, Ourique, Campo Maior e outras). Apenas a Misericórdia de Vila Flor possui fachada torre, e essa resulta de uma reforma do século XIX.

O esquema de vãos pode ser simples, formado apenas pelo portal, em arco ou de verga recta (Algozo, Penamacor), ou composto por um ou mais eixos de vãos, o central, formado pelo portal enquadrado por colunas ou pilastras ornadas, suportando entablamento decorado, sobreposto por nicho com imagem ou baixo-relevo / brasão com as armas nacionais, símbolo da protecção régia / janela ou óculo, num esquema alternado (Freixo de Espada-à-Cinta, Bragança, Arcos de Valdevez, Arganil, Vila Cova de Alva, Tentúgal), enquadrado por janelas ou óculos circulares (Buarcos, Santarém, Pereira), por vezes sobrepostos sobre si mesmos ou sobre portais, formando eixos laterais (Mirandela, Arcos de Valdevez, Santar, Mangualde). O estudo mais profundo de algumas Misericórdias permite-nos verificar que muitas das janelas do frontispício foram rasgados no século XVIII, período em que se procurou aumentar a luminosidade no interior das igrejas.

Algumas igrejas apresentam um esquema decorativo mais elaborado e com o portal enquadrado ou sobreposto por representações escultóricas, como as Virtudes (Pereira, Covilhã), a Anunciação (Tentúgal), vários Santos em nicho (Aveiro, Braga) ou mísula (Ponte de Lima), medalhões relevados (Torre de Moncorvo, Caminha), e outros.

Podem ainda possuir a denominada "Varanda de Pilatos", uma janela existente num dos ângulos da fachada principal, onde, durante a procissão da Via-Sacra, se marcava o passo do "*Ecce Homo*" (Galizes, Santarém, Algodres, Melo e Torre de Moncorvo).

Contrastando com a simplicidade exterior, o interior é decorativamente mais rico. O seu programa iconográfico, em pintura mural, estuque, azulejos, ou telas aplicadas em molduras de talha, apresenta grande homogeneidade, tendo temática cristológica e mariana, com ciclos da vida da Virgem ou de Cristo, ou alusiva à acção social desenvolvida pelas Misericórdias. Esta traduz-se na representação das 14 Obras da Misericórdia, ilustradas com cenas da vida de Cristo, diversas cenas Bíblicas, ou outras, ou com alegorias directamente alusivas a essas obras ou a outras acções da Misericórdia (botica, a dotação das raparigas orfãs e/ou pobres, etc.), por vezes com inscrições identificando as representações ou citando os textos Bíblicos. Este programa pode limitar-se aos paramentos da igreja (Évora, Viana do Castelo, Évora Monte, Redondo, Moncarapacho, Tavira) ou espriar-se para a cobertura, que pode ser em abóbada, de

vários perfis, falsa abóbada, ou plana, de madeira (Peniche, Vila Nova da Baronia, Cabeção, Castro Verde). Surge ainda na sala do despacho (Santarém, Abrantes, Montemor-o-Novo) ou no espaldar da sacristia (Peniche, Monsaraz).

As igrejas possuem coro-alto de madeira, ou em cantaria, sobre um ou mais arcos, apoiado directamente nas paredes, ou sobre colunas, em algumas regiões integrando, entre o fuste e os plintos, pias de água benta.

Independentemente da estrutura planimétrica da igreja, a nave abre para a sala do despacho através de tribunas rasgadas, simples, em arco ou arquivadas, por vezes sustentadas por colunas sobre plintos, contribuindo para o aumento da elegância interior (Bragança, Vila Cova de Alva, Cós, Alvorninha, Lourinhã, Torres Novas, Ferreira do Alentejo, Buarcos, Lousã, Montemor-o-Velho, Pereira, Soure, Tentúgal, Vila Nova de Anços). Este esquema resulta da adaptação às necessidades das Confrarias, visto que todos os seus encontros semanais, as assembleias e as eleições da Mesa, no dia da *Visitação* (2 de Julho), eram obrigatoriamente precedidos por ofícios religiosos, sentando-se os mesários num cadeiral, disposto na sala do despacho junto à tribuna. Esta constitui, portanto, uma característica tipológica própria das Misericórdias. Normalmente, quando as tribunas surgem rasgadas na capela-mor, são mais tardias, de finais do século XVIII, do XIX ou até do XX.

Ao longo do século XVIII e XIX, as tribunas deixaram de ser rasgadas nas paredes para serem construídas em madeira ou pedra para acomodarem os cadeirais dos mesários, em talha ou couro, sobrelevados, a meio da nave, junto ao coro, por vezes formando com ele um L ou um U (Abrantes, Veiros, Campo Maior, Crato, Castelo de Vide, Fronteira, Nisa, Sousel, Monchique, Melgaço, Valença), ou então dispostos no pavimento sobre um soco (Arraiolos, Silves, Ponte da Barca). A necessidade continuava a ser a mesma, apenas se modernizou o conceito. Algumas Misericórdias conservam as duas soluções, a tribuna rasgada para a sala do despacho e a tribuna sobre mísulas com o cadeiral dos mesários (Coruche, Ericeira, Peniche).

O púlpito, com bacia de cantaria, guarda plena ou vazada, em balaustrada ou ferro, sobre mísula (Buarcos, Sousel, Évora Monte, Vila de Alva, Ourique, Caminha, Montemor-o-Novo, Arganil, Penela) ou coluna balaústre (Proença-a-Velha, Melo, Torre de Moncorvo, Elvas), dispõe-se no lado da Epístola ou do Evangelho, normalmente no lado oposto à tribuna, quando existente, sendo acedido por vão rasgado na parede ou por escada. Apenas sete igrejas têm dois púlpitos confrontantes (Guimarães, Mirandela, Póvoa do Varzim, Viana do Castelo, Celorico da Beira (um deles já desactivado), Leiria, Cascais). Algumas Misericórdias apresentam ainda púlpito exterior (Fundão, Marialva).

Relativamente às capelas laterais, quando existentes, o seu número varia de uma a seis, caso de Viana do Castelo, com vão em arco de volta perfeita e albergando retábulos de diversos estilos, constituindo uma excelente amostra da talha portuguesa. As capelas laterais profundas são pouco frequentes e de construção tardia (Bragança, Miranda do Douro, Buarcos, Vila Viçosa).

Quanto às capelas colaterais, nos casos das igrejas de planta composta de nave e capela-mor, surgem, maioritariamente, dois retábulos ladeando o arco triunfal (Montemor-o-Velho, Pereira, Leiria, Tomar), por vezes dispostos em ângulo (Lousã, Vila Cova de Alva, Sertã, Caminha, Arcos de Valdevez, Monção, Ponte da Barca, Vila Nova de Cerveira). Nas igrejas de nave e presbitério, a parede testeira é rasgada pela capela-mor e duas colaterais, em arcos de volta perfeita, sobre pilastras, albergando retábulos (Buarcos, Alenquer, Penela, Soure, Óbidos); quando não existem os vãos, ocupam toda a parede testeira apenas os retábulos, em talha ou em cantaria, interligados entre si (Melo,

Peniche, Chaves, Montalegre, Évora, Tentúgal, Braga), constituindo uma tipologia restrita às Misericórdias, conforme apontado por Francisco Lameira.

Segundo o mesmo autor, os retábulos podem ser devocionais - dedicados a um só tema - , eucarísticos - destinados à exposição solene do Santíssimo Sacramento -, ou narrativos ou didáticos, com representações alusivas à vida da Virgem, de Cristo ou da acção das Misericórdias. A Virgem surge como protectora e intercessora dos homens, na figura da "*Mater Omium*", ou em cenas que se interligam com a vida de Jesus, destacando-se a *Visitação a Santa Isabel*, já que essa foi a invocação da maioria das Irmandades e o dia escolhido para a eleição dos mesários. O programa "pedagógico-catequético" recorre ainda à tratadística, nomeadamente ao tratado de Frei Luís de Melgaço "Explicação das Obras de Misericórdia", que usa os exemplos de homens fiéis do Velho e do Novo Testamento, dos Santos Padres, os Santos e as Virtudes (Cardeais e Teologais) como símbolo da caridade e objecto de misericórdia, praticada por eles próprios ou privilegiados pela grande misericórdia de Deus.

Nas igrejas de Misericórdia surge, ainda, a figura do Cristo morto, isolado ou rodeado por um grupo escultórico (as Santas Mulheres, São João, Nicodemos e José da Arimateia), integrado num vão aberto no frontal do presbitério (Tentúgal e Buarcos), ou num altar expositivo (Chamusca, Montemor-o-Velho, Seia, Álvaro, Oleiros e Lamego), em madeira ou cantaria, que na região de Coimbra ou zona de influência assume uma expressão plástica muito característica; por vezes encontra-se já incompleto. Estes grupos escultóricos eram fechados ou protegidos por portas envidraçadas durante grande parte do ano e expostos apenas em momentos litúrgicos específicos da Semana Santa.

À igreja adossam-se vários anexos, como a sacristia, a casa da cera, o cartório, a sala do despacho e, por vezes, o próprio albergue ou hospital. Dispõem-se quase indiferentemente à direita ou à esquerda da igreja, com a sua fachada principal desenvolvida na mesma orientação daquela, para a fachada lateral ou para a posterior.

Interiormente, a sacristia e a casa do despacho revelam igualmente grande preocupação decorativa, podendo apresentar as paredes com azulejos figurativos ou de padrão formando silhar e os tectos em madeira ou com pintura mural ou estuques. A sacristia possui o usual lavabo, de espaldar sóbrio ou recortado e concheado, e o arcaz com espaldares almofadados, pintados, entalhados ou espelhados, integrando pequeno nicho. Por vezes, quer a sacristia, quer a casa do despacho, possuem ainda um nicho (sala do despacho da Misericórdia de Abrantes) ou um retábulo (sacristia da Misericórdia de Santarém, sala do despacho de Elvas), em talha ou cantaria. Para além deste património integrado, qualquer um destes espaços pode apresentar também um ou mais armários de confraria, armários dos mesários, armário de bandeiras, entalhados e pintados (Chamusca, Arcos de Valdevez) e, por vezes, um cofre embutido (Montemor-o-Novo).

Algumas salas do despacho ainda conservam a mesa de reunião, circular, quadrangular ou rectangular, circundadas pelos cadeirais, de três ou quatro lugares cada, ou pelas cadeiras individuais dos mesários, em madeira, couro ou palhinha, destacando-se os exemplares da Misericórdia de Abrantes, Vila Viçosa e Montemor-o-Novo. Realça-se esta última, não só pela qualidade da pintura mural da cobertura em falsa abóbada de lunetas, como também por todo o mobiliário e património móvel subsistente. Na mesma Misericórdia destaca-se igualmente a sala do cartório, comunicante com a do despacho e que dispõe de armários entalhados rococós, contrastando notoriamente com a singeleza de algumas Misericórdias que tinham apenas uma burra ou um pequeno cofre na sala do cartório (Pereira).

O hospital apresenta planta rectangular simples ou composta por vários corpos organizados à volta de um pátio, com nítidas influências italianizantes. Especialmente, as enfermarias são amplas, tipo nave, podendo ser inter-comunicantes entre si ou acedidas

por um corredor, disposto à volta do pátio, possuindo num dos topos retábulo de talha ou mármore (Vila Viçosa). O pátio apresenta um ou dois pisos, com vãos em arco ou arquivados, sobre pilares ou colunas. A escada desenvolve-se a partir do vestíbulo, central ou não, com maior ou menor imponência, ou numa das alas do pátio. Alguns pátios conservam ainda o espaço da antiga capela que ali existia normalmente (Vila Viçosa).

A frontaria do hospital tem um a três pisos, com vários panos, rasgados num ritmo regular, por janelas de diferentes perfis, normalmente com eixo principal sobrepondo vários vãos, nicho com imaginária e/ou brasão nacional. O hospital de Viana do Castelo, estabelecendo a transição do maneirismo para o barroco, com pano organizado por varanda e loggias sobrepostas, com varanda de convalescentes, e grande densidade de ornamentação figurativa, constitui um modelo de importação e uma experiência isolada e sem paralelo nos demais edifícios hospitalares.

Pelo exposto, percebemos a importância de estudar e preservar estes edifícios ou núcleos construídos, que ainda conservam a estrutura tipológica, o património integrado e o programa iconográfico próprio das Misericórdias e do espírito e acção assistenciais que as mesmas desenvolveram ao longo dos séculos. Considerando os perigos que alguns destes templos correm, especialmente pela incompreensão perante alguns elementos, como as tribunas com o cadeiral dos mesários, conduzindo ao seu apeamento, como ocorreu nas Misericórdias de Mirandela e Proença-a-Velha, bem como dos antigos hospitais, devido à necessidade de modernização perante as novas normas de saúde, ou à adaptação a novas utilizações, urge identificá-los e estudá-los, de modo a prezá-los e a preservá-los.

II. ELEMENTOS DO REGISTO DE INVENTÁRIO

1. Registo de inventário

- 1.1. O inventário do património arquitectónico é um conjunto estruturado e normalizado de registos referentes a edifícios, estruturas contruídas e ou aos seus componentes.
- 1.2. Do ponto de vista do grau de profundidade ou detalhe da informação apresentada, esses registos podem incluir-se em duas categorias: registos de inventário; registos de pré-inventário.

2. Elementos de informação do registo de inventário

- 2.1. A escolha da estrutura de elementos de informação que integram os registos de inventário e de pré-inventário deverá resultar da ponderação dos seguintes factores condicionantes: objectivos/funções, produtos e destinatários previstos; recursos financeiros, tecnológicos e humanos disponíveis; período de tempo.
- 2.2. A tabela seguinte apresenta um modelo de estrutura-base de elementos de informação que poderão integrar um registo de inventário de um edifício, estrutura construída ou seus componentes:

ELEMENTO		PREENCHIMENTO	KIT FONTE
01	Categoria	Obrigatório	√
02	Tipo	Obrigatório	√
03	Identificador	Obrigatório	KIT01
04	Designação	Obrigatório	KIT01
05	Localização	Obrigatório	KIT01
06	Acesso	Obrigatório	KIT01
07	Protecção	Obrigatório	KIT01
08	Época de construção	Obrigatório	KIT01
09	Imagem	Obrigatório	KIT01
10	Enquadramento	Obrigatório	KIT01
11	Descrição	Opcional	√
12	Arquitecto / Construtor / Autor	Opcional	KIT01
13	Cronologia	Opcional	KIT01
14	Tipologia	Opcional	√
15	Bens móveis	Opcional	√

16	Utilização inicial	Opcional	√
17	Utilização actual	Opcional	KIT01
18	Proprietário	Opcional	KIT01
19	Utente	Opcional	KIT01
20	Conservação geral	Opcional	KIT01
21	Documentação	Opcional	KIT01
22	Observações	Opcional	KIT01
23	Autor	Obrigatório	KIT01
24	Data	Obrigatório	KIT01
25	Tipo de registo	Obrigatório	KIT01

2.3. Segundo o modelo de estrutura-base de elementos de informação referido em 2.2., consideram-se:

2.3.1. *registos de inventário* aqueles que apresentam informação em todos os elementos (01 a 25);

2.3.2. *registos de pré-inventário* aqueles que apresentam informação nos elementos considerados de preenchimento obrigatório (01 a 10; 23 a 25).

2.4. Cada um dos 25 elementos de informação apresentados na tabela acima é, neste guia, objecto de uma *ficha de elemento* da qual constam os seguintes dados e indicações:

DEFINIÇÃO / OBJECTIVO	Descreve a informação que é captada pelo elemento e indica os objectivos que se pretendem atingir com a utilização do elemento.
OBRIGAÇÃO	Indica se a utilização do elemento é obrigatória (essencial) ou opcional.
APLICABILIDADE	Indica o nível/escala ou tipo de objecto arquitectónico em cuja descrição o elemento é aplicável.
CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO	Expressa quais os requisitos necessários e condições que devem ser asseguradas antes da utilização do elemento, incluindo a dependência de valores específicos a inscrever noutros elementos ou subelementos e quais os efeitos que a utilização do elemento terá nos valores de outros elementos.
TERMOS A UTILIZAR	Lista e define, quando aplicável, os valores que podem ser utilizados no elemento.
FONTE	Referência aos tipos de fontes dos dados / informações a inscrever no elemento.
REGRAS DE PREENCHIMENTO	Indica e define as normas ou métodos que podem ser utilizados para codificar os dados / informações a inscrever no elemento.

OBSERVAÇÕES	Fornece informação adicional para ajudar à compreensão do objectivo e utilização do elemento.				
EXEMPLOS	Apresenta exemplos de preenchimento de dados / informações no elemento. Inclui <i>links</i> para registos de outros sistemas de inventário.				
COTEJO	<table><thead><tr><th>SIPA</th><th>IGESPAR</th></tr></thead><tbody><tr><td>Lista o(s) elemento(s) do SIPA correspondente(s) ao elemento ou a que respeita a presente ficha.</td><td>Lista o(s) elemento(s) a base de dados de inventários do IGESPAR correspondente(s) ao elemento a que respeita a presente ficha.</td></tr></tbody></table>	SIPA	IGESPAR	Lista o(s) elemento(s) do SIPA correspondente(s) ao elemento ou a que respeita a presente ficha.	Lista o(s) elemento(s) a base de dados de inventários do IGESPAR correspondente(s) ao elemento a que respeita a presente ficha.
SIPA	IGESPAR				
Lista o(s) elemento(s) do SIPA correspondente(s) ao elemento ou a que respeita a presente ficha.	Lista o(s) elemento(s) a base de dados de inventários do IGESPAR correspondente(s) ao elemento a que respeita a presente ficha.				

3. Fichas de elemento

01 CATEGORIA

DEFINIÇÃO / OBJECTIVO	Inscreve a tipologia arquitectónica inicial ou consagrada do objecto a inventariar, de acordo com critérios pré-definidos e universalmente aceites, permitindo identificar a funcionalidade genérica e primordial.	
OBRIGAÇÃO	Obrigatório.	
APLICABILIDADE	Todos os tipos de objectos arquitectónicos.	
CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO	A Categoria condiciona e é condicionada pelos valores a inscrever nos elementos <i>Tipo, Tipologia, Utilização inicial e Utilização actual</i> .	
TERMOS A UTILIZAR	Edifício e estrutura construída religiosa. Edifício e estrutura construída de saúde.	
FONTE		
REGRAS DE PREENCHIMENTO	A informação a inscrever neste elemento deve obedecer à seguinte formulação: <i>Edifício e estrutura construída religiosa e de saúde</i>	
OBSERVAÇÕES		
EXEMPLOS	> Edifício e estrutura <i>construída religiosa e de saúde</i>	
COTEJO	SIPA	IGESPAR
	Código tipológico	Categoria de pesquisa

02 TIPO

DEFINIÇÃO / OBJECTIVO	Identifica a função específica, actual ou consagrada, do objecto arquitectónico a inventariar, independentemente da comumente aceite e divulgada, permitindo, em alguns casos, conjecturar sobre os objectos que lhes ficam imediatos, por vezes desaparecidos, sendo possível reconstituir as primitivas malhas urbanas ou rurais e definir o papel que esses objectos arquitectónicos tiveram no desenvolvimento das mesmas.	
OBRIGAÇÃO	Obrigatório.	
APLICABILIDADE	Todos os tipos de objectos arquitectónicos.	
CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO	O <i>Tipo</i> condiciona e é condicionado pelos valores a inscrever nos elementos <i>Categoria</i> , <i>Tipologia</i> , <i>Utilização inicial</i> e <i>Utilização actual</i> .	
TERMOS A UTILIZAR	Capela de Misericórdia Igreja de Misericórdia Hospital de Misericórdia	
FONTE		
REGRAS DE PREENCHIMENTO	A informação a inscrever neste elemento deve obedecer à seguinte formulação: 1 – <i>Capela de Misericórdia</i> 2 – <i>Igreja de Misericórdia</i> 3 – <i>Hospital de Misericórdia</i>	
OBSERVAÇÕES		
EXEMPLOS	<ul style="list-style-type: none"> > Capela de Misericórdia > Igreja de Misericórdia > Hospital de Misericórdia > Igreja e hospital de Misericórdia 	
COTEJO	SIPA	IGESPAR
	Código tipológico	Categoria de pesquisa

03 IDENTIFICADOR - VER KIT01

DEFINIÇÃO / OBJECTIVO					
OBRIGAÇÃO					
APLICABILIDADE					
CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO					
TERMOS A UTILIZAR					
FONTE					
REGRAS DE PREENCHIMENTO					
OBSERVAÇÕES					
EXEMPLOS					
COTEJO	<table border="1"><tr><td>SIPA</td><td>IGESPAR</td></tr><tr><td></td><td></td></tr></table>	SIPA	IGESPAR		
SIPA	IGESPAR				

04 DESIGNAÇÃO – VER KIT01

DEFINIÇÃO / OBJECTIVO		
OBRIGAÇÃO		
APLICABILIDADE		
CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO		
TERMOS A UTILIZAR		
FONTE		
REGRAS DE PREENCHIMENTO		
OBSERVAÇÕES		
EXEMPLOS		
COTEJO	SIPA	IGESPAR

05 LOCALIZAÇÃO – VER KIT01

DEFINIÇÃO / OBJECTIVO		
OBRIGAÇÃO		
APLICABILIDADE		
CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO		
TERMOS A UTILIZAR		
FONTE		
REGRAS DE PREENCHIMENTO		
OBSERVAÇÕES		
EXEMPLOS		
COTEJO	SIPA	IGESPAR

06 ACESSO – VER KIT01

DEFINIÇÃO / OBJECTIVO		
OBRIGAÇÃO		
APLICABILIDADE		
CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO		
TERMOS A UTILIZAR		
FONTE		
REGRAS DE PREENCHIMENTO		
OBSERVAÇÕES		
EXEMPLOS		
COTEJO	SIPA	IGESPAR

07 PROTECÇÃO – VER KIT01

DEFINIÇÃO / OBJECTIVO	
OBRIGAÇÃO	
APLICABILIDADE	
CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO	
TERMOS A UTILIZAR	
FONTE	
REGRAS DE PREENCHIMENTO	
OBSERVAÇÕES	
EXEMPLOS	
COTEJO	SIPA
	IGESPAR

08 ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO – VER KIT01

DEFINIÇÃO / OBJECTIVO		
OBRIGAÇÃO		
APLICABILIDADE		
CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO		
TERMOS A UTILIZAR		
FONTE		
REGRAS DE PREENCHIMENTO		
OBSERVAÇÕES		
EXEMPLOS		
COTEJO	SIPA	IGESPAR

09 IMAGEM – VER KIT01

DEFINIÇÃO / OBJECTIVO		
OBRIGAÇÃO		
APLICABILIDADE		
CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO		
TERMOS A UTILIZAR		
FONTE		
REGRAS DE PREENCHIMENTO		
OBSERVAÇÕES		
EXEMPLOS		
COTEJO	SIPA	IGESPAR

10 ENQUADRAMENTO – VER KIT01

DEFINIÇÃO / OBJECTIVO		
OBRIGAÇÃO		
APLICABILIDADE		
CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO		
TERMOS A UTILIZAR		
FONTE		
REGRAS DE PREENCHIMENTO		
OBSERVAÇÕES		
EXEMPLOS		
COTEJO	SIPA	IGESPAR

11 DESCRIÇÃO

DEFINIÇÃO / OBJECTIVO	<p>Registo da observação objectiva e sucinta da estrutura e elementos caracterizantes do objecto arquitectónico, nas suas vertentes funcionais, morfológicas e decorativas.</p> <p>Permite, ao registar o tipo de estrutura e elementos que compõem o objecto arquitectónico, em determinado momento, detectar qualquer alteração que o mesmo venha a sofrer em períodos posteriores. Permite, ainda, clarificar a estrutura do objecto, utilizando uma linguagem consagrada nas áreas da arquitectura, reabilitação e história da Arte.</p>	
OBRIGAÇÃO	Opcional.	
APLICABILIDADE	Todos os tipos de objectos arquitectónicos.	
CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO		
	Forma da planta	<p>1.Igreja e hospital</p> <p>1.1.Planta geral</p> <p>1.1.1.Rectangular (regular ou irregular)</p> <p>1.1.2. Quadrangular (regular ou irregular)</p> <p>1.1.3.Poligonal</p> <p>1.2.Relação igreja – hospital</p> <p>1.2.1.Igreja à direita do hospital</p> <p>1.2.2.Igreja à esquerda do hospital</p> <p>1.2.3.Igreja integrada no complexo do hospital e anexos</p> <p>2.Igreja</p> <p>2.1.Planimetria</p> <p>2.1.1.Cruz grega</p> <p>2.1.2.Rectangular com capela-mor ou presbitério</p> <p>2.1.3.Rectangular com eixo longitudinal interno com presbitério ou capela-mor</p> <p>2.1.4.Com transepto inscrito</p> <p>2.2.Composta por:</p> <p>2.2.1.Uma nave (domina)</p> <p>2.2.2.Três naves</p> <p>2.2.3.Precedida por galilé</p> <p>2.2.4.Várias capelas laterais</p> <p>2.2.5.Sem capelas laterais</p> <p>2.2.6.Cabeceira</p> <p>2.2.6.1.Capela-mor</p> <p>2.2.6.1.1.Da mesma altura e largura</p> <p>2.3.6.1.2.Mais estreita e mais baixa</p>

	<p>2.3.6.1.3. Da mesma altura e mais estreita</p> <p>2.3.6.1.4. Mais baixa e da mesma largura</p> <p>2.3.6.2. Presbitério</p> <p>3. Anexos</p> <p>3.1. Sacristia rectangular</p> <p>3.2. Casa do despacho rectangular (regular ou irregular)</p> <p>3.3. Cartório rectangular (regular ou irregular)</p> <p>3.4. Outros</p> <p>4. Hospital</p> <p>4.1. Planta rectangular simples</p> <p>4.2. Planta rectangular ou quadrangular, composto por vários corpos à volta de um pátio</p> <p>4.3. Com pátio disposto lateralmente</p>
Volumetria	<p>1. Composta (dois a três corpos)</p> <p>1.1. Igreja</p> <p>1.1.1. Espaços funcionais articulados e/ou escalonados</p> <p>1.2. Anexos</p> <p>1.2.1. Espaços funcionais articulados</p> <p>1.3. Hospital</p> <p>1.3.1. Espaços funcionais articulados</p>
Correspondência entre elementos de composição exterior e orgânica funcional interior	<p>1. Correspondência clara na igreja e anexos</p>
Coberturas externas	<p>1. Forma</p> <p>1.1. Amansardada (utilizadas em zonas do hospital)</p> <p>1.2. Inclínada</p> <p>1.1.1. Várias águas</p> <p>1.1.2. Clarabóia</p> <p>1.2. Cúpula (no cruzeiro ou capela-mor)</p> <p>2. Materiais</p> <p>2.1. Azulejo (na cúpula de Viana do Castelo)</p> <p>2.2. Telha de barro</p> <p>2.3. Vidro</p> <p>3. Elementos de remate</p> <p>3.1. Fogaréis</p> <p>3.2. Pináculos</p> <p>3.3. Pombinhas</p> <p>3.4. Chaminés (utilizadas em zonas do hospital)</p>
Igreja: Fachada principal	<p>1. Tipo de fachada</p> <p>1.1. Fachada simples</p>

	<p>1.2.Fachada harmónica (resultante de reformas de finais do século XVII / séc. XVIII)</p> <p>1.2.1.Sineiras</p> <p>1.2.2.Torres sineiras</p> <p>1.3.Fachada torre (solução única resultante de uma reforma do séc. XIX na Igreja de Vila Flor)</p> <p>1.4.Com torre sineira adossada</p> <p>1.5.Com sineira</p> <p>1.5.1.Disposta no cunhal da igreja</p> <p>1.5.2.Disposta sobre os anexos</p> <p>1.6.Dividida por vários panos</p> <p>1.7.Dividida em vários registos</p> <p>2.Remate</p> <p>2.1.Empena</p> <p>2.1.1.Empena simples</p> <p>2.1.2.Empena curva</p> <p>2.1.3.Empena recortada</p> <p>2.1.4.Empena recta</p> <p>2.1.5.Empena truncada por sineira</p> <p>2.1.6.Empena em cortina truncada por frontão</p> <p>2.1.7.Outra</p> <p>2.2.Frontão</p> <p>2.2.1.Frontão curvo</p> <p>2.2.2.Frontão triangular</p> <p>2.2.3.Frontão triangular sem retorno</p> <p>2.2.4.Frontão interrompido</p> <p>2.2.5.Outro</p> <p>2.3.Platibanda</p> <p>2.4.Tabela</p> <p>3.Cunhais e modinaturas</p> <p>3.1.Pintados</p> <p>3.2.Pilastras</p> <p>3.2.Silhares simples</p> <p>3.3.Silhares almofadados</p> <p>3.4.Silharia fendida</p> <p>4.Revestimento</p> <p>4.1.Cantaria aparente</p> <p>4.2.Rebocado e pintado</p> <p>4.3.Revestido a azulejos</p> <p>5.Vãos (dispostos num único eixo, em três ou em cinco eixos)</p> <p>5.1.Portal axial (um a cinco)</p> <p>5.1.1.Perfil do(s) portal(ais)</p> <p>5.1.1.1.De verga recta</p> <p>5.1.1.2.Em arco (por vezes mainelado, como o de Odemira)</p> <p>5.1.1.2.1.Abatido</p>
--	---

	<ul style="list-style-type: none"> 5.1.1.2.2.Canopial 5.1.1.2.3.Deprimido 5.1.1.2.4.De volta perfeita 5.1.1.2.5.Quebrado 5.1.1.2.6.Outro 5.1.2.Planta(s) do(s) portal(ais) <ul style="list-style-type: none"> 5.1.2.1.Côncava 5.1.2.2.Convexa 5.1.3.Elementos envolventes do(s) portal(ais) <ul style="list-style-type: none"> 5.1.3.1.Aletas ou enolamentos 5.1.3.2.Colunas (indicar a ordem): 2 ou 4, numa ou duas ordens sobrepostas 5.1.3.3.Pilastras (indicar a ordem): 2 ou 4, numa ou duas ordens sobrepostas 5.1.3.4.Friso(s) 5.1.3.5.Cornija(s) <ul style="list-style-type: none"> 5.1.3.5.1.Recta 5.1.3.5.2.Curva 5.1.3.5.3.Contracurvada 5.1.3.5.4.Outra 5.1.3.6.Entablamento 5.1.3.7.Estuque (esgrafitado, pintado ou relevado) 5.1.3.8.Frontão (indicar o tipo) 5.1.3.9.Tabela 5.2.Janela(s) <ul style="list-style-type: none"> 5.2.1.Disposição <ul style="list-style-type: none"> 5.2.1.1.Sobre o(s) portal(ais) 5.2.1.2.Lateral, num ou dois registos 5.2.2.Perfil da janela(s) <ul style="list-style-type: none"> 5.2.2.1.Curvo 5.2.2.2.Rectilíneo 5.2.2.3.Recortado 5.2.3.Tipo de janela(s) <ul style="list-style-type: none"> 5.2.3.1.Capialço 5.2.3.2.Jacente 5.2.3.3.Peitoril 5.2.3.4.Sacada 5.2.3.5.Varandim 5.3.Óculo <ul style="list-style-type: none"> 5.3.1.Disposição <ul style="list-style-type: none"> 5.3.1.1.Sobre o portal 5.3.1.2.Lateral 5.3.1.3.Tímpano 5.3.2.Perfil do óculo <ul style="list-style-type: none"> 5.3.2.1.Circular
--	---

	<p>5.3.2.2.Losango 5.3.2.3.Oval 5.3.2.4.Polilobado 5.3.2.5.Recortado</p> <p>5.4.Fresta</p> <p>5.5.Nicho(s) (indicação do perfil e da(s) imagem(ns) que alberga(m) 5.5.1.Disposição 5.5.1.1.Sobre o portal 5.5.1.2.Lateral 5.5.1.3.No tímpano</p> <p>5.6.Brasão nacional (sobre o portal ou janela axial ou no tímpano)</p> <p>5.7.Grupo(s) escultórico(s) 5.7.1.Representação 5.7.1.1.Virgem da Misericórdia (“Mater Omnium”) (em cantaria ou num registo de azulejos) 5.7.1.2.Pietá 5.7.1.3.Alegoria(s) (indicação de qual(ais) 5.7.1.4.Virtude(s) (indicação de qual(ais) 5.7.1.5.Visitação 5.7.1.6.Estátua (indicar qual)</p> <p>5.8.Elementos decorativos 5.8.1.Avental 5.8.2.Brincos 5.8.3.Cartelas 5.8.4.Concheados 5.8.5.Cornijas ou fragmentos de cornija 5.8.6.Frontões 5.8.7.Outros</p> <p>5.9.Outros elementos da fachada 5.9.1.Passo de Pilatos 5.9.1.1.Em forma de “varanda de Pilatos” (frontal, de ângulo ou lateral) 5.9.1.1.Em forma de “Passo da Via-Sacra” 5.9.2.Púlpito exterior (sobre mísula ou coluna balaústre)</p>
Igreja: iluminação	<p>1.Vãos axiais 2.Vãos unilaterais 3.Vãos bilaterais</p>
Igreja: cobertura	<p>1.Abóbada (especificar o tipo) 2.Falsas abóbadas (especificar o tipo e o material) 3.Cúpula</p>

	4.Tecto (especificar o tipo)
Igreja: pavimento	1.Lajeado 2.Taburnos de madeira com réguas de cantaria 3.Ladrilho cerâmico 4.Soalho 5.Integração de lápides sepulcrais
Igreja: paredes	1.Subdivididas em vários tramos 2.Subdivididas em mais de um registo por cornijas
Igreja: coro-alto	1.Material 1.1.Madeira 1.2.Alvenaria e/ou cantaria 1.2.1.Um ou três arcos (indicar o perfil) 2.1.Assente em: 2.1.1.Colunas 2.1.2.Pilastras 2.1.3.Mísulas 2.1.4.Embebido na parede 3.Cobertura do sub-coro (indicação da decoração) 3.1.Plana 3.2.Falsa abóbada de aresta 3.3.Falsa abóbada de berço abatido
Igreja: capelas laterais	1.Número de capelas (1 (raro) a 6) 2.À face ou profundas 3.Acesso por arco de volta perfeita 4.Cobertura em falsa abóbada ou abóbada (indicar o tipo) 5.Se possível identificar invocações 6.Verificar a existência de carneiros, sepulturas, brasões ou lápides
Igreja: nave rasgada por tribuna para a Casa do Despacho	1.Uma ou duas tribunas confrontantes na nave e, mais tardiamente, na capela-mor 2.Perfil do vão da tribuna 2.1.Rectangular simples (sobre o coro-alto ou na nave) 2.2.Amplo vão arquivado sustentado por colunas sobre plintos 2.3.Vão em arco, por vezes mainelado 3.Guarda da tribuna 3.1.Balaustrada de cantaria ou madeira entalhada 3.2.Ferro vazado
Igreja: arco triunfal	1.Arco de volta perfeita (preferencialmente sobre pilastras toscanas)
Igreja: nave, capela-mor ou presbitério	1.Porta(s) de acesso aos anexos
Anexos e hospital: pisos	1.Um a três pisos

Anexos e hospital: fachadas	<p>1.Revestimento</p> <p>1.1.Cantaria ou alvenaria de pedra aparente</p> <p>1.2.Rebocado e pintado</p> <p>2.Elementos da composição da fachada</p> <p>2.1.Registos: um a quatro</p> <p>2.2.Cunhais simples ou aplilastrados</p> <p>2.3.Formas de remate</p> <p>2.3.1.Inferior</p> <p>2.3.1.1.Embasamento</p> <p>2.3.1.2.Faixa pintada</p> <p>2.3.2.Superior</p> <p>2.3.2.1.Cornija</p> <p>2.3.2.2.Entablamento</p> <p>2.3.2.3.Estuque (esgrafitado, pintado ou relevado)</p> <p>2.3.2.4.Faixa pintada</p> <p>2.3.2.5.Friso</p> <p>2.3.2.6.Beirada</p> <p>3.Vãos</p> <p>3.1.Portas com verga de várias modinaturas</p> <p>3.2.Janelas de várias modinaturas</p> <p>3.2.1.Tipo</p> <p>3.2.1.1.Janelas de peitoril</p> <p>3.2.1.2.Janelas de sacada, com guardas em balaustrada ou vazadas em metal</p> <p>3.2.1.3.Janelas de varandim, com guardas em balaustrada ou vazadas em metal</p> <p>3.2.1.4.Janelas jacentes</p> <p>3.3.Óculos de várias modinaturas e perfis</p>
Anexos e hospital: elementos de distribuição	<p>1.Pátio rectangular ou quadrangular</p> <p>1.1.Número de pisos: 1 a 2</p> <p>1.2.Vãos</p> <p>1.2.1.Vãos em arco</p> <p>1.2.2.Vãos arquivados</p> <p>1.2.3.Sustentados por colunas ou pilares</p> <p>1.3.Coberturas em abóbadas ou falsas abóbadas (indicar o tipo)</p> <p>1.4.Pavimento lajeado</p> <p>2.Escadas</p> <p>2.1.Escada de ligação aos anexos ou casa do despacho se esta se implanta no 2º piso, sobre a sacristia</p> <p>2.2.Escada do hospital (indicação do tipo e localização)</p>

	<p>2.2.1.Nicho ou oratório do patamar</p> <p>Anexos e hospital: compartimentos e espaços</p> <p>1.Piso inferior 1.1.Sacristia 1.2.Capela no pátio do hospital 2.Segundo piso 2.1.Casa do despacho 2.2.Cartório 2.3.Enfermarias</p>
FONTE	Objecto arquitectónico, plantas e material fotográfico (antigo e actual).
REGRAS DE PREENCHIMENTO	<p>Indicação dos dados a partir do geral para o particular, apoiando-se na seguinte estrutura:</p> <p>[Indicação do tipo de planta geral do objecto arquitectónico, indicando se é rectangular ou poligonal, especificando, se possível, a forma].</p> <p>[Indicação se o objecto arquitectónico é simples ou composto e, neste caso, referir o tipo de articulação entre os vários corpos].</p> <p>Caso seja pertinente:</p> <p>[Indicação da estrutura do objecto relativamente aos materiais e abordagem ao tipo de técnicas construtivas].</p> <p>[Indicação da planta da igreja, do tipo de coberturas, relativamente à sua forma, materiais e elementos que as integram].</p> <p>[Indicação do tipo de iluminação da igreja].</p> <p>[Indicação do tipo de coberturas interiores, pavimentos e paredes, com respectivos revestimentos].</p> <p>[Indicação dos elementos arquitectónicos que compõem o interior do objecto arquitectónico].</p> <p>[Indicação da planta dos anexos e hospital, número de pisos e tipo de fachadas, elencando os seus componentes estruturais e decorativos e respectivas características].</p> <p>[Indicação da análise do interior dos anexos e hospital, quanto aos elementos de distribuição espacial, organização social e funcional das dependências], [Indicação dos espaços e tipo de articulação entre eles, referindo as características das coberturas interiores (tectos), dos pavimentos e das paredes].</p> <p>Caso seja pertinente e em caso de grande adulteração do hospital:</p> <p>[Indicação da existência de instalações especiais].</p>
OBSERVAÇÕES	
EXEMPLOS	<p>> <i>Igreja da Misericórdia de Pereira e Casa do Despacho</i> (IHRU/SIPA n.º PT020610080009, Coimbra, Montemor-o-Velho, Pereira)</p> <p>Igreja de planta longitudinal composta por nave única e capela-mor, mais baixa e estreita, tendo adossado a N. torre sineira quadrada e a S. edifício integrando vestíbulo, sala do lavabo e sacristia, no primeiro piso, e sala do despacho e cartório, no segundo. Volumes articulados com coberturas diferenciadas em telhados de duas águas, na igreja e anexos, e em cúpula bolbosa, na torre sineira, coroada por catavento metálico. Fachadas rebocadas e pintadas de branco, com pilastras nos cunhais, sobre bases altas, as da fachada principal da igreja coroadas por pináculos altos e esguios terminados em bola. Fachada principal virada a O., com igreja terminada em frontão triangular, de ângulos inferiores formando volutas abertas e superiormente interrompido por cruz pétrea; esta, tem braços com remates trilobados, é decorada por coroa de espinho e pregos, assente num globo com elementos vegetalistas relevados sobre plinto com volutas, acantos e caveira central. Portal de verga recta moldurada, ladeado por duplas colunas de capitel coríntio, assente em plinto rectangular único, suportando entablamento com várias molduras, friso ornado de acantos e frontão de volutas, todo ele</p>

ornado de acantos e formando inferiormente concheado, interrompido por relevo da Virgem da Misericórdia ou “Mater Omnium”; sobre o frontão, sentam-se as Virtudes da Caridade, à esquerda, e da Esperança, à direita; ao centro, surge tabela rectangular vertical, com pilastras sobrepostas por drapeados, ladeadas por frisos de acantos, suportando entablamento rematado por enrolamentos; na tabela, o relevo da “Mater Omnium” surge protegido por baldaquino. No seu alinhamento, mas já no tímpano, dispõe-se brasão com as armas nacionais encimado por coroa, fechada, segura por dois anjos, envolvida por elementos fitomórficos e carranca. Ladeia o portal duas janelas rectangulares estreitas, gradeadas, molduradas a cantaria e encimadas por friso também de cantaria. À esquerda, ergue-se, sensivelmente recuada, a torre sineira de três registos, separados por cornija; no primeiro, abre-se portal de verga abatida, encimado por friso, com fecho saliente, e cornija, ambos com o mesmo perfil, e possuindo lateralmente aletas e grinaldas, sobrepujado por óculo quadrilobado, moldurado a cantaria; o segundo registo, frontalmente em cantaria, é ornado por almofadas sobrepostas rectangulares e circulares e no terceiro abre-se sineira, de arco de volta perfeita, com avental e brincos terminados em borlas. Remate em friso e cornija, inferiormente denticulada, com fogaréis a coroar os cunhais e com a cúpula bolbosa integrando, em cada uma das faces, relógio circular com a inscrição “M. Cousinha / Almada”. Fachada da casa do despacho também sensivelmente recuada, de dois pisos, terminada em cornija sobreposta por beirada simples que, ao centro, forma empena triangular sobrelevada. É rasgada no primeiro piso por portal de verga curva, moldurada e recortada, de fecho saliente, ladeado por colunas com capitel de interpretação jónica, suportando plintos e a sacada da janela que a encima, de verga abatida dupla, moldurada, também recortada, ornada por brincos e volutas, coroada por cornija contracurvada de inspiração borromínica; a janela possui bandeira e guardas de ferro. Fachada lateral esquerda com nave rasgada por porta travessa, de verga recta, encimada por friso e cornija do mesmo perfil, e por uma janela de capialço, e a capela-mor por uma outra semelhante. Fachada lateral direita correspondente aos anexos da igreja, de dois pisos, terminada em cornija sobreposta por beirada simples. É rasgada ao nível do primeiro piso por três janelas rectangulares jacentes, centrais, com moldura de cantaria em capialço e gradeadas, e, no segundo, por cinco janelas de sacada, rectilíneas, sobre mísulas, encimadas por friso e cornija, que se sobrepõe à do remate da fachada, e com guardas em ferro. INTERIOR da igreja com iluminação axial e unilateral, tecto de madeira, em masseira, subdividido em apainelados, pavimento lajeado, formando, sensivelmente a meio da nave, losangos sobrepostos, e paredes rebocadas e pintadas de branco. Coro-alto de madeira, com arquitrave de cantaria, guarda de balaústres de madeira assentes em quatro colunas dóricas, sobre plintos decorados por almofadas com elementos geométricos, as laterais semi-embebidas nos paramentos e as centrais sobre plintos com volutas em cada uma das faces; é acedido pelo lado do Evangelho, por porta de verga recta. A nave é marcada, de ambos os lados, por pilastras toscanas, dispostas pouco depois do coro e a marcar o presbitério. No lado da Epístola, abre-se tribuna dos mesários, estabelecendo comunicação entre a nave e a sala do despacho, com arquitrave suportada por colunas jónicas e com balaustrada de madeira. Arco triunfal de volta perfeita sobre pilastras toscanas, almofadadas. Capela-mor com cobertura em falsa abóbada de berço assente em cornija de cantaria, centrada por cartela circular com resplendor integrando o delta luminoso e querubins. No lado da Epístola, abre-se porta de verga recta encimada por friso e cornija, comunicando com os anexos, com paredes rebocadas e pintadas, os do piso térreo com pavimento lajeado. Acede directamente à sacristia, que tem tecto plano de madeira, pintado com grutescos e tendo ao centro caixotão saliente com brasão real. Esta comunica à sala do lavabo, que tem

	<p>janela rectangular jacente na parede testeira, entaipada, e tecto de madeira, plano, formando caixotões. Liga ao vestíbulo, com escada de caracol para o segundo piso, em cantaria, com guarda plena, também de cantaria e arranque em coluna toscana, que suporta o pavimento do piso superior. No topo do patamar do segundo piso, abre-se porta para o coro-alto e outra para a sala do despacho; esta tem pavimento de madeira, tecto também de madeira, pintado de bege, formando caixotões. Segue-se a sala do cartório, com cofre da Irmandade embutido na parede e tendo a inscrição "CARTORIO ANNO 1724".</p> <p>Ver também referências em <i>anexo A</i></p>	
COTEJO	SIPA	IGESPAR
	Descrição	Descrições / Nota histórica-artística

12 ARQUITECTO / CONSTRUTOR / AUTOR – VER KIT01

DEFINIÇÃO / OBJECTIVO					
OBRIGAÇÃO					
APLICABILIDADE					
CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO					
TERMOS A UTILIZAR					
FONTE					
REGRAS DE PREENCHIMENTO					
OBSERVAÇÕES					
EXEMPLOS					
COTEJO	<table border="1"><tr><td>SIPA</td><td>IGESPAR</td></tr><tr><td></td><td></td></tr></table>	SIPA	IGESPAR		
SIPA	IGESPAR				

13 CRONOLOGIA – VER KIT01

DEFINIÇÃO / OBJECTIVO		
OBRIGAÇÃO		
APLICABILIDADE		
CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO		
TERMOS A UTILIZAR		
FONTE		
REGRAS DE PREENCHIMENTO		
OBSERVAÇÕES		
EXEMPLOS		
COTEJO	SIPA	IGESPAR

14 TIPOLOGIA

DEFINIÇÃO / OBJECTIVO	Regista a identificação e caracterização dos traços distintivos do tipo do objecto arquitectónico e as correspondentes soluções espaciais, estruturais, construtivas e estilísticas, permitindo a sua melhor compreensão, análise e eventual valoração por comparação com outros objectos pertencentes ao mesmo tipo; pode-se, ainda, registar, as características que o singularizam relativamente a outros objectos similares.	
OBRIGAÇÃO	Opcional.	
APLICABILIDADE	Todos os tipos de objectos arquitectónicos.	
CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO	A <i>Tipologia</i> condiciona e é condicionado pelos valores a inscrever nos elementos <i>Categoria</i> , <i>Tipo</i> , <i>Utilização inicial</i> e <i>Utilização actual</i> .	
TERMOS A UTILIZAR	Classificação funcional tipológico-	1.Arquitectura religiosa 2.Arquitectura de saúde e assistencial
	Classificação cronológica e estilística	1.Idade Média 1.1.Manuelino 2.Idade Moderna 2.1.Estilo chão 2.2.Maneirista 2.3.Barroca 2.3.Rococó 2.4.Neoclássica 2.5.Quinhentista 2.6.Seiscentista 2.7.Setecentista 3.Idade Contemporânea 3.1.Oitocentista
	Tipo de planta	1.Poligonal 1.1.Rectangular
	Sistema de distribuição espacial interno	1. Organização do espaço 1.1.Igreja 1.1.1.Cruz grega de uma nave 1.1.2.Rectangular com uma ou três naves e capela-mor ou presbitério 1.1.3.Rectangular com uma nave de eixo longitudinal interno e com capela-mor ou presbitério 1.1.4.Rectangular de uma nave com transepto inscrito 1.2.Hospital 1.2.1.Rectangular 1.2.2.Quadrangular 2.Espaços de acesso 2.1.Galilé

	<p>2.2.Vestíbulo</p> <p>3.Espaços de distribuição</p> <p>3.1.Escadas</p> <p>3.2.Pátio do hospital</p> <p>3.3.Corredor do hospital</p>
Tipo de coberturas interiores	<p>1.Abóbada (indicar tipo)</p> <p>2.Falsa abóbada (indicar tipo)</p> <p>3.Tecto (indicar tipo)</p>
Sistema de iluminação	<p>1.Axial</p> <p>2.Bilateral</p> <p>3.Unilateral</p>
Elementos que compõem as fachadas, pisos e articulação de espaços internos	<p>1.Igreja com fachada principal em empena, frontão, platibanda ou tabela (indicar o tipo)</p> <p>2.Sineira(s) ou torre(s) sineira(s) (indicar tipo e localização)</p> <p>3.Esquema dos vãos, distribuição e interligação com elementos decorativos</p> <p>4.Tipo de revestimento das paredes interiores da igreja e anexos e respectivo programa decorativo</p> <p>5.Existência de coro-alto e respectivo sistema de suporte</p> <p>6.Existência de tribuna rasgada comunicando com a sala do despacho ou tribuna saliente com cadeiral dos mesários</p> <p>7.Número de capelas laterais</p> <p>8.Existência de um ou dois púlpitos confrontantes</p> <p>9.Capelas colaterais ladeando o arco triunfal ou ladeando o retábulo-mor, por vezes interligado com o mesmo</p> <p>10.Existência de grupo escultórico de Cristo morto, no presbitério ou em altar expositivo</p> <p>11.Hospital com ou sem pátio, este com vãos em arco ou arquivados, indicação do número de pisos, localização das escadas, capelas e antigas enfermarias</p>
FONTE	Objecto arquitectónico, bibliografia e documentação arquivística, disponíveis sobre o objecto arquitectónico; elemento <i>Descrição</i> do registo de inventário.
REGRAS DE PREENCHIMENTO	<p>A informação a inscrever neste elemento deve obedecer às seguintes formulações:</p> <p><i>Arquitectura</i> [indicação da classificação tipológico-funcional] , [indicação do período artístico].</p> <p>1 – Caso não seja possível uma inclusão num estilo específico:</p> <p><i>Arquitectura</i> [Indicação da categoria] [indicação da época aproximada de construção].</p> <p>[Indicação do tipo de planta]</p> <p>2 – Caso seja pertinente:</p>

	<p>[indicação da articulação dos compartimentos e espaços e elementos de distribuição espacial]</p> <p>[Indicação do tipo de coberturas interiores]</p> <p>[Indicação do sistema de iluminação interior]</p> <p>[Indicação da caracterização genérica dos pisos e fachadas]</p> <p>[Indicação da relação entre os espaços funcionais internos]</p> <p>[Indicação do património integrado, especialmente o característico das Misericórdias]</p>
OBSERVAÇÕES	
EXEMPLOS	<p>> <i>Igreja da Misericórdia de Pereira e Casa do Despacho</i> (IHRU/SIPA n.º PT020610080009, Coimbra, Montemor-o-Velho, Pereira)</p> <p>Arquitectura religiosa, barroca e rococó. Igreja de misericórdia de planta longitudinal composta por nave única e capela-mor, mais baixa e estreita, interiormente com tecto de madeira, em masseira, e em falsa abóbada de berço, de estuque respectivamente, tendo edifício da casa do despacho e sacristia adossado à fachada lateral direita. Fachada principal terminada em frontão triangular e seguindo o esquema comum das igrejas de misericórdia, rasgada por portal de verga recta enquadrado por colunas suportando entablamento com frontão interrompido por imagem da Virgem que, seguindo a tendência do distrito, se traduz num relevo, com a <i>Mater Omnium</i>, aqui ladeado por duas Virtudes (a Caridade e a Esperança), e brasão nacional, ambos profusamente decorados. Lateralmente rasgam-se duas janelas molduradas. Junto à fachada lateral esquerda, ergue-se possante torre sineira, elemento que normalmente só aparece nas Misericórdias barrocas, e do lado oposto o edifício da casa do despacho, terminada em empena contracurvada de inspiração borromínica, e cujos portais apresentam decoração semelhante de finais do séc. XVIII. Edifício da Casa do Despacho de dois pisos, terminado em cornija e beirada, com fachada de fenestração regular, com molduras mais sóbrias, abrindo-se no primeiro piso, janelas jacentes e, no segundo, janelas de sacada encimadas por friso e cornija. Interior da igreja com paredes percorridas por painéis de azulejos rococós, formando silhar, com composições figurativas alusivas à vida de Cristo (nave) e da Virgem (capela-mor), com pequenos espaços preenchidos por paisagens e atributos marianos, respectivamente. Apresentam alguns aspectos pouco comuns, em termos de iconografia e de disposição. Isto porque, uma das cenas da vida da Virgem - a <i>Visitação</i> - surge na capela-mor e depois na nave, no início do ciclo da vida de Cristo que, ao contrário do que é comum, se inicia no lado da Epístola. Na nave dispõem-se coro-alto, de madeira, apoiado em colunas que integram, entre o fuste canelado e os plintos decorados, pias de água benta concheadas. Púlpito no lado do Evangelho com guarda plena tardo-barroca, de inícios do séc. 19, tal como a teia do presbitério, o qual era primitivamente acedido pelo exterior da nave, por porta de verga recta, através de dependência anexada, demolida em data desconhecida. No lado oposto surge tribuna da ordem jónica comunicando com a sala do despacho. Os retábulos colaterais de talha dourada são joaninos, sendo a cartela e o espaldar do remate posteriores, de feitura tardo-barroca; destaque para o plinto das imagens e para a forma e decoração do banco, mais rica que a decoração do ático. O retábulo-mor, de talha de estilo nacional, mantém a policromia no fundo da tribuna e possui os apainelados do ático com pouco relevo e tendo apenas um acanto em cada um e não geminados, ao contrário do que é comum. O tecto da actual sacristia, e que deveria corresponder à antiga capela da Piedade, de construção quinhentista, anexada pela Misericórdia, apresenta-se pintado com grutescos, do séc. XVII; o nicho em pedra de Ançã, com um pequeno Calvário, poderá ter pertencido a alguma estrutura retabular da antiga capela. Quer o frontal</p>

	do supedâneo da capela-mor, quer o lavabo, têm decoração de acantos muito relevada. O painel com a <i>Visitação</i> da sala do despacho é envolvido por moldura de talha barroca de estilo nacional. Ver também referências em <i>anexo A</i>	
COTEJO	SIPA	IGESPAR
	Tipologia	Categoria / Tipologia

15 BENS MÓVEIS

DEFINIÇÃO / OBJECTIVO	Registo da observação objectiva e sucinta da estrutura dos elementos que caracterizam decorativamente o objecto arquitectónico, nas suas vertentes funcionais, morfológicas e decorativas.	
OBRIGAÇÃO	Opcional.	
APLICABILIDADE	Todos os tipos de objectos arquitectónicos.	
CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO		
TERMOS A UTILIZAR	Igreja: vãos e arco triunfal	<ol style="list-style-type: none"> 1. Cantarias das modinaturas interiores <ol style="list-style-type: none"> 1.1. Pintura decorativa (motivos vegetalistas, “ferronerie” e outros) 2. Sanefas e sanefão sobre os vãos 3. Sobreportas revestidas a azulejos ou pintadas
	Igreja e anexos: cobertura interior	<ol style="list-style-type: none"> 1. Pintura <ol style="list-style-type: none"> 1.1. Pintura mural 1.2. Pintura sobre tábua 1.3. Pintura em caixotões ou painéis 2. Estuque 3. Identificação da temática decorativa <ol style="list-style-type: none"> 3.1. Representação ou alusão às Obras de Misericórdia 3.2. Ciclos com outra temática (indicação de qual) 3.3. Alegorias 3.4. Vegetalista 3.5. Outra
	Igreja e anexos: paredes	<ol style="list-style-type: none"> 1. Revestimento: <ol style="list-style-type: none"> 1.1. Azulejos formando silhar 1.2. Revestida a azulejos (dispostos num ou dois registos) 1.3. Pinturas murais 1.4. Estuque (esgrafitado, pintado ou relevado) 1.5. Painéis pintados e/ou entalhados 2. Temática decorativa <ol style="list-style-type: none"> 2.1. Representação das obras de Misericórdia 2.2. Ciclos com outra temática (indicação de qual) 2.3. Alegorias 2.4. Albarradas 2.5. Figura avulsa 2.6. Padrão (indicação do motivo)

	2.5.Outra
Igreja: coro-alto	<p>1.Guarda</p> <p>1.1.Balaustrada em madeira, talha ou cantaria</p> <p>1.2.Ripado ou balaústres planos de madeira</p> <p>1.3.Ferro vazado</p> <p>2.Pia de água benta (indicar o perfil e decoração)</p> <p>2.1.Ladeando portal axial</p> <p>2.2.Nas colunas ou pilastras que suportam o coro</p> <p>3.Guarda-vento (caracterizar de forma mínima)</p> <p>4.Órgão (caracterizar de forma mínima)</p> <p>4.1.Órgão positivo</p> <p>4.2.Grande órgão em tribuna própria</p>
Igreja: tribuna avançada com cadeiral dos mesários	<p>1.Localização da tribuna com cadeiral</p> <p>1.1.Sobrelevado a meio da nave</p> <p>1.2.Sobrelevado e junto ao coro-alto, por vezes formando L ou U com este</p> <p>1.3.Sobrelevado na capela-mor (solução muito tardia)</p> <p>1.3.No pavimento da nave ou até da capela-mor (Ponte da Barca)</p> <p>2.Tribuna assente em:</p> <p>2.1.Misulas decoradas</p> <p>2.2.Soco</p> <p>3. Material da tribuna e respectiva guarda:</p> <p>3.1.Cantaria (plena ou vazada)</p> <p>3.2.Talha plena ou vazada (predominantemente policroma e dourada)</p> <p>3.3.Balaustrada</p> <p>3.4.Guarda em ferro vazado</p> <p>4.Cadeiral dos mesários</p> <p>4.1.Indicação da estrutura e do espaldar (normalmente com 12 lugares iguais e o do Provedor tratado com maior destaque)</p> <p>4.2.Indicação do material (couro, talha, outro)</p>
Igreja: púlpito	<p>1.Um ou dois confrontantes, com acesso por porta de verga recta ou escada, de cantaria ou madeira</p> <p>2.Planta</p> <p>2.1.Circular</p> <p>2.2.Rectangular</p> <p>3.Bacia de cantaria assente:</p> <p>3.1.Em mísula (simples ou decorada)</p>

	<p>3.2.Coluna balaústre decorada</p> <p>4.Guardas</p> <p>4.1.Guarda plena de cantaria (explicitar os elementos decorativos)</p> <p>4.2.Guarda plena, entalhada, pintada e dourada (explicitar os elementos decorativos)</p> <p>4.3.Guarda balaustrada em branco ou policromo</p> <p>4.4.Guarda em torneados</p> <p>5.Baldaquino (identificar os elementos decorativos)</p>
Igreja: capelas laterais	<p>1.Paredes com pintura, estuque ou azulejo (indicar o padrão)</p> <p>2.Coberturas</p> <p>2.1.Simples, rebocada e pintada de branco</p> <p>2.2.Pintura decorativa (indicação da temática)</p> <p>3.Retábulo (caracterizar de forma mínima)</p> <p>4.Imaginária (identificar)</p> <p>5.Acesso protegido por grades de madeira ou de ferro</p>
Igreja: elementos divisórios do espaço	<p>1.Grades junto ao falso presbitério</p> <p>1.1.Madeira, por vezes com embrechados de bronze</p> <p>1.2.Metal</p> <p>2.Grade de capela-mor</p> <p>2.1.Madeira, por vezes com embrechados de bronze e confessionários móveis</p> <p>2.2.Metal</p>
Igreja: retábulos colaterais	<p>1.Localização</p> <p>1.1.Ladeando o arco triunfal</p> <p>1.2.Ladeando o retábulo-mor no presbitério, formando um só retábulo</p> <p>1.3.Em capelas colaterais abertas na cabeceira</p> <p>1.4.Nos topos das naves laterais</p> <p>2.Retábulo (caracterizar de forma mínima)</p> <p>3.Imaginária (identificar)</p>
Igreja: arco triunfal	<p>1.Decorado e/ou revestido</p> <p>1.1.Com elementos arquitectónicos</p> <p>1.2.Com talha dourada ou policroma</p> <p>1.3.Com elementos de estuque</p> <p>1.4.Com azulejos (predominantemente figurativos)</p>
Igreja: capela-mor	<p>1.Retábulo-mor (caracterizar de forma mínima)</p> <p>2.Imaginária (identificar)</p>

Igreja: presbitério	<p>1.Acedido por degraus centrais ou laterais</p> <p>2.Guarda em balaustrada de cantaria ou madeira</p> <p>3.Retábulo (caracterizar de forma mínima)</p> <p>4.Imaginária (identificar)</p>
Igreja: retábulos	<p>1.Função do retábulo</p> <p>1.1.Retábulos narrativos ou didáticos</p> <p>1.2.Retábulo eucarístico</p> <p>1.3.Retábulo devocional</p> <p>2.Iconografia do retábulo</p> <p>2.1.Visitação da Virgem a Santa Isabel (o tema mais representado nos retábulos-mores)</p> <p>2.1.1.Pintada</p> <p>2.1.2.Escultura de vulto</p> <p>2.1.3.Alto-relevo</p> <p>2.2.Temas cristológicos, com cenas da Paixão de Cristo</p> <p>2.3.Temas Marianos, com cenas da vida da Virgem e imagem de Nossa Senhora da Misericórdia</p> <p>2.4.Temas hagiográficos, com vários Santos, os quatro Evangelistas, Profetas, outros</p> <p>2.5.Obras da Misericórdia</p> <p>3.Material</p> <p>3.1.Cantaria</p> <p>3.2.Madeira</p> <p>3.2.1.Entalhada (em talha dourada ou talha policroma)</p> <p>3.2.2.Pintada a fingir cantaria</p> <p>3.3.Mármore</p>
Igreja: grupo escultórico de Cristo morto	<p>1.Localização</p> <p>1.1.Em vão rasgado na face frontal do presbitério</p> <p>1.2.Em altar expositivo</p> <p>1.3.Outra (normalmente correspondendo a uma deslocação de data posterior)</p> <p>2.Composição</p> <p>2.1.Cristo morto</p> <p>2.2.Cristo morto rodeado pelas Santas Mulheres (a Virgem, Maria Salomé, Maria Cleofas, Maria Madalena), São João, Nicodemos (segurando a coroa de espinhos) e José da Arimateia (segurando os cravos)</p>

	<p>3.Material</p> <p>3.1.Cantaria (simples ou policroma)</p> <p>3.2.Madeira (policroma)</p>
Anexos: sacristia	<p>1.Arcaz de madeira</p> <p>1.1.Espaldar com pintura historiada ou figurativa</p> <p>1.2.Espaldar com espelhos</p> <p>1.3.Gavetas simples com ou sem ferragens recortadas</p> <p>1.4.Oratório central (normalmente com orago do Senhor Crucificado)</p> <p>2.Retábulo (caracterizar de forma mínima)</p> <p>3.Armário dos cálices e amitos</p> <p>4.Armário dos mesários</p> <p>5.Lavabo (indicação do perfil e decoração)</p> <p>6.Pintura avulsa (identificar)</p> <p>7.Alfaias (identificar)</p>
Anexos: casa do despacho	<p>1.Cadeiral dos mesários</p> <p>2.Mesa de reuniões e cadeiral dos mesários (indicação da planta e material)</p> <p>3.Nicho (caracterizar de forma mínima)</p> <p>4.Cofre</p>
Anexos: cartório	<p>1.Armário ou armários (caracterizar de forma mínima)</p>
Hospital	<p>1.Vestíbulo (indicação da localização)</p> <p>2.Escadaria (indicação do tipo e implantação)</p> <p>3.Enfermarias tipo nave, inter-comunicantes ou não</p> <p>4.Nicho ou oratórios (identificar)</p> <p>5.Retábulos das antigas enfermarias (caracterizar de forma mínima)</p>
Património móvel	<p>1.Andor do Senhor Morto</p> <p>2.Bandeiras</p> <p>2.1.Bandeiras Reais</p> <p>2.2.Bandeiras da Paixão</p> <p>2.3.Bandeiras das Almas</p> <p>2.4.Bandeiras dos Condenados</p> <p>2.5.Bandeiras votivas</p> <p>3.Burra</p> <p>4.Cadeira do Provedor</p> <p>5.Candelabro das trevas</p> <p>6.Carreta</p> <p>7.Estandartes de procissão</p> <p>8.Lanternas processionais</p> <p>9.Matraca</p> <p>10.Memória dos benfeitores</p> <p>11.Pálio</p> <p>12.Quadro dos Mesários</p> <p>13.Sudário</p>

	<p>14. Tábua dos legados 15. Umbela de procissão 16. Urna das eleições 17. Varas de Mesários 18. Outro</p>
FONTE	Objecto arquitectónico, plantas e material fotográfico (antigo e actual).
REGRAS DE PREENCHIMENTO	<p>Indicação dos dados a partir do geral para o particular, segundo o percurso do observador, apoiando-se na seguinte estrutura: [Indicação dos elementos decorativos do interior da igreja e dos principais anexos e hospital]. [Indicação do património integrado que se mantém no interior do templo seguindo o ardem da grelha dos termos a utilizar]. Caso seja pertinente: [Indicação dos elementos decorativos existentes no hospital adossado]. [Indicação do património móvel mais significativo na vida das Misericórdias].</p>
OBSERVAÇÕES	
EXEMPLOS	<p>> <i>Igreja da Misericórdia de Pereira e Casa do Despacho</i> (IHRU/SIPA n.º PT020610080009, Coimbra, Montemor-o-Velho, Pereira)</p> <p>Igreja com azulejos monocromos azuis sobre fundo branco ou policromos, na nave, formando silhar recortado, de composição figurativa, na nave interligados por alguns painéis com composição paisagística. Os painéis da nave têm cenas da vida de Jesus, dispostos por ordem cronológica a partir da parede testeira para a fundeira, começando no lado da Epístola e passando depois para o do Evangelho; no lado do da Epístola surgem cenas ligadas à sua infância e no oposto ao seu ministério público, fugindo à regra apenas o painel do presbitério, junto aos retábulos colaterais. Assim, temos as seguintes cenas: <i>Visitação</i>, no presbitério; <i>Adoração dos pastores</i>; <i>Adoração dos Reis Magos</i>; <i>Circuncisão</i>; <i>Apresentação de Jesus no Templo</i>; <i>Matança dos Inocentes</i>; <i>Fuga para o Egipto</i>; <i>Sagrada Família</i>. No lado do Evangelho: <i>Baptismo de Cristo</i>; <i>Cristo orando no horto</i>; <i>Cristo perante Caifás</i>; <i>Reconhecimento de Pedro no pátio do sumo-sacerdote</i>; <i>Cristo a caminho do Calvário</i>. Na capela-mor, surgem cenas da vida da Virgem retratando: <i>Alusão ao nascimento da Virgem</i>, mas integrando a <i>Sagrada Família</i>, e <i>Apresentação da Virgem no Templo</i>, do lado do Evangelho, e <i>Anunciação</i> e <i>Visitação</i>, no lado da Epístola. Estes painéis são intercalados por painéis com atributos marianos inseridos em cartelas recortadas. As duas colunas centrais que sustentam o coro-alto integram sobre o plinto pias água benta circulares, de exterior concheado. No sub-coro, guarda-vento de madeira, tendo frontalmente frontão de volutas interrompido por monograma "AM". No coro-alto surge, órgão positivo, com teclado na face posterior, caixa com apainelados almofadados, tubos de fachada enquadrados por moldura fitomórfica dourada e remate em cornija. No lado do Evangelho, dispõe-se, sensivelmente a meio, púlpito rectangular, policromado a branco, sobre ampla mísula com volutas e pingente, guarda de madeira plena decorada com acantos e cartela dourada, sendo acedido por escada de pedra com balaustrada de madeira, mas tendo a antiga porta de acesso, de verga recta encimada por friso e cornija, sobreposta por registo de azulejos policromos, tal como acontece com a janela que se lhe segue. Arco triunfal ladeado por dois retábulos colaterais de talha dourada, de estrutura idêntica, de planta recta e um eixo, definido por colunas torsas e capitel coríntio, assentes em consolas com anjos atlantes, e pilastras ornadas de acantos e anjos, assentes em plintos. Ao centro, nicho de volta perfeita, decorado com festão e drapeados, com pequeno painel pintado</p>

envolvido por ampla moldura de acantos e com o intradorso formado por caixotões com rosetas bastante relevadas; no interior, plinto decorado com querubins e acantos com imaginária. Sobre friso de querubins e cornija, o remate em fragmentos de concheados sobre os quais surgem anjos de vulto, querubins e cornija encimada por espaldar recortado com acantos e motivos fitomórficos. A cornija é interrompida por cartela recortada e decorada por acantos, enrolamentos e concheados. Na base do nicho, banco profusamente decorado, de perfil contracurvado, ornado com anjos, querubins e acantos em alto-relevo. Altares tipo urna, policromados a branco e dourado, com frontais ornados de motivos fitomórficos e enrolamentos. O presbitério da nave é vedado por teia de balaústres de madeira pintada a marmoreados, coroada por urnas, tendo nos cantos dois confessionários giratórios, e, ao centro, porta de duas folhas em apainelados vazados. Sobre o supedâneo da capela-mor, com frontais e ângulos de cantaria ornados com acantos e fénices bastante relevados, assenta retábulo-mor, de talha dourada, de planta recta e três eixos, definidos por seis colunas torsas decoradas por pâmpanos e com capitéis coríntios, duplas ladeando o eixo central, sobre plintos paralelepípedicos com volutas e quarteirões, prolongando-se no ático em três arquivoltas, unidas no sentido do raio e formando apainelados com decoração de acantos pouco relevada; ao centro, possui escudo nacional policromo, com coroa fechada e rematada por cruz, envolto em concheados, flanqueado por dois anjos e sobrepondo-se a cartela com um lírio. No eixo central, com as colunas interiores sensivelmente recuadas, possuindo no intercolúnio mísulas suportando anjos tocheiros, abre-se tribuna, de arco de volta perfeita com interior apainelado, formando, lateralmente e na cobertura, caixotões ornados de florões relevados e com fundo pintado com motivos vegetalistas policromos; alberga maquineta de talha, com cunhais apilastrados e faces abertas por arcos trilobados, rematada em cornija, sendo integralmente decorada de acantos, tendo no interior Pietá, e sendo encimada por trono de três degraus. Os eixos laterais apresentam painéis, de arco de volta perfeita e fecho saliente, enquadrando imaginária sobre mísulas. Altar tipo urna, policromado a branco e dourado, com frontal decorado com palmas e cruz dourada, encimada por três querubins policromos. A sacristia tem amplo arcaz encimado por Cristo na cruz e, na parede fundeira, pequeno nicho rectangular em pedra, com figuração do Calvário, e vestígios de policromia. A sala do lavabo tem grande lavabo, designado de Santo António, com espaldar rectangular ornado por duas carrancas, volutas e elementos palmiformes e enrolados, encimado por frontão curvo, interrompido por cruz sobre globo ornado e plinto, tendo de cada lado do tímpano dois florões relevados e cornija interior denticulada; bacia rectangular assente em mísula com ornatos vegetalistas. A sala do Despacho tem na parede testeira tela com representação da Visitação, enquadrada por moldura de talha ornada de acantos, fénices, querubins e ladeada por aletas volutas. A misericórdia possui sete bandeiras, duas Reais e cinco da Paixão, todas com bordadura de galão franjado e encimado por cruces de madeira. Bandeiras Reais: 1) possivelmente de 1696, com inscrição muito delida à volta da tela, tendo no anverso a representação da *Mater Omnium*, com a Virgem vestida de brocado, coroada, de mãos postas, sobre crescente lunar e querubins, com o manto aberto seguro por quatro anjos alados, protegendo os dois grupos orantes ajoelhados: à direita, o rei e rainha coroados, e outros nobres, e à esquerda o Papa, com tiara deposta, um frade trino, apresentado no hábito as iniciais FMI e dois outros membros do clero. No reverso é representado a *Lamentação do Cristo Morto*, com a Virgem acolhendo Cristo no regaço, ladeado por São João, que limpa o sangue da face do Cristo, e Santa Maria Madalena. 2) data de 1795 e é assinada por Antonieus Josephus. Anverso: representa a Virgem de mãos postas e em atitude de oração, com auréola luminosa em torno da cabeça, e sobre glória de anjos, com o manto azul aberto, seguro por dois anjos,

abrigando do lado direito o rei, vestido com armadura e manto orlado de arminho, a rainha, ambos com coroas depostas aos pés da Virgem, e dois outros nobres; à esquerda, o papa, também com coroa deposta, um bispo mitrado e dois clérigos, um deles tendo, no hábito, a inscrição "F.M.C." Inscricção: "Mizericordias Domi/ni in aelernum cantabo in / venerationem et venerationem, et / annuncio ventatem tuam imóre meo Psalm. ...". Reverso: *Lamentação do Cristo Morto*, com a Virgem sentada, perto da cruz e vendo-se ao fundo a cidade de Jerusalém, com o peito trespassado por espada, segurando com a mão direita a cabeça de Cristo, reclinado no seu regaço, Santa Maria Madalena ajoelhada segurando a mão esquerda de Cristo, para a beijar, e São João, de pé, acompanhando o sofrimento. No chão, surgem a coroa de espinhos, três pregos e a inscrição "INRI". Cartela central com a inscrição: "O--- om nes, qui tra/sitis per viam, aundite et videte .. dolore meum...". Bandeiras da Paixão: 1) Anverso: *Última Ceia* - os 12 Apóstolos surgem à volta da mesa, com toalha, 3 pães, 1 prato e 2 facas, enquadrando Jesus, segurando o cálice e com a mão direita em posição de Palavra, tendo a cabeça envolvida por resplendor, destacando-se João, recostado, junto a Jesus, e Judas, de costas, segurando a bolsa. Reverso: *Lava pés* - Jesus ajoelhado lava os pés dos Apóstolos junto à mesa onde comemoraram a Páscoa. 2) Anverso: *Cristo orando no horto* - Jesus surge de joelhos orando, vendo-se um anjo portando a cruz do martírio, em primeiro plano, os Apóstolos João, Pedro e Tiago dormindo, e, ao fundo, alguns homens acompanhando Judas. Reverso: *Prisão de Judas* - Judas abraça e beija Jesus, identificando-o assim aos soldados romanos, enquanto Pedro porta a espada para cortar a orelha a Malco, o servo do sumo-sacerdote, que surge prostrado por terra. 3) Anverso: *Cristo perante Caifás* - Cristo foi levado ao sumo-sacerdote, que o entregou para ser levado ao governador. Reverso: *Cristo perante Pilatos* - Cristo é levado à presença de Pilatos, que o interroga sentado num trono. 4) Anverso: *Flagelação* - Cristo, atado à coluna, é flagelado por dois homens, um de cada lado, que empunham azorragues. Reverso: *Coroação de espinhos* - Cristo surge sentado, com os punhos amarrados, rodeado de homens que o escarnecem, um deles, ajoelhado, oferecendo-lhe um ceptro de cana para o humilhar. 5) Anverso: *Ecce Homo* - Jesus numa plataforma sobrelevada com a coroa de espinhos e segurando o manto e o ceptro de cana, é apresentado por Pilatos ao povo, agitado e de mãos erguidas, vendo-se ao longe uma paisagem campestre. Reverso: *Pilatos lavando as mãos* - Poncio Pilatos surge lavando as mãos, com água dada por um servo, que a despeja de um gómital para um prato assente numa mesa, com toalha, em frente de Jesus, de mãos presas, descalço e portando manto, entre os guardas. 6) Anverso: *Cristo a caminho do Calvário* - Jesus porta a cruz às costas enquanto Simão de Cirene o ajuda, segurando o madeiro. Reverso: *Sudário de Verónica* - Verónica exhibe pano branco aberto, com o rosto de Jesus, coroadado, marcado. No retábulo colateral do Evangelho existe a imagem de São José com o Menino, do séc. 17, e no do lado da Epístola a de Santo António com o Menino, do séc. 18; no retábulo-mor surgem as imagens estofadas de Santa Ana ensinando a Virgem a ler, do séc. 18, no Evangelho, e São João Baptista, do séc. 17, na Epístola, e, na tribuna, Pietá, do séc. 17 / 18. Ainda possui a matraca e outros objectos antigos.

Ver também referências em *anexo A*

COTEJO	SIPA	IGESPAR
	Descrição	Descrições / Nota histórica-artística

16 UTILIZAÇÃO INICIAL

DEFINIÇÃO / OBJECTIVO	Registo da função para a qual foi construído o objecto arquitectónico, por vezes perdida.	
OBRIGAÇÃO	Opcional.	
APLICABILIDADE	Todos os tipos de objectos arquitectónicos.	
CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO	A <i>Utilização Inicial</i> condiciona e é condicionada pelos valores a inscrever nos elementos <i>Categoria</i> e <i>Tipo</i> .	
TERMOS A UTILIZAR	Consultar KIT01 - <i>anexos B</i> .	
FONTE	Objecto arquitectónico	
REGRAS DE PREENCHIMENTO	A informação a inscrever neste elemento deve obedecer às seguintes formulações: <i>Religiosa: igreja de misericórdia</i> <i>Saúde: hospital de misericórdia</i> <i>Assistencial: albergue</i>	
OBSERVAÇÕES		
EXEMPLOS	> 1 – Religiosa: igreja de misericórdia > 2 – Saúde: hospital de misericórdia	
COTEJO	SIPA	IGESPAR
	Utilização inicial	

17 UTILIZAÇÃO ACTUAL – VER KIT01

DEFINIÇÃO / OBJECTIVO		
OBRIGAÇÃO		
APLICABILIDADE		
CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO		
TERMOS A UTILIZAR		
FONTE		
REGRAS DE PREENCHIMENTO		
OBSERVAÇÕES		
EXEMPLOS		
COTEJO	SIPA	IGESPAR

18 PROPRIETÁRIO – VER KIT01

DEFINIÇÃO / OBJECTIVO		
OBRIGAÇÃO		
APLICABILIDADE		
CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO		
TERMOS A UTILIZAR		
FONTE		
REGRAS DE PREENCHIMENTO		
OBSERVAÇÕES		
EXEMPLOS		
COTEJO	SIPA	IGESPAR

19 UTENTE – VER KIT01

DEFINIÇÃO / OBJECTIVO		
OBRIGAÇÃO		
APLICABILIDADE		
CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO		
TERMOS A UTILIZAR		
FONTE		
REGRAS DE PREENCHIMENTO		
OBSERVAÇÕES		
EXEMPLOS		
COTEJO	SIPA	IGESPAR

20 CONSERVAÇÃO GERAL – VER KIT01

DEFINIÇÃO / OBJECTIVO		
OBRIGAÇÃO		
APLICABILIDADE		
CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO		
TERMOS A UTILIZAR		
FONTE		
REGRAS DE PREENCHIMENTO		
OBSERVAÇÕES		
EXEMPLOS		
COTEJO	SIPA	IGESPAR

21 DOCUMENTAÇÃO – VER KIT01

DEFINIÇÃO / OBJECTIVO		
OBRIGAÇÃO		
APLICABILIDADE		
CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO		
TERMOS A UTILIZAR		
FONTE		
REGRAS DE PREENCHIMENTO		
OBSERVAÇÕES		
EXEMPLOS		
COTEJO	SIPA	IGESPAR

22 OBSERVAÇÕES – VER KIT01

DEFINIÇÃO / OBJECTIVO		
OBRIGAÇÃO		
APLICABILIDADE		
CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO		
TERMOS A UTILIZAR		
FONTE		
REGRAS DE PREENCHIMENTO		
OBSERVAÇÕES		
EXEMPLOS		
COTEJO	SIPA	IGESPAR

23 AUTOR – VER KIT01

DEFINIÇÃO / OBJECTIVO		
OBRIGAÇÃO		
APLICABILIDADE		
CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO		
TERMOS A UTILIZAR		
FONTE		
REGRAS DE PREENCHIMENTO		
OBSERVAÇÕES		
EXEMPLOS		
COTEJO	SIPA	IGESPAR

24 DATA – VER KIT01

DEFINIÇÃO / OBJECTIVO			
OBRIGAÇÃO			
APLICABILIDADE			
CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO			
TERMOS A UTILIZAR			
FONTE			
REGRAS DE PREENCHIMENTO			
OBSERVAÇÕES			
EXEMPLOS			
COTEJO	<table border="1"><tr><td>SIPA</td><td>IGESPAR</td></tr></table>	SIPA	IGESPAR
SIPA	IGESPAR		

25 TIPO DE REGISTO – VER KIT01

DEFINIÇÃO / OBJECTIVO		
OBRIGAÇÃO		
APLICABILIDADE		
CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO		
TERMOS A UTILIZAR		
FONTE		
REGRAS DE PREENCHIMENTO		
OBSERVAÇÕES		
EXEMPLOS		
COTEJO	SIPA	IGESPAR

III. COMO CONTRIBUIR PARA OS INVENTÁRIOS NACIONAIS DE PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO

1. Os utilizadores do presente documento são convidados a contribuir para o esforço colectivo de identificação, documentação e divulgação de património arquitectónico português e de promoção ou influência portuguesa, remetendo para o ponto focal **KITS – Património** propostas de registos de inventário patrimonial e de material associado correspondentes a edifícios ou estruturas construídas que, do seu ponto de vista, evidenciem interesse cultural e ou civilizacional.
2. Essas propostas, que poderão referir-se a património arquitectónico documentado ou indocumentado nos sistemas de informação e documentação patrimonial geridos pelos pelo IHRU e pelo IGESPAR, deverão ser elaboradas de acordo com as orientações e os requisitos estabelecidos no presente **KIT**.
3. As propostas de novos registos e de actualização/correção de registos pré-existentes e o respectivo material associado deverão ser remetidos para o ponto focal **KITS - Património** em formato electrónico (preferencialmente utilizando o processador de texto Microsoft Word ou compatível) e para os seguintes endereços:

- endereço electrónico: kitspatrimonio@ihru.pt ;
- endereço postal:

KITS – Património
Forte de Sacavém
Rua do Forte de Monte Cintra
2685 – 141
SACAVÉM

4. O IHRU e o IGESPAR presumem que os direitos legítimos sobre a propriedade ou a posse dos registos e dos materiais associados que sejam remetidos para o ponto focal **KITS – Património** são detidos pelos respectivos remetentes, pelo que não se constituem como responsáveis pela eventual apropriação ou utilização ilegítima dos referidos direitos.
5. O envio de propostas de registos de inventário e de materiais associados para o ponto focal **KITS – Património**:
 - i. confere ao IHRU e ao IGESPAR os direitos de utilização, exploração, divulgação e reprodução desses registos e materiais ou de partes ou extractos dos mesmos, directamente ou por intermédio de terceiros, desde que esses direitos sejam exercidos no âmbito de actividades directa ou indirectamente relacionadas com o estudo, documentação, divulgação, salvaguarda e valorização de património arquitectónico.
 - ii. não vincula o IHRU e o IGESPAR ao dever de aceitação, conservação e integração dos referidos registos e materiais associados nos respectivos sistemas de informação e documentação patrimonial, nem, tão-pouco, ao dever de intervenção de salvaguarda e valorização no património objecto desses registos.

- iii. não confere ao património arquitectónico objecto desses registos qualquer tipo de protecção legal.
6. O envio de propostas de registos de inventário e de materiais associados para o ponto focal **KITS – Património** faz presumir que os termos e condições de produção, transmissão e utilização de registos de inventário e de materiais associados acima expressos são do total conhecimento do remetente, que com eles concorda sem reservas.

IV. ANEXOS

A - EXEMPLO DE REGISTO DE INVENTÁRIO

O SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico disponibiliza inúmeros exemplos de registos de inventários da tipologia de Igrejas de Misericórdia:

URL: http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B.aspx:

> Igreja e Hospital da Misericórdia de Elvas / Museu de Arte Contemporânea de Elvas (IHRU/SIPA n.º PT041207030047) Portalegre, Elvas, Assunção:

01 – Edifício e estrutura religiosa e de saúde

02 – Igreja e hospital de Misericórdia

03 - PT041207030047

04 - Igreja e Hospital da Misericórdia de Elvas / Museu de Arte Contemporânea de Elvas

05 - Região do Alentejo, Portalegre, Elvas, Assunção. WGS84: 38°52'46.57"N, 7°09'56.08"O.

06 - Largo da Misericórdia, Rua da Cadeia, Rua da Feira

07 – Inexistente

08 – Séc. XVI / XVIII / XX / XXI

09 -







10 - Urbano, integrado num quarteirão na zona de expansão urbanística, no exterior da muralha medieval que envolvia a urbe, mas no interior da fortificação abaluartada (v. PT041207020011), formando gaveto, com a fachada principal da igreja disposta no topo exterior O. e adossado por E. a edifício de habitação de três pisos. Adapta-se ao declive do terreno, sendo circundado por vias, com passeios separadores em calçada à portuguesa que, em frente da igreja, forma meia-lua, decorado com motivos geométricos. Na proximidade, ergue-se um dos Passos da Via-Sacra (v. PT041207010040), e uma das torres e porta da cerca medieval.

11 - Planta poligonal irregular, formada pela igreja de três naves e capela-mor, desenvolvendo-se lateralmente para E. várias dependências, integrando a S. a ante-sacristia e sacristia, e pelo hospital disposto a E., rectangular irregular, actualmente sem comunicação interior. Massa verticalista, sobretudo na igreja, de volumes articulados e coberturas diferenciadas em telhados de duas e quatro águas, em tesoura no hospital, o qual possui em duas águas, olho de boi oval. Fachadas em alvenaria rebocada e pintada de branco, com cunhais apilastrados, as da igreja com faixa pintada de ocre e as do hospital com embasamento de cantaria. A IGREJA tem planta longitudinal composta de três naves, que afunilam do meio para o início, terminando quase só na nave central, e de quatro tramos. Tem a fachada principal orientada a O., terminada em frontão sem retorno, de cornijas sublinhadas a ocre, coroado por plinto com cruz latina trevada e esplendor, ladeado por volutas, e duas sineiras laterais, em arco de volta perfeita, albergando sinos, terminadas em empena rematada por pináculo bolboso entre volutas; em plano recuado, surge corpo sobrelevado, terminado em cornija e platibanda plena, com cunhais, cornija e frisos sublinhados a ocre. É rasgada por portal de verga recta, com moldura sublinhada por frisos formando arco abatido, enquadrada por pilastras de fuste almofadado encimadas por plintos que sustentam cornija e pináculos laterais, pintados de ocre; sobre o portal, abre-se nicho rectangular, moldurado, encimado por cornija e silhar com vieira e elementos fitomórficos, interiormente albergando imagem de Nossa Senhora da Piedade, e, lateralmente duas janelas rectangulares, molduradas, com vitrais; no tímpano surge óculo circular com moldura a ocre. Fachada lateral esquerda da igreja de três panos irregulares e formando ângulo obtuso, com dois panos e meio de três registos marcados por frisos ocre, sendo o primeiro rasgado superiormente por janela rectilínea, moldurada e gradeada, o segundo cego e o terceiro rasgado por quatro janelas de peitoril, com as molduras formando brincos rectos pintadas a ocre, terminando em cornija ocre e platibanda plena pintada de branco; no topo da fachada, surge pano mais elevado e terminado em empena, rasgado por portal abatido de moldura terminada em pequena cornija e pingente lateral e, superiormente, por vãos sobrepostos: uma janela de varandim com o mesmo tipo de moldura, uma janela de peitoril rectilínea, pequeno óculo oval e janela de peitoril de verga abatida, os três últimos vãos com molduras pintadas a ocre, tal como um outro óculo circular que surge entre as janelas de peitoril. Fachada lateral direita irregular, de vários panos definidos por pilastras, apresentando reentrância separadora, tendo os primeiros dois panos três registos, marcados por frisos pintados a ocre e terminados em platibanda plena, rasgados no último registo por três janelas de peitoril de molduras a ocre; o último pano é seccionado em duas empenas no remate e é rasgado irregularmente por vários vãos rectilíneos ou de verga abatida, maioritariamente com molduras pintadas a ocre, com janelas de peitoril, uma delas com caixilharia de guilhotina, de varandim, com

guarda em ferro, e pequenos óculos. INTERIOR: paredes rebocadas e pintadas de branco, com as naves separadas por arcos de volta perfeita assentes em colunas toscanas de mármore, as primeiras integrando pias de água benta circulares; nas paredes laterais faixa pintada de cinzento e dois registos separados por friso; pavimento em lajes de cantaria, algumas com inscrições e numeradas, e cobertura em falsas abóbadas de berço, de estuque, sobre cornija. Coro-alto de madeira pintada a marmoreados fingidos a azul, assente em colunas e meias colunas iguais, com balaustrada de madeira, e sendo acedido por escada de caracol, em ferro, colocada na nave da Epístola. Tecto do sub-coro decorado com florão de talha dourada, ornado de concheados e elementos fitomórficos. Na nave do Evangelho, abre-se porta de verga recta que, por corredor com lambril de madeira e coberto em falsa abóbada de berço, conduz a pequeno espaço (a antiga secretaria que comunicava ao hospital) acedido pela fachada lateral esquerda. No lado da Epístola possui confessionário embutido, com vão em arco abatido e porta de acesso a anexo, de verga recta e moldura simples. Arco triunfal de volta perfeita sobre pilastras toscanas, pintado a marmoreados fingidos beges, encimado por painel de azulejos policromos, com as armas da Misericórdia, inserido em moldura. Capela-mor com paredes pintadas de cinzento claro, rasgadas lateralmente por portas de verga recta e molduras simples de acesso à sacristia e demais dependências, encimadas por tribunas em arco abatido sobre pilastras de fuste almofadado, com decoração em estuque, formando falso espaldar recortado com motivo fitomórfico relevado e possuindo guarda plena ornada de almofadas sobrepostas, também em estuque. Pavimento em losangos brancos e pretos e cobertura em cúpula de pendentis, estes decorados com motivos fitomórficos e concheados em estuque relevado. Parede testeira côncava, formando estrutura retabular. Sacristia com pavimento em mármore, de losangos pretos e vermelhos, e cobertura em falsa abóbada de aresta abatida, com arestas e florão central em estuque, e panos pintados, ornados de motivos florais. HOSPITAL com fachada principal virada a N., de dois pisos separados por friso, terminada em friso e cornija de massa, pintados a ocre, sobreposto por beirada simples, com pilastras toscanas nos cunhais, sobrepostas por gárgulas, e rasgada regularmente por vãos sobrepostos de verga abatida, de molduras terminadas em pequena cornija e com pingentes laterais. No primeiro piso, rasgam-se três portas, encimadas por óculos circulares, sem moldura, e três janelas de peitoril e, no segundo, seis janelas de sacada, com guarda de ferro, tendo nos ângulos bolas metálicas; estas são sobrepostas por molduras de massa fingindo bandeiras, de verga abatida, pintadas a ocre. Apresenta ainda eixo principal de vãos, descentrado, de planta convexa, composto por portal de arco deprimido sobre moldura almofadada com elemento vegetalista saliente, ladeado por estípites decoradas por óvulos, suportando plintos galbados que enquadram brasão nacional, entre volutas, concheados e açafates, e com coroa fechada; sobre a cornija separadora do piso, surge, entre volutas, almofada e nicho, em arco de volta perfeita, encimado por festão e querubim, enquadrado por pilastras almofadadas e de capitel estriado suportando frontão contracurvado de inspiração borromínica, albergando interiormente imagem pétrea de Nossa Senhora do Amparo. Fachada lateral esquerda parcialmente adossada, igualmente de dois pisos, rasgada por uma janela de peitoril em cada um dos pisos, de esquema igual às da fachada principal. Fachada posterior disposta no seguimento da fachada lateral direita da igreja, de três pisos, separados por cornija, com pilastras nos cunhais, terminada em cornija pintada a ocre e platibanda plena de alvenaria, e rasgada por vãos sobrepostos de verga abatida, com molduras terminadas em pequena cornija. O primeiro piso, revestido a placas de mármore, é rasgado por cinco portais, um deles mais largo e rectilíneo; no segundo piso, abrem-se sete vãos, três de varandim, ainda que apenas um deles tenha guarda de ferro, e as restantes de peitoril, uma delas, actualmente entaipada; no último piso rasgam-se cinco janelas de sacada com esquema e molduras iguais às do andar nobre da fachada principal. INTERIOR com paredes rebocadas e pintadas de branco, pavimento de mármore e, nos pisos superiores, em soalho flutuante, e coberturas em falsas abóbadas, maioritariamente de berço, de cruzaria ou de lunetas. Transposto o portal principal, com guarda-vento de madeira, pintado de branco e envidraçado, dispõe-se o vestíbulo, rectangular, coberto por falsa abóbada de arestas, possuindo nos topos laterais portais de verga abatida, de moldura recortada e almofadada, o da direita ligando à actual recepção do Museu, e o da esquerda comunicando com várias salas amplas e inter-comunicantes por portais de verga recta. Frontalmente, apresenta arco em volta perfeita sobre pilastras, ladeado por dois portais rectilíneos, de moldura almofadada, formando espaldar vazado por óculo oval, terminado em cornija contracurvada. A partir do arco, desenvolve-se escada de lanços divergentes, em mármore, de acesso ao segundo piso, de lanço comum enquadrado pelas guardas plenas, almofadadas, formando apainelados de mármore, os centrais triangulares em mármore azul; no patamar intermédio, a partir do qual os lanços têm lateralmente silhar de mármore almofadado, as guardas possuem arranques volutados encimados por elemento fitomórfico no rodamão. No alinhamento do portal principal, rasga-se portal de verga recta,

moldurado, encimado por nicho, e ladeado por dois outros portais, mais pequenos, iguais aos que ladeiam o arco no vestíbulo. No segundo patamar, rasgam-se dois portais, de verga curva, chave saliente, moldura almofadada com motivos volutados laterais e terminada em cornija de lances; o disposto a E. comunica com três antigas enfermarias, tipo naves, de espaço amplo e inter-comunicáveis, e o a O. acede ao antigo consistório, rectangular, perpendicular à fachada principal, com pavimento em losangos e tecto de madeira, e outras pequenas salas.

12 - ALVENEU: Vidigal (1858). **ARQUITECTO:** José Francisco de Abreu (1742); Pedro Reis (séc. XXI). **CANTEIRO:** Gregório das Neves (1742); Angélico Vellez (1814). **DESIGNERS:** Filipe Alarcão e Henrique Cayatte (Séc. 21). **MESTRE DE ALVENARIA:** Manuel Miguel (1837). **PINTOR:** José de Escovar (1606); Joaquim Manuel da Rocha (séc. XVIII). **PINTOR DE AZULEJOS:** Joaquim Manuel da Rocha (séc. XVIII).

13 - 1498 - os procuradores de Elvas, João Roiz de Abreu, fidalgo da Casa Real, e Álvaro Pegado, cavaleiro, solicitam nas Cortes que se reunissem num só hospital, no meio da vila, os quatro pequenos hospitais ou albergarias que existiam em Elvas, para que os pobres fossem melhor agasalhados; 6 Março - autorização de D. Manuel para a junção dos hospitais de Elvas, devendo tal ser ordenado por Bastião Vaz, Contador das obras e terças na Comarca de Évora; 1501, finais / 1502, início - provável fundação da Misericórdia de Elvas; 24 Abril - data do documento mais antigo referindo a Misericórdia de Elvas, correspondente ao testamento de Gonçalo Sanhudo, escudeiro, legando 5\$000 à Irmandade; 1 Setembro - concessão de privilégios por D. Manuel; 1505, 5 Fevereiro - carta de D. Manuel para gozar os mesmos privilégios da Misericórdia de Lisboa; 1515, 20 Janeiro - licença de D. Jorge, filho de D. João, e Mestre de Santiago e de Aviz, para a Misericórdia mudar a sua confraria para a Igreja da Madalena a velha, pertencente à Ordem, conforme solicitara, e onde queriam fazer algumas benfeitorias; 1516, 20 Dezembro - data do 1º Compromisso da Misericórdia; 1554 - por petição do Infante Cardeal, o Pe. jesuíta Manuel Fernandes, com o Pe. Pedro de Santa Cruz, pregaram a Quaresma na cidade de Elvas, e ficaram hospedados no Hospital da Misericórdia; 1539, 7 Novembro - carta do rei em resposta ao Provedor e Irmãos que fizeram petição de umas casas junto à capela da Madalena para a mudança do hospital, os quais questionavam se deviam mudar o dito hospital de onde então estava e fazê-lo adossado à capela, de modo mais amplo, visto que aquele estava arredado da mesma; 1543, 2 Agosto - carta régia fixando o número de irmãos em 100; 1555 - os jesuítas Manuel Fernandes e Pedro da Santa Cruz e depois Diogo Cismeiros reuniram de esmolas uma avultada quantia que ofereceram para a edificação do hospital; 1555 / 1556 - grandes obras no edifício da igreja e hospital, sendo o culto transferido para a Igreja da Madalena a Nova; 1557, 15 Outubro - Misericórdia pede à rainha para se lembrar da pobreza da casa e a socorrer; 1560 - data da imagem em pedra de Nossa Senhora do Amparo, com o Menino, mandada fazer por Lopo de Baião; 1562 - a igreja ainda não estava concluída, visto que a eleição do Provedor e Irmãos decorreu na Igreja da Madalena, onde estava a Confraria da Misericórdia, por se achar incapaz o seu prédio; 1566, 2 Julho - a eleição dos Irmãos já foi feita na nova igreja da Misericórdia; 1589, 1 Setembro - criação da Irmandade do Amparo, com 108 homens, sendo provedor D. António Mendes de Carvalho, 1º Bispo da cidade de Elvas; 1590 - Bula papal aprovando a instituição da Irmandade e concedendo-lhe os mesmos privilégios que a do Hospital do Santo Espírito em Saxia, Roma; 1592, 10 Setembro - data dos primeiros Estatutos dessa Irmandade; 1597 - referência à porta travessa da igreja; 1606, 6 Fevereiro - execução de pinturas murais na capela-mor por José de Escovar; 1608 - o altar da Capela de Nossa Senhora do Amparo já era privilegiado; 1613, 21 Dezembro - a Confraria tomou casas por baixo do Consistório, que Gaspar Rodrigues Sirgueiro trazia aforadas, por 6\$800, para construir uma enfermaria; 1614, 19 Agosto - testamento de Maria de Lemos, legando à Misericórdia as imagens de Santa Ana e de Nosso Senhor; 1625, 4 Novembro - alvará concedendo meia pena de água dos canos da Amoreira ao hospital, pago à custa dos seus rendimentos, desde os canos que passavam por dentro da cidade e em frente da casa e hospital, devido às grandes despesas da Irmandade em ir buscar água para o serviço da Casa e sustentação dos presos da cadeia; 1626, 16 Janeiro / 1627, 23 Abril - acórdãos passando para a Misericórdia o encargo de enterrar os mortos, até ali o principal objectivo da Irmandade de Nossa Senhora do Amparo; 1632 - reforma dos Estatutos da Irmandade de Nossa Senhora do Amparo pelo 5º Bispo da cidade, D. Sebastião de Matos; 1661 - o reverendo Mestre Escola da Santa Sé da cidade, Amador Monteiro, sendo escrivão da Misericórdia, mandou fazer a obra do Consistório, onde estava o Santo Cristo, que anteriormente estava na parede da parte de fora, que se mandara romper e fazer o nicho de alvenaria para ficar mais recolhido e com maior decência a imagem; Pedro Vaz Ferrão, sendo Irmão da Misericórdia, mandou forrar de madeira o dito nicho, mas não o mandou guarnecer e pintar, devido à madeira não estar totalmente seca; 1667 / 1671 -

acórdãos fundindo as Mesas da Misericórdia e de Nossa Senhora do Amparo; 1703 - data do sino da Misericórdia; 1704, 19 Maio - data do Compromisso da Misericórdia; séc. XVIII, inícios - segundo apontamentos de Dr. Francisco de Paula de Santa Clara, determinou-se nesta época acrescentar o edifício para E.; a Misericórdia teve a propriedade das casas imediatas para a parte da rua da Cadeia e da Feira, mas surgindo dissensão entre dois dos seus promotores e sobrevivendo depois demandas, dissipou-se tudo, perdendo-se até, em consequência das mesmas demandas, a propriedade das casas, onde se deveria fazer a obra; transformação e ampliação da igreja; 1714 - substituição do retábulo em talha da Capela de Nossa Senhora do Amparo por um outro em cantaria; 1721, 3 Julho - decide-se criar uma botica ou farmácia, devido ao grande dispêndio que se fazia com os medicamentos para doentes do hospital, até ali providos do Convento de São Domingos; para tal, aproveitou-se uma parte do piso térreo da R. da Feira; 1742 - sendo o hospital quase subterrâneo, visto que a maior parte dava para a Rua da Feira, em plano inferior à R. da Cadeia, e, por isso, pouco saudável, determinou-se, sendo Provedor o Conde e depois marquês do Lavradio, a sua demolição e a construção de um novo; segundo Eurico Gama, a obra poderá ser atribuída ao arquitecto José Francisco de Abreu, de Torres Vedras; encomenda do portal do hospital ao canteiro Gregório das Neves; Setembro - início das obras, mudando-se os doentes para o armazém da Vedoria Geral do Exército, em frente do Hospital de São João de Deus, que D. João V mandara entregar ao Provedor com ordem ao Vedor Geral para que, à custa da sua fazenda Real, se fizessem as obras necessárias para os enfermos ficarem com a melhor acomodação possível; 1752, 17 Junho - transferência dos doentes para o novo edifício do hospital; 15 Junho - visita do Bispo D. Baltasar de Faria Vilas Boas e Sampaio que benzeu a imagem de Nossa Senhora do Amparo sobre o portal do hospital; 22 Junho - benção das enfermarias do hospital pelo Dr. António Pereira Pinho Ferrão, cónego probendado na Santa Sé e então escrivão da Misericórdia; 1754 - data do Livro dos Estatutos e Acórdãos da Confraria de Nossa Senhora do Amparo; 1758, 30 Maio - segundo as Memórias Paroquiais, a Misericórdia tinha a renda 1 conto até 3000 cruzados anuais em propriedades e a renda do hospital era de 350\$000 até 400\$000; séc. XVIII, 2ª metade - pintura da tela da Visitação para a tribuna do retábulo-mor pelo pintor Joaquim Manuel da Rocha (faleceu a 1786); execução dos azulejos do Consistório; 1806, 18 Outubro - alvará determinando que todas as Misericórdias do país adoptassem o Compromisso da de Lisboa; 1814 - transformação das capelas colaterais, que eram de madeira dourada, para cantaria, por Angélico Vellez, de Borba; 1825, 2 Janeiro - acórdão suspendendo os enterramentos na Igreja da Misericórdia; 1832, 25 Março - compra do painel de azulejos com as armas da Santa Casa, em Lisboa, por 12\$000; 1833, 20 Agosto - o boticário foi convidado a despejar os altos da farmácia, onde habitava, porque a Misericórdia precisava do espaço para instalar os doentes de cólera, sendo-lhe concedidas outras casas; 1834, 14 Janeiro - Misericórdia de Elvas acordou que o alvará fosse unido ao Compromisso da Misericórdia de 1704; 1835, 20 Maio - o subprefeito interino da Comarca, Manuel Rodrigues Silvano, disse em Mesa ter apresentado à Coroa o facto do edifício do hospital não corresponder ao seu fim, por falta de capacidade em albergar os enfermos pobres que ali afluíam, não ter enfermarias para doenças que exigiam a separação dos doentes, carecendo de uma enfermaria de convalescentes, e não ter acomodações indispensáveis para o bom serviço da Misericórdia, a que acrescia estar implantada no centro da cidade; tinha assim proposto à Coroa a transferência do hospital para o extinto convento de São Paulo; D. Maria II cedeu-o à Misericórdia para se proceder à transferência do hospital, mas devido às condições precárias em que se encontrava o estabelecimento, acabou por não se concretizar; 1836, 20 Julho - Portaria da 3ª Repartição do Ministério do Reino autorizando a mudança do hospital para o extinto convento de São Paulo, devendo o edifício do hospital passar para a Fazenda Nacional livre de quaisquer encargos que tivesse; 1837, 5 Novembro - acordou-se a desejada transferência da enfermaria das mulheres para um local mais cómodo, visto ela ficar muito próximo da torre sineira e no último andar, onde se fazia sentir o rigor das estações; para isso, aproveitaram-se as casas viradas à R. da Feira sobre as oficinas da Botica, então desocupadas; determinou-se começar a obra no dia 6, fazendo-se um corredor que da escada principal da enfermaria dos homens comunicasse com as ditas casas da R. da Feira; foi incumbido das obras o irmão José António da Silva e o mesário Manuel Joaquim das Torres facultou os seus carros para condução de materiais; 12 Novembro - sendo perigoso os enfermos de cirurgia curarem-se na enfermaria de medicina, acordou-se: demolir uma parede divisória, que havia na casa prolongada e paralela à enfermaria da Visitação e ali se formasse uma enfermaria de cirurgia, inteiramente separada desta, e a que se designaria de São Sebastião; 26 Novembro - despedido o mestre de alvenaria Manuel Miguel, manda-se chamar um outro, para continuar a obra das enfermarias; 3 Dezembro - o Mesário Manuel Joaquim das Torres informa que pagaria a despesa da obra de cantaria e a condução da pedra de Borba para Elvas, que se gastasse nos degraus do trânsito da escada principal do hospital para a nova enfermaria das mulheres, dando para tal 15\$300 mais 4\$000 da

condução; acordou-se ainda escrever o nome dos santos patronos das novas enfermarias sobre as portas das mesmas: a enfermaria de medicina dos homens chamada da Visitação, a de cirurgia de São Sebastião, a das pessoas que pagavam a despesa de São Pedro, a nova enfermaria das mulheres de Nossa Senhora do Amparo e a enfermaria de cirurgia de Santa Joana Princesa de Portugal; 1838, 1 Abril - após requerimento do Provedor, foi entregue à Misericórdia, a título de depósito ou empréstimo, pelo Administrador do Concelho, o órgão da igreja do extinto convento de São Paulo, avaliado entre 30 a 40\$000; 1838, depois - restauro do órgão, com as esmolas da Festa de Santa Luzia; 1839, 5 Julho - a Bandeira dos supliciados acompanhou pela última vez um padecente: João Afonso de Lima, cabo de esquadra do Batalhão de Infantaria 20, fuzilado por assassinio; 1843, 20 Outubro - visita da Rainha D. Maria II, rei D. Fernando, Príncipe D. Pedro e outros; 1845 - compra da alcatifa da capela-mor, por 63\$000, 30\$000 dados pela Misericórdia, 20\$5000 pela Irmandade do Amparo, 10\$000 pela Confraria de Santa Luzia e 2\$500 de esmola pelo Barão da Foz; 1846 - feitura da guarda do púlpito em ferro forjado, do coro-alto em madeira, sobre o guarda-vento, das duas janelas laterais e dos dois confessionários, ficando o da direita no vão de uma porta que dava para a rua e que se entaipou; 1847, Janeiro - fendeu-se ao meio o sino maior da Misericórdia, sendo substituído pelo actual, que pertencia ao Convento de São Francisco e que anteriormente estivera por alguns anos na capela da Madalena; 1855, 21 Outubro - Mesa decide transferir a botica para o andar térreo da Rua da Cadeia (1ª porta da fachada lateral esquerda da igreja), que estivera alugado em 1843, 1844; 1856 - feitura de uma divisória para depósito de cadáveres ou casa mortuária; Agosto - feitura de urna de alvenaria para o retábulo-mor; 1858 - conclusão das obras de instalação da farmácia no piso térreo da R. da Cadeia, importando em 69\$000, e tendo sido arrematadas pelo alveneu Vidigal; 1859, 10 Dezembro - alvará do governador civil anexando a Misericórdia de Barbacena à de Elvas; 1887, 4 Novembro - aprovação de novo Compromisso, sendo Provedor Joaquim José da Guerra e escrivão Joaquim António Lopes; 1890, 27 Agosto - publicação do novo Compromisso; 1892, Janeiro - deram entrada na Misericórdia as primeiras Irmãs Hospitaleiras, que assistiam ao culto na tribuna da capela-mor, do lado da Epístola; 1893, 5 Novembro - aprovação dos regulamentos internos do hospital, farmácia, secretaria e igreja; 1896 - pensava-se construir um novo hospital, nos terrenos do extinto convento das freiras Dominicanas; 23 Maio - Diário do Governo concedendo o local, mas acabou mais uma vez por não se concretizar; 1897, 18 Julho - o Provedor António José de Carvalho propôs conseguir-se os retratos dos maiores benfeitores da Misericórdia para a sua colocação na Sala do Consistório; 1897, cerca - a Misericórdia tinha de receita 10:136\$000, sendo 113:450\$000 de capital nominal e 44:600\$000 de capital mutuado; 1907, 28 Março - colocação de lápide sobre a porta da enfermaria D. Ana Leonor d'Andrade, à direita da escadaria, em homenagem e reconhecimento do seu legado; 1910 - grandes obras na farmácia, construindo-se um novo laboratório; o Eng. da praça Jacinto Correia aconselhou a edificação de dois arcos de volta perfeita para se ressaltarem o derrubamento de umas pedras contíguas à farmácia; 1911, 29 Maio - alvará do Governador Civil de Portalegre extinguindo a Irmandade de Nossa Senhora do Amparo, sendo os seus bens incorporados na Misericórdia; 1913 - elaboração do Inventário geral de mobília e utensílios da Casa; 1917, 4 Junho - aprovação em Assembleia-Geral do Regulamento Interno do Hospital, Secretaria e Igreja da Misericórdia; 1919, 31 Julho / 23 Setembro - decide-se encerrar a farmácia devido ao desleixo em que estava; 1923 - pensou-se arrendar a farmácia, mas como só apareceu um concorrente, que não interessava à Misericórdia, optou-se por não o fazer; 1926, 3 Março - aprovação de novo Compromisso; 17 Julho - decide-se vender todo o recheio da farmácia (que ocupava duas salas, a do público, bem mobilada com estantes douradas, com colunas, armários envidraçados, arcos etc); 1931, 29 Julho - aprovada proposta do provedor, Comendador Estêvão Palhinha de Brito Falé, da anexação da "Sopa dos Pobres", que mantinha a sua autonomia e administração, sendo instalada no rés-do-chão da R. da Feira; 1934 - criação de um corpo clínico no hospital; 1938 / 1939 - grandes obras de reforma do hospital, com a regularização das enfermarias, criação da sala de operações, de tratamento, quartos particulares, transformação da cozinha, etc.; 1939 - inauguração de uma sala com os instrumentos e aparelhos de cirurgia; Março - colocação de lápide na enfermaria de cirurgia-homens nº 1 com a inscrição Enfermaria Estêvão Palhinha de Brito Falé Ilustre Provedor desta Santa Casa. Homenagem da Actual Mesa Administrativa e da sua antecessora, que serviram sob a sua direcção; 1945, 1 Agosto - início do funcionamento da "Sopa dos Pobres" numas dependências dos Paços do Concelho; 1946 - obras de remodelação do espaço onde anteriormente estava a Sopa dos Pobres para instalação do novo banco do hospital: divisão das enfermarias de mulheres por um corredor, tendo ficado uma de medicina, uma de cirurgia, uma de operadas, uma de crianças, todas com casa de banho e retretes; divisão da enfermaria de medicina dos homens, tendo ficado com uma segunda de medicina com casa de banho, retretes e lavabos, uma de isolamento com casa de banho e retretes privativas, uma de cirurgia, uma de operados, três quartos particulares de

medicina, salas de fisioterapia com sala de espera, enfermaria de isolamento, um laboratório de análises com todo o apetrechamento moderno e sala de espera, instalado no 1º andar do prédio onde estava o Asilo de Silva Martins; o laboratório distribuiu-se por quatro compartimentos: salas de espera, de análises químicas, do director e para determinação do metabolismo basal; todo o laboratório importou em 200 contos; Julho - inauguração do novo banco do hospital no piso térreo da R. da Feira, sendo provedor Francisco da Silva Tello Rasquilha Júnior, que, com sua esposa, D. Francisca Fernandes Tello Rasquilha, contribuiu com cerca de 200 mil escudos; o Banco tinha dependências próprias, gabinete médico para consultas, com duas divisões anexas, uma para lavabos e outra para tratamentos e duas salas de espera; 1948, anterior - feitura de uma enfermaria de isolamento para mulheres; 1950, década - restauro das estantes da farmácia; 1952 - instalação dos Serviços de Secretaria no antigo banco; séc. XX, 2ª metade - elaboração de projecto de adaptação do edifício do antigo hospital a pólo universitário, o qual não foi aprovado; 1993 - Estado entrega o edifício do hospital à Misericórdia; séc. XX, finais - pequenas obras de beneficiação na igreja e sacristia: restauro da tela da capela-mor, repinte dos dourados na igreja e imagens e pintura de emolduramento dos elementos estruturais, a azul, na sacristia; 1999 - apresentação da Colecção António Cachola no MEIAC; 2000, início da década - restauro da igreja; 2002 - a Câmara Municipal de Elvas adquire o edifício do antigo hospital para adaptação a museu; 2003 / 2005, entre - o edifício do antigo hospital acolhe provisoriamente os serviços da Câmara Municipal, enquanto decorrem as obras de restauro no seu edifício; abertura de concurso público pela Câmara Municipal de Elvas para elaboração de projecto de construção do futuro Museu de Arte Contemporânea, a instalar no antigo hospital; o projecto de adaptação foi realizado pelo Arquitecto Pedro Reis e pelos designers Filipe Alarcão e Henrique Cayatte; 2005 / 2006 / 2007 - obras de remodelação do antigo hospital, conservando grande parte das estruturas existentes; recuperação de pavimentos, rebocos, tectos, caixilharias e coberturas; infraestruturas; instalações especiais; restauro de elementos decorativos; remoção de elementos dissonantes; guarda e segurança; 2007, 6 Julho - inauguração do Museu de Arte Contemporânea que acolheu mais de três centenas de peças da Colecção António Cachola.

14 - Arquitectura religiosa, maneirista e tardo-barroca e hospitalar tardo-barroca. Igreja de Misericórdia de planta longitudinal composta de três naves e quatro tramos, separados por arcos de volta perfeita sobre colunas toscanas, e capela-mor, interiormente cobertas por falsa abóbada de berço e em cúpula de pendentes, respectivamente, e iluminada axial e lateralmente, e hospital de planta irregular desenvolvido posteriormente, mas com fachada principal disposta perpendicularmente à da igreja. Devido à necessidade de adaptação ao espaço do quarteirão disponível para a construção, a planimetria da igreja é pouco comum, resultando no afinamento das naves do meio para o início, terminando quase só na nave central. A sua tipologia de três naves escalonadas insere-se na tradição das igrejas mendicantes, adaptadas no maneirismo. A ampliação das instalações de apoio no séc. XVIII, levou à eliminação das portas travessas da igreja, de ligação directa à rua, mas os anexos adaptaram-se igualmente à planta do quarteirão, resultando num polígono irregular. As fachadas da igreja são longilíneas, devido à construção de vários pisos sobrepostos à mesma, em resposta às necessidades do hospital, surgindo assim um corpo alteado atrás do remate da fachada principal. Esta, segue o esquema maneirista, de portal de verga recta entre pilastras suportando cornija encimada por nicho, que albergava imagem da invocação, entre janelas rectangulares, de molduras muito simples, mas o remate em frontão sem retorno, em massa, encimado por duas sineiras, resulta de uma reforma posterior. As fachadas de todo o conjunto seguem os modelos da arquitectura rural alentejana, com faixa, alguns cunhais, frisos, cornijas e remates sublinhados a ocre. No interior, possui coro-alto de madeira e púlpito de bacia circular sobre coluna balaústre do séc. XIX, pias de água benta circulares inseridas nas primeiras colunas, e dois retábulos colaterais tardo-barrocos, em mármore policromos, de planta côncava e um eixo; estes possuem um remate mal conseguido, constituindo um compromisso entre o espaldar e a tabela, de carácter rígido relativamente à restante estrutura e qualidade plástica dos mesmos, onde se pode referir, por exemplo, as pilastras definidoras do eixo com arranque inferior volutado. Conservam-se na nave cadeirais de três cadeiras, de esteira em couro, barrocos, onde os Irmãos assistiam às cerimónias litúrgicas. A capela-mor foi reformada na 2ª metade do séc. XVIII, em estilo pombalino, com decoração em estuques fitomórficos relevados, tendo-se construído tribunas nas paredes laterais e transformado a parede testeira em estrutura retabular, onde se integrou painel da *Visitação* da boca da tribuna do antigo retábulo-mor, flanqueado por mísulas rococós com imaginária. A sacristia teve uma reforma contemporânea, em tardo-barroco, destacando-se o arcaz, armários embutidos e portas de acesso com decoração fitomórfica pombalina, o silhar de azulejos monocromos rococós, pouco comum no período, o nicho em mármore e a exuberância decorativa do lavabo, de espaldar recortado e concheado, de

duas bicas carrancas e bacia sobre meia coluna balaústre, decorado com acantos. O hospital foi construído na 1ª metade do séc. XVIII sobre um outro pré-existente, caracterizando-se pela regularidade de fenestração e planimetria interior, tendo a adaptação a Museu conservado a espacialidade das antigas enfermarias, tipo nave, inter-comunicantes. A fachada principal organiza-se em dois pisos, separados por friso, terminada em friso e cornija de massa, com cunhais apilastrados, e rasgada regularmente por vãos sobrepostos de verga abatida, sendo os do segundo piso janelas de sacada, com guarda de ferro; o eixo principal de vãos, descentrado e de planta convexa, é composto por portal de arco deprimido, ladeado por estípites decoradas, suportando plintos galbados que enquadram brasão nacional, sobrepujado, no andar nobre, por almofada e nicho, entre pilastras suportando frontão contracurvado de inspiração borromínica, albergando imagem. Interior de três pisos, com vestíbulo rectangular bastante pequeno relativamente à escala do hospital e à imponentia da escada para o andar nobre, com guardas plenas de apainelados de mármore e arranques volutados no patamar intermédio. Os portais de distribuição a partir do vestíbulo e das salas dispostas à volta da escada apresentam molduras mais ricas, de perfil recortado e almofadado, as dos dois primeiros pisos tendo espaldar terminado em cornija contracurvada e vazado por óculos ovais e as do andar nobre com orelhas e terminando em cornija em cortina. O portal disposto no patamar intermédio, no enfiamento do portal principal, é encimado por nicho com jogos de mármore policromos e decoração rococó. No segundo piso, destaca-se o consistório com silhar de azulejos rococós, de guarnição recortada e composição figurativa alusiva à vida de Santa Isabel, em cujo dia festivo se elegiam os mesários, possuindo algumas cenas iconográficas pouco comuns, como a *Circuncisão de João Baptista*, e tendo em alguns painéis diálogos inscritos, em latim; o retábulo de mármore azul e branco, tem planta convexa e um eixo.

15 - IGREJA: No coro-alto existe órgão de armário recente e órgão portátil. Na nave central, adossa-se à terceira coluna, do lado da Epístola, púlpito com bacia circular sobre coluna balaústre assente em plinto paralelepípedo, ambos em mármore e com guarda em ferro, sem acesso. Nas paredes das naves laterais expõem-se quatro painéis pintados, representando numa coroa de flores, São Bento e São Domingos, noutra São Jerónimo e São Francisco a receber os estigmas, noutra um Santo mártir e no último Santo António e o Menino, todos datados provavelmente do séc. XVII. Nos topos das naves surgem retábulos colaterais, em mármore policromo vermelho e azul, de estrutura semelhante, de planta côncava e um eixo definido por duas pilastras de fuste almofadado e formando inferiormente volutas, ladeadas por palmas douradas, e por duas colunas de fuste liso, assentes em dupla ordem de plintos paralelepípedos, os inferiores lisos e mais altos e os superiores de faces almofadadas, e de capitéis coríntios; ao centro, abre-se nicho de arco polilobado, moldurado, de fecho saliente e de onde parte festão, interiormente pintado de azul e albergando a imagem de Nossa Senhora de Fátima (Evangelho) e de Santa Luzia (Epístola), padroeira da Misericórdia e da cidade; sobre cornija contracurvada, desenvolve-se o ático, em espaldar recortado, decorado com palmas e outros motivos fitomórficos, terminado em cornija, sendo ladeado por fragmentos de frontão; sotobanco ornado com almofadas contendo motivos fitomórficos enquadradas por duas falsas mísulas estriadas, possuindo ao centro sacrário tipo templete, com volutas nos ângulos e cúpula terminada em pináculo, tendo a porta decorada por cordeiro místico e resplendor. Altar tipo urna, em mármore vermelho, com cartela central contendo cruz. Junto aos retábulos colaterais dispõem-se encostados à parede, de cada um dos lados, um cadeiral de três cadeiras, de esteira em couro, cachaço contracurvado, com pregaria pequena e pernas galbadas. Parede testeira da capela-mor côncava, formando a estrutura retabular, definida por arco de volta perfeita sobre pilastras, decoradas por florão dourado e motivo fitomórfico, assentes em plintos; ao centro, possui nicho em arco de volta perfeita, com painel pintado representando a Visitação, com moldura em madeira, de perfil curvo, rematando em frontão semicircular com o tímpano ornado de elementos vegetalistas e resplendor, de talha dourada. É flanqueado por dois nichos em arco de volta perfeita envolvidos por decoração fitomórfica em estuque, contendo as imagens de Cristo Redentor (Evangelho) e da Virgem com o Menino (Epístola), sobre mísulas pétreas ornadas de concheados. Altar paralelepípedo em mármore, com cruz grega em mármore azul. Sacristia com silhar de azulejos monocromos de azul-cobalto sobre fundo branco, de representação figurativa, com cenas campestres em cartelas ovais, encimadas por grinaldas, ou apenas com elementos arquitectónicos nos painéis de preenchimento, e guarnição de elementos arquitectónicos. Na parede E. tem arcaz de madeira, com gavetas decoradas por elementos vegetalistas, encimado por oratório de mármore, de planta recta e um eixo definido por duas estípites, ladeadas por volutas, que suportam o frontão entrecortado por espaldar recortado ornado de acantos; ao centro, abre-se nicho de perfil contracurvado, moldurado e envidraçado, albergando imagem do Crucificado e um Menino Jesus.

Sobre o arcaz, dispõem-se duas outras imagens de Cristo na cruz, uma delas maior, e uma imagem de Santa Teresinha. Na parede N. possui armário embutido com decoração igual à do arcaz, a qual se repete nas portas de acesso e de comunicação com o anexo; esta é ladeada por lavabo de espaldar recortado e definido por concheados, com duas bicas carrancas e bacia achatada e de perfil recortado assente em meia coluna balaústre ornada de acantos. O anexo possui dois pequenos nichos de alfaia quadrangulares embutidos e pia de água-benta cilíndrica envolvida por moldura ovalada formando nicho; pavimento cerâmico policromo e cobertura em falsa abóbada de berço. A antiga secretaria, actualmente a sala acedida pelo portal da fachada lateral esquerda da igreja, e o corredor de comunicação com a igreja expõem várias imagens: sobre uma cómoda de madeira, antigo sacrário em talha dourada, possivelmente pertencente ao antigo retábulo-mor, decorado com acantos, tendo na face frontal brasão de Bispo e sendo coroado por um *Agnus Dei*; num pequeno nicho, em arco de volta perfeita, a imagem de Cristo na cruz, numa peanha a imagem de São João Baptista, pertencente a antigo Calvário, e a imagem de Cristo redentor; no corredor, expõem-se várias fotografias antigas de Elvas, numa mísula surge a imagem de Santa Rita de Cássia, a imagem de São Miguel, segurando apenas a balança, São José com o Menino, a de Santa Maria Madalena, um ex-voto pintado e datado de 1857 com a seguinte inscrição: Favor que recebeo D. Maria Francisca, de Nossa Senhora do Amparo, que tendo seu filho José Alves, gravemente enfermo, pellas fervorosas preces, que pella, e toda a sua família dirigio à mesma Senhora, forão ouvidas suas 1857. A Bandeira real, provavelmente do séc. XVIII, debruada por galão franjado de prata dourada, com larga franja inferior, de onde pendem 4 pares de borlas do mesmo material e, na parte superior, 4 outros pares de borlas, metade em cada face; ao alto, possui cruz que se coloca na altura das procissões. No anverso, muito semelhante à da Misericórdia de Lisboa, surge representada a Virgem, coroada, de braços abertos segurando o manto azul, ajudada por vários anjos, sobre plataforma que tem inferiormente vão gradeado, atrás do qual se vê um preso, e à volta do qual se dispõem várias figuras: à sua direita um Papa e um frade trino, e à sua esquerda, o rei, de coroa deposta, a rainha e outras figuras masculinas e femininas; inferiormente, tem a inscrição SVB TVVM PRESIDVM CONFGIMVS SANTA DEI GENITRIX. No reverso, surge representada a Virgem junto à cruz, acolhendo no regaço Cristo morto, ladeada; à direita, por Maria Madalena e uma Santa Mulher e, à esquerda, por São João Evangelista; por terra, surge uma cesta com os instrumentos da Paixão e a coroa de espinhos, e, ao fundo, a cidade de Jesusalém. Inferiormente tem a inscrição: LIVORE EJUS SANATI SVMVS. Existe ainda Bandeira dos supliciados, utilizada na procissão que acompanhava os condenados ao patíbulo. No reverso tem representado uma Pietá, em que a Virgem acolhe no regaço Cristo morto, ambos com resplendor, segurando-lhe a cabeça com a mão direita e a mão esquerda com a outra. HOSPITAL: Sobre o portal central no patamar intermédio da escada do hospital, existe nicho em jogos de mármore vermelho e branco, com arco de volta perfeita, interiormente desnudo, flanqueado por pilastras assentes em cornija com elemento fitomórfico inferior, as quais suportam frontão de lances com chave saliente, enquadrado por concheados recortados. O nicho tem a inscrição, em letras metálicas relevadas, NOSSA SENHORA DO AMPARO. O consistório apresenta silhar de azulejos monocromos azuis sobre fundo branco de composição figurativa, com temática alusiva à vida de Santa Isabel, sobre rodapé de pedra torta em roxo manganés e guarnição recortada composta por elementos arquitectónicos laterais sustentando urnas, anjos, elementos fitomórficos e concheados. O primeiro painel da parede E. representa o nascimento de Santa Isabel, a qual se vê em primeiro plano ao colo de uma das várias mulheres; o segundo painel retrata o casamento de Santa Isabel com Zacarias, no templo; e o terceiro a Anunciação a Zacarias, em que o anjo Gabriel anuncia, conforme inscrição em filactera, NE TIMEAS ZACHARIAS UXOR TUA ELISABETH PARIET TIBI FILIUM e Zacarias, que oferecia incenso no santuário enquanto o povo esperava no exterior, responde UNDE HOC SCIAM ?. Na parede fundeira da sala, surge representando, à esquerda, a Visitação, e, à direita, o nascimento de São João Baptista, vendo-se num canto Zacarias escrevendo o nome pela qual a criança de deveria chamar, e tendo na toalha da mesa a inscrição ELISABETH PEERERIT FILIUM. Na parede do lado direito representa-se a Circuncisão de João Baptista, vendo-se Isabel informando o nome do filho, surgindo em filactera a inscrição NEQUAQUAM SED VOCABITUR IOANES, e Zacarias confirmando, por escrever IOANNES EST NOMEN EIUS, ao mesmo tempo que louva a Deus dizendo BENEDICTUS DOMINUS DEUS ISRAEL; segue-se painel com representação ainda por identificar, mas que retrata Santa Isabel, segurando São João Baptista, Zacarias, Maria e José, os últimos com resplendor, vendo-se à esquerda um anjo a acondicionar a carga sobre um burro; no terceiro painel surge retratado a morte de Santa Isabel. Os painéis que flanqueiam a janela representam um Santo eremita e São Jerónimo. Na parede fundeira da sala existe retábulo de mármore azul e branco, de planta convexa e um eixo definido por duas pilastras almofadadas e superiormente decoradas com elemento vegetalista e volutas que sustentam frontão semicircular;

ao centro, abre-se nicho em arco de volta perfeita sobre estípites com a inscrição UISILAL HAUD UILLIAL em cartela no fecho, interiormente pintado com padrão vegetalista, e encimado por cartela recortada com Árvore da Vida, envolvida por grinalda e querubim; encima o frontão janela de verga abatida, de moldura levemente recortada, actualmente entaipada, sobrepujada por duas falsas mísulas que suportam cornija; altar pouco saliente, de frontal rectangular, definido por pilastras e com almofada côncava central, em mármore azul. Em frente do retábulo, enquadrando a janela da fachada principal, existem dois amplos armários embutidos, rectilíneos. Sobre o andar nobre do edifício do hospital, existe um outro piso com os gabinetes técnicos e no último fica a cafetaria. MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA: a colecção inclui obras dos seguintes artistas: Adriana Molder - Alexandre Conefrey - Alexandre Farto - Ana Pinto - Ana Rito - Ana Vidigal - André Gomes - Ângela Ferreira - Augusto Alves da Silva - Brígida Mendes - Fátima Mendonça - Fernanda Fragateiro - Francisco Vidal - Gil Amourous - Gil Heitor Cortesão - Hugo Guerreiro - Ilda David - Joana Vasconcelos - João Galvão - João Jacinto - João Leonardo - João Maria Gusmão e Pedro Paiva - João Onofre - João Paulo Serafim - João Pedro Vale - João Queiroz - João Tabarra - Jorge Molder - Jorge Rodrigues - José Loureiro - José Maçãs de Carvalho - José Pedro Croft - Luís Campos - Mafalda Santos - Manuel Rosa - Marcelo Costa - Maria Lusitano - Marta Soares - Miguel Ângelo Rocha - Miguel Palma - Noé Sendas - Nuno Cera - Nuno Silva - Nuno Vasa - Nuno Viegas - Patrícia Garrido - Patrícia Gouveia - Paulo Catrica - Pedro Cabrita Reis - Pedro Calapez - Pedro Casqueiro - Pedro Gomes - Pedro Portugal - Pedro Proença - Pedro Quintas - Ricardo Jacinto - Rosa Almeida - Rui Calçada Bastos - Rui Chafes - Rui Patacho - Rui Sanches - Rui Serra - Rui Toscano - Sofia Areal - Susana Anágua - Susana Campos - Susana Guardado - Tânia Simões - Vasco Araújo - Xana.

16 - Religiosa: igreja de misericórdia / Saúde: hospital de misericórdia

17 - Religiosa: igreja de misericórdia / Cultural: Museu de Arte Contemporânea (antigo hospital) (Horário: 3ª Feira 15:00 - 18:00; 4ª Feira a Domingo 10:00- 13:00 / 15:00 - 18:30)

18 - Santa Casa da Misericórdia de Elvas (Quinta de Vale de Marmelos, 7350-111 Elvas, tel. 268 626596, 268 623393, fax 268 628724 (igreja)) / Câmara Municipal de Elvas (Rua Isabel Maria Picão, 7350 Elvas (hospital))

19 - Proprietário / Museu de Arte Contemporânea, R. da Cadeia 7350 Elvas, Tel 268 637150 Fax 268 629060, E-mail: museu.arte.contemporanea@cm-elvas.pt

20 - Razoável (igreja) / Bom (hospital)

21 - BIBLIOGRAFIA: DENTINHO, Maria do Céu Ponce, Elvas. Monografia, Elvas, 1989; PEREIRA, Mário, Elvas, Lisboa, 1996; GAMA, Eurico, A Santa Casa da Misericórdia de Elvas, 1954; GOODOLPHIM, Costa, As Misericórdias, Lisboa, 1897; KEIL, Luís, Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Portalegre, vol. 1, Lisboa, 1940; PAIVA, José Pedro (coord.), Portugaliae Monumenta Misericordiarum, vol. 1, Lisboa, 2002; PEREIRA, Esteves, RODRIGUES, Guilherme, Portugal - Dicionário Histórico, Lisboa, 1906; RODRIGUES, Jorge, IDEM, Catálogo dos Pergaminhos do arquivo Municipal de Elvas, Coimbra, 1963; IDEM, À Sombra do Aqueduto. Roteiro Antigo de Elvas, Elvas 1964; IBIDEM, Azulejaria Elvense, Elvas, 1985; IBIDEM, Elvas, Rainha, da Fronteira: Monografia Resumida, Elvas, 1986; TEODORO, Vallecillo, ANGEL, Miguel, Retablística Alto-Alentejana: Elvas, Villaviciosa y Olivenza en los Siglos XVII-XVIII, Mérida, 1996; TOJAL, Alexandre Arménio, PINTO, Paulo Campos, Bandeiras das Misericórdias, Lisboa, 2002; Elvas, História Viva - Revista Municipal de Cultura e Património, nº 1, Janeiro de 2007, pp. 8 - 9.

DOCUMENTAÇÃO: IHRU: DGEMN/DSID; Santa Casa da Misericórdia de Elvas (datas extremas: 1504-1970); DGARQ/TT: Dicionário Geográfico, vol. 13, nº 14, pp. 71-106; Câmara Municipal de Elvas.

22 - Segundo o testamento de João Durães, clérigo, raçoeiro residente na Igreja de São Pedro, datado de 21 de Março de 1385, existiam sete hospitais ou albergarias em Elvas: a albergaria do Santo Espírito, a de São João, a da Alcáçova, a da Madalena, a de São Domingos, a de Santo Estêvão (a quem deixava cinco soldos), e o hospital dos Romeiros (a quem legava dez soldos). Documentos do séc. 15 referem ainda a Albergaria do Corpo de Deus, a de Santiago e o hospital da Porta Nova. Assim, segundo Eurico Gama, os quatro hospitais existentes em 1498 seriam o da Madalena Velha, o de São Domingos, o dos Romeiros ou Porta-Nova e o de São João do Hospital ou de Jerusalém. Documentos datados de 26 de Setembro de 1570 provam a existência ainda do

Hospital da Madalena Nova, anexa à Confraria com a mesma invocação. Segundo Eurico Gama, talvez só no séc. 18, depois da construção do actual edifício do Hospital da Misericórdia, tivesse cessado o da Madalena Nova. O novo edifício do hospital, inaugurado em 1752, era composto por três amplas enfermarias, com suas janelas de mármore e grades de ferro: a primeira para clérigos e pessoas nobres, dedicada aos Apóstolos São Pedro e São Paulo; a 2ª para os pobres, consagrada à Visitação e a 3ª para mulheres, ofertada a Nossa Senhora do Amparo, cujas imagens surgiam nas respectivas capelas, devidamente feitas e ornadas; a enfermaria dos homens tinha três naves sobre arcada e era de abóbada "com belo ponto" e bem ventilada, mas a das mulheres era "ridícula"; tinha boa cozinha, casa com todos os cómodos para botica com registo de água da Amoreira, um magnífico celeiro e outras muitas casas, que alugavam e davam aos empregados; toda a obra do hospital ficou em 13:320\$000. Segundo as Memórias Paroquiais, a Misericórdia era do padroado real e gozava dos mesmos privilégios que a de Lisboa, por alvará de 19 de Setembro de 1614; a renda do hospital permitia-lhe adquirir as tumbas, ataúdes e curativos de alguns doentes, que tendo com que pagar a sua cura, davam \$150 por dia, e eram administradas pelo Provedor e 12 Irmãos, eleitos anualmente; estes reuniam-se no Consistório todos os domingos. Segundo a descrição do pároco da freguesia, entrando pelo pórtico do hospital, surgia uma escada de um lance até meio, onde estava sobre um portal um nicho com outra imagem de Nossa Senhora do Amparo, que Lopo de Baião mandara fazer em 1560, transferida do portal principal da igreja; a partir deste meio, a escada dividia-se para os lados em dois lances, um dos quais acedia a uma enfermaria e o outro à sala do Consistório, com silhar de azulejos com a vida e morte de Santa Isabel e nascimento de João Baptista, com pavimento em xadrez, de pedra branca e preta, e tendo no nicho um Senhor Crucificado; por baixo das enfermarias e Consistório ficavam casas que serviam para despejos, celeiros e botica da Santa Casa e algumas moradas que se alugavam; a igreja tinha três naves, que estreitavam do meio para o seu início, devido à estreiteza do terreno de implantação, tendo três capelas: a maior com retábulo dourado onde estava o Santíssimo Sacramento e tendo na boca da tribuna um quadro pintado, antigo, com a imagem de Nossa Senhora do Amparo, orago da igreja, tendo ainda colocadas nesta capela duas imagens perfeitas de Nossa Senhora do Loreto e Santa Luzia; a capela colateral do Evangelho era dedicada a Nossa Senhora do Amparo cuja imagem se achava colocada na tribuna do retábulo dourado, tendo Irmandade, bem como as imagens de Nossa Senhora do Rosário, Santa Ana e São Gens; na capela colateral da Epístola estava uma devotíssima imagem de Cristo crucificado e nos lados estavam pintadas e de vulto as imagens de Nossa Senhora da Nazaré e São João Evangelista; sobre o portal principal da igreja estava uma imagem de pedra de Nossa Senhora da Piedade, que estivera sobre a porta do hospital antigo; ultimamente, a Misericórdia tinha um capelão, que administrava os sacramentos aos enfermos, um tesoureiro da sacristia, onde estava um Senhor crucificado, um enfermeiro com dois moços de enfermaria, uma enfermeira com sua ajuda, que cuidavam da cozinha, um porteiro, um requerente, um coveiro que também servia de comprador da Casa, quatro moços que levavam a tumba e outro a Bandeira, com suas opas fúnebres, com ordenados competentes. No adro da Misericórdia, ficava o Correio e a chamada Fonte da Misericórdia, que era uma das quatro principais da cidade (v. PT041207030078). Segundo o Compromisso publicado em 1890, a eleição dos Irmãos era feita no pavimento da capela-mor, colocando-se a cadeira do provedor próximo do primeiro degrau, a mesa em frente e, aos lados desta, os assentos para o secretário e escrutinadores da eleição; os restantes irmãos, sentavam-se nas cadeiras em que costumavam assistir às festividades, junto às paredes laterais da dita capela. A Misericórdia fazia então as seguintes festividades: a da Visitação, a 2 de Julho, a de Nossa Senhora do Amparo, a 8 de Setembro, a Procissão ao antigo cemitério, onde se cantavam resposos pelas Almas em geral, a 1 de Novembro, a festa da Virgem mártir Santa Luzia, a 13 de Dezembro, as festividades da Semana Santa e nos primeiros cinco Domingos da Quaresma. O quadro dos funcionários era então composto por: um advogado, médico do hospital, dito dos socorridos em suas casas, cirurgião, capelão-mor, cinco capelães menores para cumprimento das capelas, e um da Irmandade do Amparo, cartorário, farmacêutico, enfermeiro-mor, despenseiro e comprador, tesoureiro da igreja, praticante da botica, sangrador e barbeiro, cobrador e contínuo, guarda portão, enfermeiro menor ou da cirurgia, cozinheiro, servo da cozinha, servo da botica, quatro servos das enfermarias, engomadeira da igreja, ermitão da capela do antigo cemitério, costureira, duas servas das respectivas enfermarias, quatro lavadeiras de roupa e procurador em Olivença. Segundo descrição do hospital, de meados do séc. XX, no topo da escadaria ficava, do lado direito, a enfermaria D. Ana Leonor d'Andrade e, à esquerda, a Sala do Consistório; esta tinha pavimento em cantaria, branco e preto, em xadrez, capela no topo com a imagem do Senhor Crucificado, nas paredes dispunham-se retratos de alguns provedores e dos maiores benfeitores da Misericórdia e ao meio tinha a Mesa e cadeiras de palhinha, actualmente na Quinta de Vale de Marmelos (v. PT041207010051), bem como os cadeirais dos

Irmãos. A seguir à sala do Consistório ficava a Secretaria, com o Arquivo da Instituição. No patamar intermédio da escadaria, a porta colocada no lado direito acedia-se à Igreja e a do lado esquerdo a todas as enfermarias, contendo altares: a de medicina para mulheres com imagem de Nossa Senhora da Conceição, a de cirurgia para mulheres com imagem de Nossa Senhora de Lourdes, a de operadas com imagem de Santa Rita, a de crianças, a de medicina para homens (2) com imagem do Sagrado Coração de Jesus, a de cirurgia para homens (2) com imagem do Imaculado Coração de Maria, a de operados e a de isolamento. Em frente da enfermaria de cirurgia-homens nº 1 ficava a sala de operações com um compartimento anexo para lavabo, utensílios cirúrgicos, etc.; após o corredor, ficava um pequeno gabinete médico à esquerda e os quartos particulares. No último andar, diversas dependências para arrecadações, costura, engomadoria, etc e varanda com admirável vista.

23 - Helena Mantas e Susana Gonçalves / Paula Noé

24 - 2000 / 2007

B – IGREJAS DE MISERICÓRDIA INVENTARIADAS EM PORTUGAL CONTINENTAL – Tabela e Mapa

Igrejas de Misericórdia organizadas por distrito

Distrito	Localização	Designação	N.º IPA
Aveiro	Arouca	Capela da Santa Casa da Misericórdia de Arouca	PT010104030010
	Aveiro	Igreja da Misericórdia de Aveiro, Salas do Despacho e anexos	PT020105060007
	Santa Maria da Feira	Igreja da Misericórdia da Feira	PT010109060016
Beja	Aljustrel	Capela da Misericórdia de Aljustrel	PT040201010005
	Almôdovar	Igreja da Misericórdia de Almôdovar	PT040202010010
	Beja	Igreja da Misericórdia de Beja	PT040205130006
	Beringel	Capela da Misericórdia de Beringel	PT040205030023
	Castro Verde	Igreja da Misericórdia de Castro Verde	PT040206020018
	Colos	Capela de Santa Isabel / Igreja da Misericórdia de Colos	PT040211010010
	Cuba	Antiga Igreja da Misericórdia de Cuba / Farmácia da Misericórdia	PT040207010038
	Entradas	Igreja da Misericórdia de Entradas	PT040206030009
	Ferreira do Alentejo	Igreja e Antigo Hospital da Misericórdia de Ferreira do Alentejo	PT040208020007
	Mértola	Igreja da Misericórdia de Mértola / Museu de Arte Sacra	PT040209040021
	Messejana	Igreja da Misericórdia de Messejana	PT040201030015
	Odemira	Igreja da Misericórdia de Odemira	PT040211080016
	Moura	Igreja da Misericórdia de Moura / Cine-Teatro Caridade	PT040210070026
	Ourique	Igreja da Misericórdia de Ourique	PT040212030007
	Serpa	Igreja da Misericórdia de Serpa	PT040213050024
	Vidigueira	Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Vidigueira	PT040214030009
	Vila Alva	Igreja da Misericórdia de Vila Alva	PT040207030027
	Vila de Frades	Igreja da Misericórdia de Vila de Frades	PT040214040013
	Vila Ruiva	Igreja da Misericórdia de Vila Ruiva	PT040207040019
	Braga	Braga	Igreja da Misericórdia de Braga
Esposende		Igreja da Misericórdia de Esposende	PT010306050003
Fão		Igreja da Misericórdia de Fão	PT010306060020

	Guimarães	Igreja da Misericórdia de Guimarães	PT010308040034
Bragança	Alfândega da Fé	Igreja da Misericórdia de Alfândega da Fé	PT010401020021
	Algoso	Igreja da Misericórdia de Algoso	PT010411010021
	Bragança	Igreja da Misericórdia de Bragança	PT010402420052
	Castro Vicente	Capela da Misericórdia de Castro Vicente	PT010408080071
	Freixo de Espada-à-Cinta	Igreja da Misericórdia de Freixo de Espada-à-Cinta	PT010404020004
	Miranda do Douro	Igreja da Misericórdia de Miranda do Douro	PT010406080029
	Mirandela	Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Mirandela	PT010407210017
	Mogadouro	Igreja da Misericórdia de Mogadouro	PT010408100014
	Penas Róias	Capela da Misericórdia de Penas Róias	PT010408120081
	Santulhão	Igreja da Misericórdia de Santulhão	PT010411100020
	Torre de Moncorvo	Igreja da Misericórdia de Moncorvo	PT010409160007
	Vila Flor	Igreja da Misericórdia de Vila Flor	PT010410170036
	Castelo Branco	Alcafozes	Igreja da Misericórdia de Alcafozes
Alpedrinha		Igreja e Lar da Misericórdia de Alpedrinha	PT020504060053
Álvaro		Capela da Misericórdia de Álvaro	PT020506010004
Castelo Branco		Igreja da Misericórdia de Castelo Branco / Igreja de Santo António e Lar da Santa Casa da Misericórdia de Castelo Branco	PT020502050046
Castelo Novo		Igreja da Misericórdia de Castelo Novo	PT020504130031
Covilhã		Igreja da Misericórdia da Covilhã	PT020503200013
Fundão		Igreja da Misericórdia do Fundão	PT020504170009
Galizes		Igreja da Misericórdia de Galizes	PT020611110034
Idanha-a-Nova		Capela da Santa Casa da Misericórdia de Idanha-a-Nova	PT020505030019
Idanha-a-Velha		Antiga Igreja da Misericórdia de Idanha-a-Velha / Igreja Matriz de Idanha-a-Velha	PT020505040163
Ladoeiro		Igreja da Misericórdia do Ladoeiro / Igreja do Senhor dos Passos	PT020505050047
Medelim		Igreja da Misericórdia de Medelim	PT020505060049
Monsanto		Igreja da Misericórdia do Monsanto	PT020505080101
Oleiros		Igreja da Misericórdia de Oleiros	PT020506080003
Penamacor		Igreja da Misericórdia de Penamacor	PT020507100007
Proença-a-Nova		Igreja da Misericórdia de Proença-a-Nova	PT020508040002
Proença-a-Velha		Igreja e edifício da Misericórdia de Proença-a-Velha	PT020505110016

	Rosmaninhal	Igreja da Misericórdia de Rosmaninhal	PT020505120046
	Salvaterra do Extremo	Igreja da Misericórdia de Salvaterra do Extremo	PT020505130050
	São Vicente da Beira	Capela da Misericórdia de São Vicente da Beira	PT020502220085
	Sarzedas	Igreja da Misericórdia de Sarzedas	PT020502230024
	Sertã	Igreja da Misericórdia da Sertã	PT020509120009
	Segura	Igreja da Misericórdia de Segura	PT020505150021
	Soalheira	Igreja da Misericórdia de Soalheira / Igreja de Nossa Senhora das Necessidades	PT020504250054
	Sobreira Formosa	Igreja da Misericórdia de Sobreira Formosa	PT020508060003
	Vila de Rei	Igreja da Misericórdia de Vila de Rei / Capela de São Sebastião	PT020510030004
Coimbra	Arganil	Igreja da Misericórdia de Arganil	PT020601020008
	Buarcos	Igreja da Misericórdia de Buarcos, incluindo todo o recheio	PT020605040016
	Cantanhede	Antiga Capela da Misericórdia de Cantanhede	PT020602040019
	Góis	Igreja da Misericórdia de Góis	PT020606040009
	Lousã	Capela da Misericórdia da Lousã	PT020607030006
	Montemor-o-Velho	Capela da Misericórdia de Montemor-o-Velho	PT020610070004
	Pampilhosa da Serra	Igreja da Misericórdia de Pampilhosa da Serra	PT020612060001
	Penela	Igreja da Misericórdia de Penela / Igreja Museu	PT020614050008
	Pereira	Igreja da Misericórdia de Pereira e Casa do Despacho	PT020610080009
	Soure	Igreja da Misericórdia de Soure	PT020615090004
	Tentúgal	Igreja da Misericórdia de Tentúgal	PT020610110007
	Vila Cova de Alva	Igreja da Misericórdia de Vila Cova de Alva	PT020601180017
	Vila Nova de Anços	Igreja da Misericórdia de Vila Nova de Anços	PT020615110005
Évora	Alandroal	Igreja da Misericórdia de Alandroal e fonte no exterior	PT040701010008
	Arraiolos	Igreja da Misericórdia de Arraiolos	PT040702010017
	Borba	Igreja e Hospital da Misericórdia de Borba	PT040703010014
	Cabeção	Igreja e Hospital da Misericórdia do Cabeção	PT040707020009
	Évora	Igreja da Misericórdia de Évora	PT040705210062
	Évora Monte	Igreja da Misericórdia de Évora Monte	PT040704040035
	Juromenha	Igreja da Misericórdia da Juromenha	PT040701020031
	Lavre	Igreja da Misericórdia de Lavre	PT040706020043

	Mourão	Igreja da Misericórdia de Mourão	PT040708030004
	Monsaraz	Igreja da Misericórdia de Monsaraz	PT040711030045
	Montemor-o-Novo	Igreja da Misericórdia de Montemor-o-Novo	PT040706030036
	Mora	Igreja da Misericórdia de Mora	PT040707030011
	Pavia	Igreja da Misericórdia de Pavia	PT040707040025
	Portel	Igreja da Misericórdia de Portel / Capela de São Romão Abade	PT040709050035
	Redondo	Igreja e Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Redondo	PT040710020007
	Tavira	Igreja da Misericórdia e Antiga Casa do Despacho de Tavira	PT050814060003
	Terena	Igreja da Misericórdia de Terena	PT040701050025
	Veiros	Igreja da Misericórdia de Veiros / Igreja do Senhor dos Passos	PT040704130043
	Viana do Alentejo	Igreja da Misericórdia de Viana do Alentejo	PT040713020018
	Vila Viçosa	Igreja e antigo hospital da Misericórdia de Vila Viçosa / Igreja do Espírito Santo	PT040714050019
	Vimieiro	Igreja da Misericórdia de Vimieiro	PT040702060011
Faro	Albufeira	Igreja, Hospital e antiga Hospedaria da Misericórdia	PT050801010002
	Alcantarilha	Igreja da Misericórdia de Alcantarilha	PT050813010036
	Alcoutim	Capela da Misericórdia de Alcoutim / Igreja da Misericórdia de Alcoutim	PT050802010008
	Aljezur	Igreja de Misericórdia de Aljezur / Museu de Arte Sacra Manuel Francisco Pardal	PT050803010002
	Alvor	Igreja da Misericórdia de Alvor	PT050811010021
	Armação de Pera	Capela da Misericórdia de Armação de Pera	PT050813030037
	Boliqueime	Capela da Santa Casa da Misericórdia de Boliqueime	PT050808040020
	Estômbar	Igreja de Misericórdia de Estômbar	PT050806010005
	Faro	Igreja e Hospital da Misericórdia de Faro / Santa Casa da Misericórdia de Faro	PT050805050038
	Castro Marim	Igreja de Misericórdia de Castro Marim / Igreja de São Sebastião	PT050804020005
	Lagoa	Igreja da Misericórdia de Lagoa	PT050806030006
	Moncarapacho	Igreja de Misericórdia de Moncarapacho	PT050810020009
	Monchique	Igreja e antigo Hospital da Misericórdia de Monchique	PT050809030004
	Olhão	Capela da Santa Casa da Misericórdia de Olhão	PT050810030010
	Mexilhoeira Grande	Igreja de Misericórdia de Portimão / Mexilhoeira Grande	PT050811020022

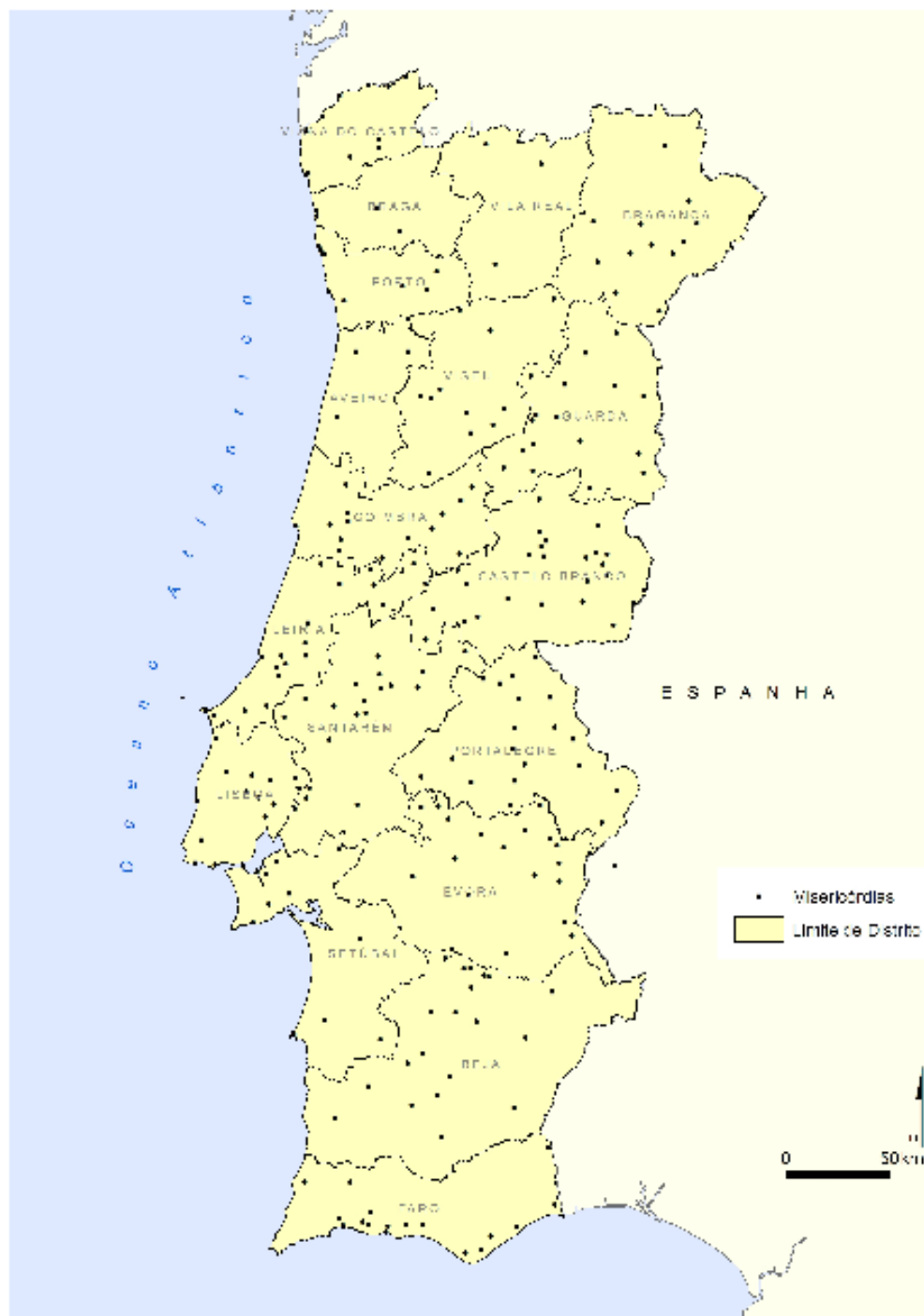
	Silves	Igreja da Misericórdia de Silves	PT050813070006
Guarda	Aguiar da Beira	Igreja da Misericórdia de Aguiar da Beira	PT020901010023
	Alfaiates	Igreja da Misericórdia de Alfaiates / Capela da Santa Casa da Misericórdia de Alfaiates	PT020911070010
	Algodres	Igreja da Misericórdia de Algodres	PT020905010012
	Almeida	Igreja da Misericórdia de Almeida	PT020902030051
	Almendra	Capela de Nossa Senhora da Misericórdia de Almendra / Capela de Nosso Senhor dos Passos	PT010914010165
	Celorico da Beira	Igreja da Misericórdia de Celorico da Beira	PT020903160047
	Fornos de Algodres	Igreja da Misericórdia de Fornos de Algodres / Igreja de Nossa Senhora dos Remédios	PT020905050027
	Gouveia	Igreja da Misericórdia de Gouveia	PT020906180016
	Guarda	Igreja e Edifício da Misericórdia da Guarda	PT020907420017
	Manteigas	Igreja da Misericórdia de Manteigas	PT020908020013
	Marialva	Igreja da Misericórdia de Marialva / Igreja do Senhor dos Passos	PT020909080014
	Melo	Capela da Misericórdia de Melo	PT020906090050
	Pinhel	Igreja da Misericórdia de Pinhel, com todo o seu recheio	PT020910170007
	Seia	Igreja da Misericórdia de Seia	PT020912200013
	Sortelha	Ruínas da Igreja da Misericórdia / Igreja de Santa Rita ou de São João	PT020911330025
	Trancoso	Igreja da Misericórdia de Trancoso	PT020913180018
Vilar Maior	Igreja da Misericórdia de Vilar Maior	PT020911400252	
Leiria	Alcobaça	Igreja da Misericórdia de Alcobaça	PT031001010019
	Aljubarrota	Igreja da Misericórdia de Aljubarrota	PT031001110058
	Alvaiázere	Igreja da Misericórdia de Alvaiázere / Capela do Lar de São Francisco da Misericórdia	PT021002020009
	Alvorge	Igreja da Misericórdia da Alvorge	PT021003010011
	Alvorninha	Igreja da Misericórdia de Alvorninha	PT031006020022
	Ansião	Igreja da Misericórdia de Ansião	PT021003020012
	Atouguia da Baleia	Igreja da Misericórdia de Atouguia da Baleia	PT031014020020
	Batalha	Igreja da Misericórdia da Batalha	PT021004010006
	Castanheira de Pera	Igreja da Misericórdia de Castanheira de Pera / Lar de Idosos de São José	PT021007010004
	Cós	Antiga Capela da Misericórdia de Cós / Igreja de Santa Eufémia	PT031001070020
	Évora de	Capela da Misericórdia de Évora de Alcobaça /	PT031001080049

	Alcobaça	Capela do Senhor dos Passos	
	Leiria	Igreja e antigo hospital da Misericórdia de Leiria	PT021009120044
	Louriçal	Capela da Misericórdia de Louriçal	PT021015060008
	Nazaré	Igreja da Misericórdia da Pederneira	PT031011020004
	Óbidos	Igreja da Misericórdia de Óbidos	PT031012040028
	Pedrógão Grande	Igreja da Misericórdia de Pedrógão Grande e edifício contíguo	PT021013020004
	Peniche	Igreja da Misericórdia de Peniche	PT031014030010
	Pombal	Antiga Igreja e Hospital da Misericórdia de Pombal	PT021015090042
	Porto de Mós	Igreja da Misericórdia de Porto de Mós / Hospital de Santo André	PT021016110022
	Sobral de Monte Agraço	Capela da Misericórdia de Sobral de Monte Agraço	PT031112010006
Lisboa	Aldeia Galega da Merceana	Igreja da Misericórdia da Aldeia Galega da Merceana	PT031101020045
	Alenquer	Igreja e Antigo Hospital da Misericórdia de Alenquer / Teatro Ana Pereira	PT031101110018
	Alverca do Ribatejo	Capela e Casa da Misericórdia de Alverca	PT031114020024
	Arruda dos Vinhos	Igreja da Misericórdia de Arruda dos Vinhos	PT031102020003
	Azambuja	Igreja e edifício da Misericórdia de Azambuja	PT031103040007
	Cascais	Igreja da Misericórdia de Cascais	PT031105030054
	Lourinhã	Igreja da Misericórdia da Lourinhã e edifício contíguo	PT031108010008
	Mafra	Igreja da Misericórdia de Mafra	PT031109060051
	Oeiras	Igreja da Misericórdia de Oeiras / Capela de Nossa Senhora da Conceição e Santo Amaro	PT031110040030
	Sintra	Capela da Misericórdia / Antiga Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia de Sintra	PT031111110071
	Torres Vedras	Igreja da Misericórdia de Torres Vedras	PT031113150044
	Vila Franca de Xira	Igreja da Misericórdia de Vila Franca de Xira	PT031114090025
Portalegre	Alegrete	Capela da Misericórdia de Alegrete	PT041214020055
	Alpalhão	Igreja de Misericórdia de Alpalhão	PT041212010016
	Alter do Chão	Igreja e Antigo Hospital da Misericórdia de Alter do Chão	PT041201010016
	Amieira do Tejo	Igreja da Misericórdia de Amieira do Tejo	PT041212020014
	Arez	Igreja da Misericórdia de Arez	PT041212030015
	Arronches	Igreja e Hospital da Misericórdia de Arronches	PT041202010006
	Avis	Igreja e Antigo Hospital da Misericórdia de Avis	PT041203030007

	Cabeço de Vide	Igreja e Antigo Hospital da Misericórdia de Cabeço de Vide / Lar da Misericórdia	PT041208010013
	Campo Maior	Igreja da Misericórdia de Campo Maior	PT041204030006
	Castelo de Vide	Igreja e antigo Hospital da Misericórdia / Igreja de Santo Amaro	PT041205020016
	Crato	Antiga Igreja e Hospital da Misericórdia do Crato / Capela Funerária / Repartição de Finanças	PT041206020011
	Elvas	Igreja e Antigo Hospital da Misericórdia / Antigo Hospital Distrital de Elvas / Museu de Arte Contemporânea de Elvas	PT041207030047
	Fronteira	Igreja e Antigo Hospital da Misericórdia de Fronteira / Centro de Dia	PT041208020011
	Galveias	Capela da Santa Casa da Misericórdia de Galveias	PT041213010001
	Montalvão	Igreja da Misericórdia de Montalvão / Capela Funerária	PT041212050025
	Montargil	Igreja da Misericórdia de Montargil	PT041213020013
	Nisa	Igreja da Misericórdia de Nisa	PT041212060011
	Portalegre	Igreja da Misericórdia e Consistório de Portalegre	PT041214090009
	Sousel	Igreja e Hospital da Misericórdia de Sousel	PT041215040006
Porto	Amarante	Igreja e Edifício da Misericórdia de Amarante	PT011301330170
	Azurara	Igreja da Misericórdia de Azurara	PT011316040029
	Marco de Canaveses	Capela da Misericórdia de Marco de Canavese	PT011307080035
	Penafiel	Igreja da Misericórdia de Penafiel	PT011311240018
	Porto	Igreja da Misericórdia do Porto	PT011312150045
	Póvoa de Varzim	Igreja da Misericórdia da Póvoa de Varzim	PT011313100023
	Vila do Conde	Igreja e Edifício da Misericórdia de Vila do Conde	PT011316280019
Santarém	Abrantes	Igreja e antigo hospital da Misericórdia de Abrantes	PT031401110011
	Alcanede	Igreja da Misericórdia de Alcanede	PT031416040062
	Asseiceira	Capela da Misericórdia da Asseiceira	PT031418020055
	Azinhaga	Igreja e hospital da Misericórdia da Azinhaga	PT031412010010
	Benavente	Igreja da Misericórdia de Benavente	PT031405010005
	Carvoeiro	Antiga Capela da Santa Casa da Misericórdia do Carvoeiro / Capela de Nossa Senhora da Visitação	PT021413040020
	Chamusca	Igreja do Senhor da Misericórdia / Igreja da Misericórdia da Chamusca	PT031407010008
	Coruche	Igreja da Misericórdia de Coruche	PT031409010004
	Constância	Igreja da Misericórdia de Constância	PT031408010003

	Golegã	Igreja de Nossa Senhora dos Anjos / Igreja da Misericórdia da Golegã	PT031412020007
	Pernes	Igreja da Misericórdia de Pernes	PT031416140064
	Rio Maior	Igreja da Misericórdia de Rio Maior	PT031414080008
	Salvaterra de Magos	Igreja da Misericórdia de Salvaterra de Magos	PT031415040003
	Samora Correia	Igreja da Misericórdia de Samora Correia	PT031405020038
	Santarém	Edifício e Igreja da Misericórdia de Santarém	PT031416200018
	Sardoal	Igreja da Santa Casa da Misericórdia do Sardoal	PT031417030003
	Tancos	Igreja da Misericórdia de Tancos	PT031420030003
	Tomar	Igreja e Hospital da Misericórdia de Tomar / Hospital de Nossa Senhora da Graça	PT031418120035
	Torres Vedras	Igreja da Misericórdia de Torres Novas	PT031419150006
Setúbal	Alcácer do Sal	Igreja da Misericórdia de Alcácer do Sal	PT041501010013
	Alhos Vedros	Capela da Santa Casa da Misericórdia de Alhos Vedros	PT031506010003
	Almada	Igreja da Misericórdia de Almada	PT031503010037
	Alvalade	Igreja da Misericórdia de Alvalade	PT041509020011
	Azeitão	Igreja e antigo Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Azeitão	PT031512040060
	Barreiro	Capela da Misericórdia do Barreiro / Capela de Santo António	PT031504010005
	Canha	Ermida de São Sebastião / Igreja da Misericórdia de Canha	PT031507010006
	Montijo	Igreja da Misericórdia do Montijo	PT031507020002
	Palmela	Igreja de Misericórdia de Palmela	PT031508020007
	Santiago do Cacém	Igreja da Misericórdia de Santiago do Cacém	PT041509060019
	Sesimbra	Capela da Misericórdia de Sesimbra	PT031511020010
	Sines	Igreja da Santa Casa da Misericórdia e Sines / Capela da Misericórdia	PT041513010006
Viana do Castelo	Arcos de Valdevez	Igreja da Misericórdia de Arcos de Valdevez, Biblioteca e o Cruzeiro anexo à fachada Norte	PT011601410025
	Caminha	Igreja da Misericórdia de Caminha, Consistório e Sacristia	PT011602070013
	Melgaço	Igreja da Misericórdia de Melgaço, Sacristia e Casa do Consistório	PT011603180040
	Monção	Igreja e Casa do Consistório da Misericórdia de Monção	PT011604170025
	Ponte da Barca	Igreja e antigo Hospital da Misericórdia de Ponte da Barca	PT011606160042
	Ponte de Lima	Igreja da Misericórdia de Ponte de Lima	PT011607350008

	Valadares	Igreja da Misericórdia de Valadares	PT011604320026
	Valença	Igreja da Misericórdia de Valença	PT011608150027
	Viana do Castelo	Misericórdia de Viana do Castelo	PT011609310005
	Vila Nova de Cerveira	Igreja da Misericórdia de Vila Nova de Cerveira	PT011610150011
Vila Real	Chaves	Igreja e Provedoria da Misericórdia de Chaves	PT011703500067
	Montalegre	Igreja da Misericórdia de Montalegre	PT011706150099
	Vila Real	Capela da Misericórdia de Vila Real / Igreja da Misericórdia de Vila Real	PT011714230089
Viseu	Mangualde	Igreja da Misericórdia de Mangualde	PT021806100005
	Oliveira de Frades	Capela da Misericórdia de Oliveira de Frades	PT021810040006
	Penalva do Castelo	Igreja da Misericórdia de Penalva do Castelo	PT021811050011
	Resende	Capela da Misericórdia de Resende	PT011813110015
	Santa Comba Dão	Igreja da Misericórdia de Santa Comba Dão	PT021814040011
	Santar	Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Santar	PT021809040006
	São João da Pesqueira	Igreja e Antigo Hospital da Misericórdia de São João da Pesqueira	PT011815080008
	São Pedro do Sul	Igreja da Misericórdia de São Pedro do Sul	PT021816140013
	Tarouca	Igreja da Misericórdia de Tarouca	PT011820070016
	Viseu	Igreja da Misericórdia de Viseu	PT021823240042
	Vouzela	Igreja da Misericórdia de Vouzela	PT021824120011
Espanha	Oliveira	Igreja e Hospital da Misericórdia de Oliveira	ES000101010003



C - GLOSSÁRIO

ABÓBADA	Revestimento interior de um espaço, consistindo na transladação de um arco ou na justaposição de vários, apoiada em paredes, pilares ou colunas, apresentando perfis diversos e podendo ser executada em variados materiais (betão, pedra, tijolo).
ALTAR	Estrutura fixa ou móvel, sobre a qual se celebra o sacrifício da missa, nas religiões cristãs, composta por um tampo, assente em suportes de formas variadas.
ALTAR-MOR	Altar principal de um templo, situado na zona da cabeceira, normalmente virado a Este, onde se celebra quotidianamente e consagrado ao orago principal do imóvel.
ANDOR DO CRISTO MORTO	Andor em forma de leito rectangular onde o Cristo morto era deitado e transportado nas celebrações e procissão da Semana Santa. Normalmente, o leito assenta em quatro pés, é percorrido por guardas balaustradas, por vezes com a zona da cabeceira distinta e decorativamente realçada, possuindo nos topos da cabeceira e dos pés varais de transporte, albergando cama acolchoada e forrada.
ARCAZ	Móvel de sacristia, de dimensões variáveis e forma corrida, normalmente ocupando a totalidade de uma parede, composto por várias gavetas para a guarda de paramentaria e alfaias, por vezes decoradas com ferragens de latão recortado e vazado, e maioritariamente encimado por espaldar entalhado e por oratório central.
ARMÁRIO DE CONFRARIA	Armário de madeira ou metálico que serve para arrumar os pertences de uma confraria ou irmandade, podendo ter elemento identificativo da mesma. Pode encontrar-se embutido no muro.
ARMÁRIO DOS MESÁRIOS	Armário de gavetas e com duas ou mais meias portas, existente na sacristia ou casa do despacho, utilizado pelos mesários para guardar documentos, possuindo inscrições pintadas sobre as gavetas e decoração vária entalhada.
ARMÁRIO PARA CÁLICES	Armário embutido na parede de uma sacristia, fechado por duas portas, por vezes envidraçadas, onde se arrecadam os cálices e demais alfaias litúrgicas.
ARMÁRIO PARA BANDEIRAS	Armário alto e estreito, de madeira, adossado à parede de um templo ou anexo deste, destinado a arrecadar as bandeiras processionais, possuindo dois volantes que a encerram e dois orifícios, um superior e outro inferior, por onde passam as hastes de remate e de segurar, respectivamente.
ARCO TRIUNFAL	Arco de volta perfeita que dá acesso à capela-mor, podendo ser de dimensões distintas e assente em elementos das várias ordens arquitectónicas.
ARQUITRAVADO	Sistema constituído por dois elementos verticais, travados por um elemento horizontal comum, dando origem a um vão rectilíneo.

AVENTAL

Elemento decorativo que surge na base da moldura inferior das janelas de peitoril, sendo mais ou menos recortado, podendo ostentar volutas ou elementos pendentes, inspirados na passamentaria.

AZULEJOS DE PADRÃO

Azulejos formando uma composição decorativa constituída pela repetição de um ou vários módulos que podem ir de 2 x 2 até 16 x 16 azulejos. Foi largamente utilizado durante o século XVII e primeira metade do século XVIII, em revestimentos parietais, formando o denominado efeito *tapete*.

BANDEIRAS DAS MISERICÓRDIAS

Bandeira composta por dois painéis pintados, normalmente sobre tela e com representação nas duas faces, armados e sustentados por haste de madeira, apresentando moldura de madeira ou sendo adornados por um galão de bordadura, franjado, preso por tachas, com borlas pendentes em passemanaria, encimados por pequena cruz de madeira, pintada ou dourada, ferro, latão ou em prata (Barcelos), utilizada nas cerimónias da Misericórdia. Tendo em conta às suas funções ou momentos específicos de utilização e à iconografia apresentada, podem distinguir-se cinco tipos de bandeiras:

1. Bandeira Real
2. Bandeiras da Paixão
3. Bandeiras das Almas
4. Bandeiras dos Condenados
5. Bandeiras Votivas

BANDEIRA REAL

A bandeira mais importante e considerada representativa da Misericórdia, tendo representado a Virgem da Misericórdia, Nossa Senhora da Piedade e a *Visitação*, com iconografia fixada por decreto, ou com outras representações, mas que foram assumidas como a bandeira da Misericórdia.

A primeira referência às bandeiras surge nos primitivos Compromissos da Misericórdia de Lisboa, onde se estabelecem as “causas que há de haver na confraria (...). E haverá mais um pendão que tenha de ambas as partes a imagem de Nossa Senhora da Misericórdia, que entrara em uma haste grande com uma cruz de pau em cima para ir em todos os autos da misericórdia quando for ordenado” (Compromisso Primitivo da Misericórdia de Lisboa 1498).

A iconografia da Virgem Misericórdia surge representada na xilogravura do Compromisso da Misericórdia de Lisboa, de 1516, aqui associada com o culto da Imaculada. O acórdão de 15 Setembro de 1576, do Livro de Acórdãos da Misericórdia de Lisboa, determina “que no pintar das bandeiras esteja de uma parte a imagem de Cristo nosso Redentor, e da outra a Santíssima Virgem, Mãe da Misericórdia. À sua direita um papa, um cardeal e um bispo, como cabeça da Igreja militante, e um religioso da Santíssima Trindade, grave, velho e macilento, de joelhos e mãos levantadas, com estas letras, F.M.I.” que querem dizer Frei Miguel Instituidor; e da parte esquerda da mesma Senhora um rei e uma rainha em memória do ínclito Rei D. Manuel e a Rainha D. Leonor, como primeiros irmãos

d'esta irmandade: mais dois velhos graves e devotos, companheiros do venerável instituidor, e aos pés da Senhora algumas figuras de miseráveis, que representam os pobres". O Alvará de D. Filipe II, datado de 26 Abril 1627, confirma a determinação iconográfica e ordena o seu cumprimento por parte de todas as Irmandades, mesmo que, para isso, se tenham de emendar todas as bandeiras que possuam.

Anverso – Representação da Virgem da Misericórdia ou da Mater Omnium:

Nas bandeiras, normalmente a figura da Virgem surge representada de braços abertos, ou de mãos postas, em atitude suplicante, com manto sustentado por dois ou mais anjos, e com coroa ou auréola; aos pés figuram "miseráveis", a quem a Misericórdia prestava apoio:

- 1.um mendigo, por vezes entrevado, acompanhado por outro ou uma criança;
- 2.um condenado ajoelhado (nas Misericórdias de Gouveia, Lousada e Louriçal), que a Misericórdia acompanhava ao patíbulo;
- 3.um preso, visto entre as grades (nas Misericórdias de Lagos e Lisboa), ou tendo aos seus pés as grilhetas, símbolos dos condenados (nas Misericórdias de Valência, Aveiro e Pereira).

Apesar da iconografia ter sido estabelecida por decreto, existem bandeiras com algumas variantes. Assim, pode-se verificar a:

- 1.Ausência de monarcas sob o manto da Virgem (Misericórdia de Lagos), sendo substituídos pela representação de clérigos ou membros laicos;
- 2.Colocação de cativos à esquerda da Virgem e do pontífice e do rei, surgindo à direita da mesma (Aveiro);
- 3.Omissão dos membros da nobreza, colocando no seu lugar os três reis magos em adoração ao Menino e à Virgem (Lousã), ou colocando em seu lugar figuras populares, à direita da Virgem (Alfaiates);
- 4.Representação da Virgem com o Menino ao colo e acolhendo apenas figuras do clero (Almodôvar);
- 5.Representação da Virgem estendendo os braços para acolher os irmãos da Misericórdia, à sua direita, e nobres e homens do povo, à sua esquerda (Seia);
- 6.Representação apenas do terceiro estado (Alpalhão);
- 7.Inclusão de um índio brasileiro, onde normalmente surge representado o povo (Estremoz, Sardoal e Vimieiro).

Reverso: Representação da Piedade ou da Visitação (temas ligados à caridade e à virtude):

O tema preferencial e maioritariamente representado no reverso das bandeiras reais é o de Nossa Senhora da Piedade, quase sempre integrando as figuras de Madalena e São João Evangelista. Esta predilecção pelo tema pode estar relacionado com o facto da Misericórdia de Lisboa ter sido fundada na capela da Terra Solta, no claustro da Sé, a que estava vinculada a antiga Confraria de Nossa

Senhora da Piedade.

Por vezes, esta representação é substituída pela *Deposição de Cristo no túmulo*, ou pela associação deste tema ao da Piedade, que passa a surgir em segundo plano (Misericórdias de Abrantes, Ponta Delgada e Esposende). Pode ainda ter representado a *Descida da Cruz* secundando a Pietá (Misericórdias de Alcochete e Linhares da Beira).

A figuração da *Visitação da Virgem a Santa Isabel* (a 2 de Julho, e que por carta de D. Manuel, de 17 de Junho de 1516, passa a ser considerada o dia das Misericórdias e em que também se procedia à eleição dos oficiais da Mesa), é pouco frequente e incide essencialmente no Norte do País (Braga, Bragança, Pinhel, Vila Nova da Cerveira, Guimarães e Ponte da Barca). Uma variante constitui a da Misericórdia de Ponte de Lima, onde no anverso figura a *Visitação* e no reverso a *Flagelação*.

As figurações do reverso podem ter, por fim, as representações de Nossa Senhora das Dores (Amarante e Felgueiras); o Calvário (Alcoutim, Galizas e Montargil); Cristo na Cruz (Monforte, Lousada, Aveiro e Fundão); e as armas das Misericórdias (Lagoa e Vouzela).

BANDEIRAS DA PAIXÃO

Bandeiras com representação dos passos da Paixão de Cristo, desde a Última Ceia à Deposição no túmulo, utilizadas nas procissões da Semana Santa, com celebração dos momentos essenciais da fé Cristã, decorrentes do percurso vivido por Cristo nestes dias, descrito pelos quatro Evangelistas.

Nos dias em que o calendário litúrgico celebrava a instituição da Eucaristia, na Quinta-feira Santa, e a Paixão de Cristo, na Sexta-feira Santa, saíam à rua, duas procissões, nas quais as bandeiras da Paixão tinham um lugar definido:

- 1.A procissão das Endoenças (também chamada de Procissão do Senhor Ecce Homo, Procissão dos Painéis ou Procissão de Santa Maria), de carácter penitente e disciplinante, herdou a sua denominação da cerimónia medieval das indulgências, dia destinado à remissão das faltas dos penitentes públicos. Esta procissão foi assumida pelas Misericórdias como obrigação de cumprimento anual.
- 2.Procissão do Enterro do Senhor, trazida de Jerusalém pelo Padre Paulo de Portalegre, nos finais do século XV. Esta procissão, a cargo das autoridades eclesiásticas locais ou de outras Irmandades, não foi promovida pelas Misericórdias, mas estas podiam integrá-las.

O Compromisso da Misericórdia de Lisboa de 1516, que serviu de modelo aos estatutos de muitas outras confrarias congéneres, estabelece que “serão obrigados os ditos irmãos ir a casa a dita confraria (...) por dia de quinta-feira de endoenças a noite para a procissão dos penitentes que se faz pela cidade: indo visitar o santo sepulcro onde o senhor esteve”. Os Compromissos posteriores definiam, no capítulo 34º, como se devia organizar a Procissão das Endoenças, repercutindo-se em todos aqueles que seguiram o modelo lisiponense. A Procissão do Enterro do Senhor, realizada na

Sexta-feira Santa, utilizava as bandeiras da Paixão deitadas, como sinal de luto.

Os Passos da Paixão representados nas bandeiras podem ser seis ou doze ou até catorze:

- 1.Última Ceia (representação pouco comum; ex. Misericórdia de Santa Comba Dão);
- 2.Lava Pés (representação pouco comum; ex. Pereira, Torres Novas, Vouzela e Porto);
- 3.Oração de Cristo no horto (cena por que se iniciam a maioria dos ciclos);
- 4.Beijo de Judas;
- 5.Cristo perante Caifás;
- 6.Cristo perante Pilatos;
- 7.Flagelação;
- 8.Ecce Homo;
- 9.Coroação de Espinhos;
- 10.Cristo a Caminho do Calvário, com os temas recorrentes de Simão de Cirene e de Verónica;
- 11.Crucificação;
- 12.Calvário;
- 13.Descida da Cruz;
- 14.Deposição do túmulo.

A representação dos Passos da Paixão nas bandeiras pode surgir:

- 1.Representação de dois passos numa só bandeira, figurando cada uma das cenas numa face (ex: Misericórdias de Viseu, Castelo Branco, Lamego, Penamacor);
- 2.Representação de um Passo no anverso e de inscrição alusiva ao mesmo episódio inserida em cartela no reverso;
- 3.Representação de um passo no anverso e dos instrumentos da Paixão no reverso, por vezes com texto bíblico (Arraiolos, Azeitão, Cabeço de Vide, Castro Marim, Lagoa, Lisboa, Monchique, Silves).

BANDEIRA DAS ALMAS

Bandeira destinada a cortejos processionais, sobretudo os que se destinavam a um enterro, com representação das Almas no purgatório, cuja invocação incentivava os fiéis, que acompanhavam o cortejo, a orar pelo morto ou pelos já sepultados. A sua ligação à missão das misericórdias deverá decorrer de duas obras, a sétima obra corporal “Enterrar os Mortos”, e a primeira espiritual, “Rogar a Deus pelos vivos e pelos defuntos”. Apenas doze Misericórdias possuem bandeiras das Almas, sendo a maior incidência no Norte e Centro do país. Maioritariamente representam no anverso a imagem de São Miguel, com a espada na mão; outras, como a de Proença-a-Velha, Azinhoso ou Vila Flor, possuem no anverso a Virgem da Misericórdia e no reverso o tema das Almas. A bandeira de Misericórdia de Trancoso é a única a personificar o demónio num ser semelhante a humano, mas com asas de morcego, cauda, garras e chifres.

BANDEIRA DOS

Bandeira normalmente utilizada no acompanhamento de condenados

CONDENADOS	<p>à pena de morte, aos quais as Misericórdias prestavam apoio, consolo espiritual e corporal e que enterravam, possuindo iconografia relacionada com a sua função. A atenção que as Misericórdias dispensaram a estes supliciados reflecte-se pela inclusão nos vários Compromissos, e desde o primeiro da Misericórdia de Lisboa, datado de 1498, de um capítulo dedicado à “Maneira de que se há-de ter com os que padecem por justiça”, pormenorizando como a Confraria devia organizar um cortejo que acompanhava até à forca. Este cortejo assistencial e o enterro dos mortos foi por vezes, disputado entre a Misericórdia e outras confrarias mais antigas. A procissão ou cortejo era precedido por vários preparativos que tinham como objectivo o arrependimento e confissão do condenado, bem como o recrutamento de fiéis, que eram convidados a integrar a procissão, enquanto entoavam ladainhas e pediam a Deus e a Nossa Senhora pela salvação da sua alma. Duas das catorze obras de Misericórdia estavam relacionadas: a 7ª. Espiritual de rezar pelos vivos e pelos defuntos, e a 7ª Corporal de enterrar mortos. As bandeiras dos condenados, ainda existentes nas Misericórdia de Lisboa e Porto, representam, numa das faces, a figura de homem e, na outra, a de uma mulher, em busto, com veste branca, semelhante ao que o próprio padecente vestiria.</p>
BANDEIRAS VOTIVAS	<p>Bandeiras com iconografia marginal às misericórdias, não se incluindo em nenhuma das tipologias anteriores, mas que, talvez por devoções locais, conduziu à sua incorporação na devoção dos irmãos da confraria. São normalmente executadas por artistas locais e de carácter popular.</p>
BRINCOS	<p>Elemento decorativo que ladeia a moldura de um vão, em forma de pingente ou de elemento fitomórfico.</p>
BURRA	<p>Arca-cofre utilizada para guardar valores, normalmente em madeira e reforçada com cintas, cantoneiras e bisagras em ferro, com mais de uma fechadura e que, para ser aberta, era preciso conjugar simultaneamente as várias chaves, cada uma delas guardada por uma pessoa diferente. As burras podiam possuir alças ou pegas nas faces laterais para sustentação e transporte.</p>
CADEIRAL DOS MESÁRIOS	<p>Conjunto de 13 cadeiras de madeira, couro ou outro material, protegidas ou não por estrutura do mesmo material, destinado aos mesários da misericórdia, com o assento do provedor normalmente evidenciado por espaldar de maior altura ou maior riqueza decorativa, sendo colocado na nave, ou na sala do despacho, junto à tribuna.</p>
CADEIRINHA DE DOENTES	<p>Cadeira individual, fechada de todos os lados e com cobertura, possuindo varais laterais aplicados, para o transporte de doentes. A cadeirinha podia ter toda a estrutura de madeira revestida a couro, pintado ou não, com painel frontal constituindo a porta, com janela, normalmente protegida por cortina, e interiormente ser forrada de veludo ou outro material, com assento e apoio para os braços.</p>
CAIXOTÃO	<p>Cada um dos elementos poligonais em que se divide uma cobertura interna de um espaço, podendo possuir moldura mais ou menos</p>

	<p>salientes, simples ou entalhados, que circunscrevem painéis pintados ou relevados, com decoração figurativa, alegórica ou meramente ornamental.</p>
CAMPAINHA	<p>Sineta manual em forma de campânula, simples ou decorada, utilizada pelas confrairas de misericórdia nos cortejos, festivos ou fúnebres, surgindo à frente dos mesmos.</p>
CANDELABRO DE TREVAS OU TENEBRÁRIO	<p>Candelabro de grande aparato utilizado nas cerimónias da Semana Santa para suportar as velas que se acendiam durante os ofícios da vigília para se voltarem a apagar, uma a uma, no final dos Salmos rezados. O candelabro das trevas é composto pela base e respectivos pés, pelo fuste, ambos mais ou menos decorados, e pela parte superior triangular, pouco espessa, vazada por vários elementos, normalmente vegetalistas, envolvida por moldura sobre a qual assentam lateral e escalonadamente até ao vértice 15 castiçais.</p>
CAPELA	<p>Designação dada aos oratórios situados em partes de um templo, com altar e culto próprio, particular ou corporativo. Por extensão é um local ou vão onde se encontra um altar de uma igreja ao culto de um santo ou mistério. O vocábulo deriva da capela onde era conservada e venerada a Capa de São Martinho, em Tours, mas a sua divulgação deve-se ao culto oriental, com os martyria, espaços diferenciados da igreja e onde se colocavam as relíquias dos mártires. Inicialmente, o termo surgiu para designar uma instituição de bens, normalmente vinculados, cujos rendimentos deviam ser gastos em missas ou obras pias, revertendo o resto para o administrador do espaço, que devia zelar pela sua manutenção e decoração, passando a designar os espaços onde o defunto se fazia sepultar. Com a necessidade de proliferação de altares, na época gótica, correspondente a um crescendo de culto de vários santos, patronatos de famílias e colectividades que procuravam espaços de enterramento e de culto, vão surgir as capelas no deambulatório, as capelas dos transeptos, que viram aumentado o seu tamanho. Esta proliferação levou à ocupação de outros espaços, nomeadamente as naves. Perante esta proliferação, em 1514, D. Manuel I regulamentou, em Portugal, o regimento das Capelas.</p>
CAPELA COLATERAL	<p>Espaço de culto existente ao lado da capela-mor. Normalmente, surgem em número de duas. Nas misericórdias surgem ladeando o arco triunfal, com os retábulos virados para a nave ou dispostos de ângulo, ou no presbitério, ladeando o retábulo-mor, por vezes interligando com o mesmo e como que formando um só retábulo.</p>
CAPELA LATERAL	<p>Espaço de culto existente ao longo da nave de um templo, inseridas na espessura de um muro ou salientes. São hierarquicamente menos importantes que as colaterais e as do lado do Evangelho são preponderantes relativamente às da Epístola.</p>
CAPELA-MOR	<p>Capela principal de um templo, situado no topo de um eixo longitudinal que se forma a partir do portal axial, onde se situa o altar-mor e onde decorrem as cerimónias litúrgicas mais importantes.</p>
COFRE	<p>Móvel em forma de caixa, podendo ser construído em vários</p>

	<p>materiais, ou de armário, por vezes embutido na caixa murária e reforçado por barras de ferro, utilizado para guardar dinheiro ou objectos de valor.</p>
COMPROMISSO	<p>Conjunto de regulamentos de uma confraria. Os Compromissos da Misericórdia de Lisboa, o primeiro publicado em 1516, desempenharam um papel extremamente importante, visto ter estado na base da configuração dos Compromissos das outras misericórdias. Muitas confrarias decalcavam os seus Compromissos de outras pré-existentes.</p>
CONFRARIA	<p>Associação laica que funciona sob princípios religiosos, fundada por pessoas piedosas que se comprometem a realizar conjuntamente práticas caritativas, assistenciais e outras.</p>
CONSOLA	<p>Zona inferior da caixa do órgão, correspondente à bancada de comando do organista, onde se instalam os teclados, as pedaleiras, pedais e botões de registo. Por vezes, pode aparecer decorada com talha ou pintura.</p>
CORO-ALTO	<p>Espaço coral situado sobre o portal axial, nas igrejas de planta rectangular, ou na parede fundeira, nas igrejas rectangulares de eixo longitudinal interno. Pode ser construído em madeira, em alvenaria ou cantaria, sustentado por colunas, pilares, mísulas ou embebido nas paredes.</p>
CRISTO MORTO	<p>Imagem de Cristo morto, vestido apenas com “perizonium”, por vezes com membros articulados, utilizado cerimonialmente nas celebrações e procissão da Semana Santa, nomeadamente, na procissão do Enterro do Senhor, na Sexta-feira Santa, sendo então transportado em esquife. Normalmente, o Cristo é guardado num altar expositivo, fechado por portadas. O Cristo morto pode surgir isoladamente ou rodeado pelas Santas Mulheres (a Virgem, Maria Salomé, Maria Cleofas, Maria Madalena), São João, Nicodemos, segurando a coroa de espinhos, e José da Arimateia, segurando os cravos. Nas Misericórdias da região de Coimbra e zonas de influência, este grupo escultório surge em cantaria, simples ou policroma, no altar-mor, ou num vão rasgado no presbitério, o qual era igualmente fechado por portadas. Nesta situação, a Misericórdia possuía um Cristo morto de madeira para as celebrações pascais.</p>
DEFINITÓRIO OU JUNTA	<p>Conselho consultivo criado com o Compromisso da Misericórdia de Lisboa publicado em 1618, que delibera em assuntos importantes, sendo constituído por dez a vinte irmãos eleitos anualmente. Neste número podiam estar incluídos um a dois teólogos, ou serem acrescentados a ele. Eram qualificados como definidores ou adjuntos homens com larga experiência nos assuntos da confraria, se possível tendo exercido o cargo de mesários, e de instrução superior, preferencialmente doutores em leis ou cânones. Os definidores para além de participarem na tomada de decisões importantes, tinham de estar presentes para se poder proceder a alterações ao Compromisso da Misericórdia.</p>
EMPENA	<p>Remate angular de uma fachada, podendo, contudo, apresentar-se</p>

	recortada ou em pinhão, formando um efeito escadeado.
ESTANDARTE	Bandeira em tecido sustentado por vara nas procissões, de formato quadrangular ou rectangular, disposto na vertical, por vezes com pontas pendentes, tendo bordado ou pintado símbolos da Paixão de Cristo, anjos, ou outros.
FACHADA	Cada uma das superfícies verticais exteriores, que envolvem e definem o perímetro de uma construção e a caracterizam esteticamente, através da linguagem ou expressão arquitectónica dos seus elementos, materiais e riqueza ornamental.
FACHADA HARMÓNICA	Fachada ladeada por duas torres sineiras ou duas sineiras, que se elevam relativamente ao corpo central, normalmente mais baixo, onde se rasgam os vãos de portas e janelas.
FACHADA PRINCIPAL	Fachada por onde se processa o principal acesso ao imóvel.
FALSA ABÓBADA	Revestimento em forma curva, que se apoia numa estrutura de vigamento de madeira ou cantaria, apresentando perfis diversos.
FRESTA	Pequenas janelas que permitem escassa iluminação, normalmente de perfil em arco de volta perfeita.
FRONTÃO	Elemento de remate constituído por uma zona maciça, o tímpano, ostentando ou não elementos decorativos, envolvida por uma cornija. Assume várias formas - triangular, semicircular, interrompido, etc. -, tendo, no primeiro caso, a possibilidade de variar, consoante opta por uma das ordens arquitectónicas clássicas. Pode surgir a rematar um edifício, estrutura ou elemento arquitectónico.
FRONTÃO INTERROMPIDO	Tipo de frontão, em que os lados não se unem no vértice ou nos ângulos da base.
FRONTÃO SEM RETPRNO	Tipo de frontão, interrompido nos vértices inferiores.
FRONTÃO SEMICIRCULAR	Tipo de frontão com a base plana e com perfil curvo.
FRONTÃO TRIANGULAR	Tipo de frontão com três lados todos iguais.
GALILÉ	Espaço exterior, coberto, que antecede a entrada no templo e que permite à comunidade reunir-se, estando protegida dos elementos climatéricos adversos. São raras as misericórdias com galilé, apontando-se a do Porto, Chaves e Vila Ruiva.
GRANDE ÓRGÃO	Instrumento musical que funciona a teclas e ar comprimido, composto por três partes distintas, mas interligadas, os foles, a tubagem e os registos, cujo som é comandado a partir de uma consola, onde surge a bancada do organista, onde se implantam os botões dos registos, as pedaleiras e de dois a cinco teclados cromáticos, correspondentes aos possíveis cinco grandes agrupamentos de sonoridades, o grande órgão, o positivo, o recitativo, a bombardarda e o eco. A estrutura funciona a partir da entrada do ar, fornecido pelos foles, em pequenos reservatórios, de onde partem tubos para o cerne do órgão, o someiro, que recebe o ar sob pressão, havendo uma espécie de válvulas que não permitem o seu retrocesso; o someiro possui pequenos orifícios, onde correm réguas, que accionadas pelas teclas, se movem, permitindo a entrada do ar nas flautas, através de tubos de comunicação, os postéis, no caso das flautas de maiores dimensões, que não assentam directamente no someiro, permitindo a

emissão dos sons. Cada órgão possui vários registos, com sonoridades distintas, conseguindo-se, entre eles, inúmeras combinações, accionadas por pedais existentes junto às pedaleiras, provocando as misturas; além destas, é possível adicionar efeitos de crescendo, obtidos pelas janelas venezianas, que abrem lentamente, fazendo soar os tubos das bombardas, encerrados numa caixa. Podem surgir, ainda, efeitos mecânicos, que emitem alguns sons específicos, como o canto das aves, ou fazem mover figuras que tocam instrumentos. As caixas são de madeira entalhada, com vários elementos decorativos, desde carrancas, atlantes, acantos, concheados e assentam em ampla mísula, estando colocados nas paredes laterais ou sobre a entrada dos templos.

GUARDA

Elemento que protege o avançamento da sacada de uma janela, a bacia do púlpito, os degraus de uma escada, o coro-alto ou o presbitério, etc., podendo ser plena ou vazada e executada em variadíssimos materiais.

**ICONOGRAFIA
CRISTOLÓGICA**

Iconografia relativa à vida e culto de Jesus, que considera como grande obra de misericórdia o martírio de Cristo a favor de toda a humanidade, baseando-se nos Evangelhos canónicos ou escritos apócrifos. Abrange não só as representações de episódios da vida de Cristo, como também vários símbolos e atributos, nomeadamente os relativos ao seu martírio, que são: anjo segurando anjo, archote, azorrague, bandeira com S.P.Q.R., bolsa de moedas, cabeça, cadeias, cálice, cana verde, candeia, carrasco, chibata, coluna, coração, cordas, coroa de espinho, cravos, cruz, cruz com sudário, dados, Ecce Homo, escada, espada, esponja com vinagre, galo, inscrição, jarra, lança, malho, mão, martelo, palma, torquez, sudário de Verónica.

ICONOGRAFIA MARIANA

Iconografia relativa á vida e culto de Maria, desde o anúncio do seu nascimento a seus pais, Santa Ana e São Joaquim, até à sua morte e Ascensão, baseando-se essencialmente nos escritos apócrifos. Abrange não só as representações de episódios da vida de Maria, como também vários símbolos, nomeadamente: açucena, cedro, cidade, espelho, estrela, fonte, jardim fechado, lua, oliveira, poço, porta, rosa, sol e torre.

IRMÃOS

Denominação dos membros da Confraria da Misericórdia. Havia duas categorias de Irmãos:

- os de 1ª condição ou maiores, que eram nobres, proprietários e clérigos, sendo os oficiais da Mesa (provedor, escrivão, tesoureiro, mordomos, etc.) ocupados pelas elites locais que encontravam nas Misericórdias um meio de afirmação social.
- os de 2ª condição ou menores, que eram mecânicos, artesãos, mareantes, etc.

Cada Confraria tinha um número fixo de irmãos de cada categoria estipulado no Compromisso, geralmente em partes iguais.

Desde o início que só podiam fazer parte aqueles que tinham recebido “a água do baptismo” e, posteriormente, várias

determinações reforçaram a proibição de integrar cristãos-novos. Também só podiam integrar a confraria homens, apesar de algumas terem admitido mulheres no período que antecedeu a divulgação do Compromisso de 1577. Por exemplo, a Misericórdia de Évora conta com mulheres no dia em que foi cerimonialmente inaugurada, mas depois elas deixam de aparecer. A idade mínima de admissão eram os 25 anos, data em que por lei se atingia a maioridade. Os irmãos tinham de saber ler e escrever e possuir tempo livre para se dedicarem aos afazeres da confraria. No caso dos irmãos oficiais ou mecânicos, deviam possuir oficina própria e portanto ter a categoria de mestre (excepção feita nas pequenas localidades, onde se tinha de baixar o nível de exigência relativamente à ocupação e à categoria sócio-profissional, devido à pouca oferta).

Os Compromissos estipulavam geralmente que os irmãos faltosos deviam ser expulsos depois de terem recebido três admoestações. No entanto, o elevado estatuto social ou o prestígio de alguns desses irmãos impedia a sua exclusão da confraria. Os irmãos expulsos recebiam a designação de “riscados”, uma vez que os seus registos nos livros da Confraria eram obliterados com riscos de tinta. Na maior parte dos casos, esses irmãos expulsos eram novamente integrados, a pedido dos próprios, geralmente após a cessação da Mesa que os expulsara. Os irmãos deviam cumprir dias de presença obrigatória na Confraria, tendo o número desses dias variado de Compromisso para Compromisso (três no Compromisso de 1516, quatro no de 1577 e cinco no de 1618). Esses dias eram:

- 2 de Julho, que celebrava a *Visitação da Virgem a Santa Isabel*, era o dia da Confraria e nele tinha início o processo eleitoral que se concluía no dia seguinte;
- Quinta-feira Santa, dia da procissão de Endoenças, em que os irmãos visitavam as igrejas em que Cristo crucificado estava exposto. Esta procissão de penitentes integrava também a cerimónia do lava-pés - os pobres, em número de doze, sentavam-se no lugar dos mesários, excepto na cadeira do provedor que permanecia vazia, e cada mesário teria o seu jarro e bacia, lançando água sobre os pés dos pobres, mas cabia ao provedor lavá-los e beijá-los.
- 1 de Novembro, dia de Todos os Santos, em que a confraria fazia procissão solene para ir retirar os ossos da forca e dava sepultura aos restos mortais dos condenados de justiça.
- 11 Novembro, dia de São Martinho, acrescentado no Compromisso de 1577;
- 10 Agosto, dia de São Lourenço, acrescentado pelo Compromisso de 1618, e correspondendo ao dia fixado para eleger os membros do recém-criado Definitório.

Para além desses dias fixos, os irmãos eram geralmente obrigados a acompanhar os enterros de confrades, que eram avisados ao som de campainha.

Vão rasgado numa parede ou muro, acima do nível do pavimento

	interno e protegido por parapeito.
JANELA DE SACADA	Vão rasgado numa parede ou muro, ao nível do pavimento interno e possuindo um avançamento exterior, com bacia de cantaria e uma guarda metálica ou de outro material, vazada ou plena.
JANELA DE VARANDIM	Vão rasgado numa parede ou muro, ao nível do pavimento interno, provido de uma guarda colocada à face da superfície onde se implanta, podendo ser de vários materiais e plena ou vazada.
JANELA JACENTE	Vão rasgado numa parede ou muro, em que a altura é menor que a largura, evoluindo na horizontal.
LANTERNA DE PROCISSÃO	Lanterna usada nas procissões, em ferro, pintadas de preto, compostas por hastes cilíndricas lisas e luminárias prismáticas, cilíndricas, ou de outra forma, vazadas com vários motivos, por vezes com resguardos de luz envidraçados, e coroados por lanternim, pináculos e outros.
LAVABO	Estrutura com água perene ou com pequeno reservatório, situado na sacristia, permitindo aos celebrantes, lavarem as mãos antes e depois das cerimónias litúrgicas. O seu tamanho e decoração são variáveis.
MATRACA	Objecto utilizado cerimonialmente durante a Semana Santa, nomeadamente, no período entre a Glória de Quinta-feira Santa e o Sábado de Aleluia, nos ofícios das trevas de Sexta-feira Santa e em procissões próprias desta quadra, como as da Paixão, do Enterro e as de Penitentes e Encapuchados. Existem vários tipos de matracas, mas as mais correntes são de tábua, as de arcos e as de martelos.
MESA DE REUNIÃO E CADEIRAL DE MESÁRIOS	Mesa existente na sala do despacho onde normalmente se procedem às deliberações da Santa Casa e, à volta da qual, se dispõem cadeirais ou cadeiras dos mesários. A mesa pode ser rectangular ou quadrangular, assente em quatro ou mais pernas, simples ou decoradas, ou circular, sobre uma ou várias pernas, subdividida ou não em vários pés, cada uma delas usualmente com gavetas (13) sob o tampo. Algumas mesas são circundadas por cadeirais de três ou quatro lugares cada, com os assentos e/ou espaldares em madeira, formando apainelados almofadados, ou em couro, com pregaria, assentes em pernas galbadas, ou sobre “rodapés” corridos com decoração vazada. O lugar do provedor, ao centro de um dos cadeirais, destaca-se pela decoração ou pela existência de um espaldar alteado e decorativamente mais rico. Referência especial para os exemplares das Misericórdias de Abrantes, de Montemor-o-Novo e de Vila Viçosa. Outras mesas possuem cadeiras individualizadas estofadas, em palhinha, couro ou madeira, tendo a do provedor braços e o espaldar mais alto e com maior decoração. É exemplo a da Misericórdia de Elvas.
MESÁRIOS	Conjunto de treze irmãos que regiam a Misericórdia e que se reuniam todas as quartas ou quintas-feiras e domingos, formando a Mesa da Confraria. Este número dos irmãos tem valor simbólico, visto reproduzir o número dos que estiveram presentes na última Ceia de Cristo. A Mesa era presidida pelo provedor - a autoridade máxima

dentro da confraria, seguindo-se-lhe em importância o escrivão - encarregado de toda a escrita da confraria. Ambos pertenciam a irmãos nobres e, entre eles, aos membros do clero. Outros cargos importantes dentro da Confraria que geralmente recaíam em membros da Mesa eram o tesoureiro - responsável por toda a escrita que envolvesse receita e despesa, o mordomo da capela - encarregado de sincronizar e organizar as missas na capela e zelar pela alfaias de culto; e o mordomo da bolsa - irmão próximo do tesoureiro, provavelmente anterior a este e com as mesmas atribuições.

MÍSULAS

Elemento de suporte saliente de uma parede, simples ou decorada, destinado a sustentar vários elementos arquitectónicos, podendo surgir em alinhamento, sustentando um elemento de maiores dimensões, como a tribuna dos mesários.

NAVE

Espaço longitudinal de um templo, destinado aos fiéis, que se inicia no portal de acesso e termina no transepto, na parede testeira ou no arco triunfal, conforme o âmbito religioso do edifício. O número de naves é variável.

NICHO

Elemento côncavo rasgado numa parede, destinado a albergar uma estátua ou um objecto de iluminação, normalmente flanqueado por elementos arquitectónicos, como colunas e pilares, com cobertura em abóbada, em semi-cúpula ou em abóbada de concha e encimado por vários tipos de elementos decorativos.

NICHO DE ALFAIAS

Nicho rasgado na espessura de uma parede, junto a um altar, sendo utilizado para depositar as alfaias litúrgicas, durante as cerimónias religiosas.

OBRAS DE MISERICÓRDIA

As obras de misericórdia constituem a essência do exercício da caridade entre os católicos, mas no Compromisso da Misericórdia de Lisboa, publicado em 1516, foram expressas em catorze obras e estruturadas em dois grupos, as espirituais e as corporais.

Obras Espirituais:

- 1ª: ensinar os simples
- 2ª: dar bom conselho a quem o pede
- 3ª: castigar com caridade os que erram
- 4ª: consolar os tristes desconsolados
- 5ª: perdoar a quem nos errou
- 6ª: sofrer injúrias com paciência
- 7ª: rogar a deus pelos vivos e pelos mortos

Obras Corporais:

- 1ª: remir os cativos e visitar os presos
- 2ª: visitar e curar enfermos
- 3ª: cobrir os nus
- 4ª: dar de comer aos famintos
- 5ª: dar de beber a quem tem sede
- 6ª: dar pousada aos peregrinos e pobres
- 7ª: enterrar os mortos

As Misericórdias não dedicaram a mesma atenção a todas as obras.

A maior parte das espirituais, por exemplo, não tinham qualquer peso nas actividades assistenciais da confraria, embora os irmãos as pudessem praticar particularmente em maior ou menor grau. A 1ª. espiritual (ensinar os simples) teve um alcance reduzido na actuação das Misericórdias, pois nenhuma se dedicou ao ensino religioso ou civil, criando escolas de letras ou doutrina. A 5ª. e a 6ª. obras espirituais (perdoar a quem nos errou e sofrer injúrias com paciência) faziam parte dos Compromissos, embora o texto ressaltasse que a Misericórdia não se devia intrometer em assuntos de justiça. A obra espiritual praticada de forma mais sistemática era a 7ª. (rogar a Deus pelos vivos e pelos mortos), visto que as Misericórdias deviam os seus avultados patrimónios à necessidade de salvar as almas dos defuntos.

As obras corporais tinham maior peso na Confraria e a cada obra corporal correspondeu um serviço específico das Misericórdias, ou até mesmo uma instituição. Para cumprir a 1ª. (remir os cativos e visitar os presos), as Misericórdias recolhiam dinheiro destinado a remir cativos do Norte de África, nomeadamente através de legados pios, embora o seu papel se limitasse à sua entrega aos mamosteiros régios. Depois da Ordem da Trindade obter monopólio dos resgates, parece que as Misericórdias se limitaram a disponibilizar o dinheiro proveniente de legados para cativos que lhe eram deixados em testamento para o financiamento dos resgates gerais, para os quais se procedia à colecta de dinheiro em todo o reino. Relativamente aos presos, realizavam toda uma série de tarefas: davam andamento ao processo judicial, pagando as respectivas custas, alimentavam, vestiam e visitavam o réu na prisão (efectuando limpezas da cadeia nalguns casos) e providenciavam o degredo, caso a sentença o ordenasse. Além disso, os capelães diziam missas aos presos, aos domingos e dias santos, confessavam-nos e ministravam-lhes a extrema-unção. A 2ª. obra (visitar e curar enfermos) está na base e explica a razão das Misericórdias se terem transformado nas principais gestoras de hospitais em todo o reino. A 3ª. obra (cobrir os nus) implicava que as Misericórdias fizessem circular vestuário entre os pobres. A 4ª. e 5ª. obras (dar de comer aos famintos e dar de beber a quem tem sede) estavam implícitas nas anteriores: alojar os pobres nos hospitais significava alimentá-los sem outra contrapartida além de herdar as roupas ou farrapos que estes traziam no corpo. A 6ª. obra (dar pousada aos peregrinos e pobres) cumpriam-se igualmente nos hospedaria e hospitais, que inicialmente tinham a função de hospedarem viajantes. Mais tarde, a figura do peregrino perdeu progressivamente importância, embora muitas Misericórdias passassem guias de transporte, que asseguravam transporte de uma povoação para outra e alojamento aos peregrinos ou simples viajantes. Quanto à 7ª. obra corporal (enterrar os mortos), as Misericórdias não só organizavam enterros com pompa e

	<p>circunstância para os membros e suas famílias, como também sepultavam os defuntos dos hospitais, presos das cadeias e as pessoas que apareciam mortas nos locais públicos.</p> <p>Outros serviços, como dotar as órfãs pobres, não se encontravam explícitos nas Obras de Misericórdia, ainda assim receberam grande atenção das Confrarias, dado os muito legados a favor das donzelas pobres e destinados a favorecer o casamento de mulheres pobres.</p>
ÓRGÃO POSITIVO	<p>Instrumento musical que funciona a teclas e ar comprimido, composto por três partes distintas, mas interligadas, os foles, a tubagem e os registos, cujo som é comandado a partir de uma consola, ligada à bancada do organista, onde se implantam os botões dos registos, as pedaleiras e um teclado, correspondente a uma sonoridade suave, que acompanha os momentos litúrgicos diários. São de pequenos dimensões, podendo surgir com alguns elementos decorativos como castelos ou na forma, mais comum, de órgão de armário, em que os tubos se encontram fechados por duas portadas decoradas, abertas durante o seu funcionamento.</p>
PÁLIO PROCESSIONAL	<p>Objecto móvel utilizado numa procissão, composto por um pano rectangular que forma baldaquino, sustentado por quatro, seis ou oito varas, cada uma transportada por uma pessoa, e de onde pendem para os quatro lados lambrequins, formados por painéis, por vezes ornados de galões e franjados. É utilizado na procissão de Quinta-feira de Endoenças sobre o sacerdote que leva os Santos óleos, ou na Sexta-feira Santa ou do Enterro do Senhor sobre o esquife com a imagem de Cristo morto.</p>
PÍNÁCULO	<p>Elemento que remata um contraforte, arcobotante ou cunhal de um edifício ou estrutura, podendo assumir várias formas, piramidal, em balaústre, em bola, bolboso, em urna ou, em casos mais elaborados, em forma de fogaréus, elemento que remata em chamas, simulando tochas.</p>
PINGENTE	<p>Elemento que se dependura da moldura inferior de uma janela de peitoril, normalmente na forma de lacrimal ou de elemento vegetalista.</p>
PORTAL AXIAL	<p>Porta principal de um templo, situado na parede fronteira à capela-mor. Normalmente, ostenta elementos decorativos ou remates mais elaborados, em frisos, cornijas ou frontões, podendo surgir sobrepujado por alguns nichos com imaginária.</p>
PRESBITÉRIO	<p>Espaço sobrelevado no topo da nave, onde se situa o altar-mor e, em várias misericórdias, os altares colaterais, protegido por guarda balaustrada e acedido por vários degraus, dispostos central ou lateralmente. Frequentemente, nesta última situação, rasga-se na parede testeira do presbitério vão rectangular albergando o grupo escultórico do Cristo morto.</p>
QUADRO OU MEMÓRIA DOS BENEMÉRITOS	<p>Quadro pintado sobre madeira, metal ou outro material, envolvido por moldura, onde constam os legados recebidos por determinada Santa Casa, identificando o nome do benfeitor e o valor do donativo, bem como o objectivo do mesmo e as obrigações que criava, funcionando</p>

	<p>assim como um instrumento de memória para a Irmandade dos serviços espirituais e materiais a que ficava obrigada e o reconhecimento público a esses benfeitores.</p>
QUADRO DOS MESÁRIOS	<p>Quadro pintado sobre madeira, tela ou outro material com menção de louvor aos mesários de determinada confraria, descriminando os seus nomes, por vezes indicando o provedor, escrivão, tesoureiro e capelão, podendo ainda apresentar elementos vegetalistas envolventes ou terminais.</p>
RETÁBULO	<p>Estrutura decorativa que encima um altar, de diferentes dimensões, ocupando parte ou toda uma parede e recriando, através dos seus componentes, uma estrutura arquitectónica, normalmente baseada em pórticos. Segundo Francisco Lameira, conforme a função do retábulo, este podia ser devocional, eucarístico e narrativo ou didáctico. Alguns retábulos tinham mais de uma função, por exemplo alguns retábulos eucarísticos eram simultaneamente devocionais a dois temas, como o retábulo-mor da Misericórdia de Vila Flor ou a de Fornos de Algodres, ou então narrativos, como o da Misericórdia de Freixo de Espada-à-Cinta.</p>
RETÁBULO DEVOCIONAL	<p>Retábulo dedicado a um só tema, normalmente apenas com um único registo e um só eixo, remontando à primeira metade do século XVI, onde era usado de forma pontual, mas com grande aceitação a partir de finais do século XVI / inícios do XVII, surgindo nos retábulos-mores, nas capelas laterais ou colaterais.</p>
RETÁBULO EUCARÍSTICO	<p>Retábulo destinado à exposição solene do Santíssimo Sacramento, tendo como elemento fundamental uma ampla tribuna ou camarim rasgada ao centro, albergando no interior trono piramidal, composto por vários degraus, destinando-se o último à colocação de um ostensório, de uma custódia ou de uma urna com o Santíssimo Sacramento; pelos restantes degraus distribuía-se os castiçais com velas, no mínimo em número de 40. Segundo Francisco Lameira, este tipo de retábulo surge nas igrejas de misericórdia no último quartel do século XVII. O trono era normalmente protegido por tela, pintada com representação da Visitação, permitindo ocultar a tribuna quando havia exposição do Santíssimo Sacramento.</p>
RETÁBULO NARRATIVO OU DIDÁCTICO	<p>Retábulo de planta recta, com um ou dois registos e de um ou três eixos com representações figurativas alusivas à vida da Virgem, de Cristo ou outra iconografia típica das Misericórdias, esculpidas ou pictóricas, com valor catequético para os fiéis e para os Irmãos. Constituem os principais retábulos iniciais das Misericórdias, do século XVI e XVII.</p>
SACRISTIA	<p>Espaço anexo à igreja onde são guardados os paramentos e as alfaias litúrgicas e o sacerdote se paramenta para os ofícios religiosos.</p>
SALA DO DESPACHO	<p>Sala normalmente anexa à igreja de misericórdia onde os mesários se reúnem e deliberam sobre os assuntos da confraria. Frequentemente esta sala comunica com a igreja por meio de uma tribuna, junto à qual existe cadeiral para os mesários assistirem aos</p>

	ofícios litúrgicos.
SUB-CORO	Espaço situado debaixo do coro-alto.
QUADRO DOS LEGADOS	Quadro pintado sobre madeira, tela ou outro material, organizado em várias colunas ou secções, registando o número das missas, a sua discriminação e por que intenção deviam ser rezadas, a que a Irmandade estava obrigada a celebrar anualmente, bem como o valor doado e a indicação de donativos a serem concedidos aos pobres.
TRANSEPTO INSCRITO	Espaço perpendicular à nave de um templo cristão, apenas perceptível em altura, sendo mais alto que a(s) nave(s) que o antecede(m).
TRIBUNA	Espaço situado na nave ou na capela-mor, elevado ou não, onde uma Confraria ou uma Irmandade assistia aos cerimoniais litúrgicos. Nas misericórdias a tribuna assume diferentes características. Inicialmente constituía um espaço paralelo à igreja e comunicando com a mesma por vão, mais ou menos amplo, em arco ou arquivado, sustentado por colunas, e protegido por guarda, onde a confraria se reunia e simultaneamente dispunha de cadeiral para assistir aos ofícios religiosos. A partir do século XVII e sobretudo do XVIII, as tribunas passam a constituir pequenos espaços na nave, protegidos por guarda, plena ou vazada, albergando o cadeiral dos mesários.
TRIBUNA DO ÓRGÃO	Elemento onde se apoia o órgão, podendo, em alguns casos, estar sustentado por amplo mísula, que se prolonga inferiormente até quase ao pavimento do templo.
UMBELA	Objecto em forma de guarda-sol, formando um pátio que, nas procissões, protege o Santíssimo Sacramento ou o viático, mudando de cor conforme proteja cada um destes casos.
VARAS DOS MESÁRIOS	Insígnias da jurisdição atribuídas aos 13 mesários da confraria da Misericórdia, o provedor e restantes mesários, usadas nas procissões para garantir a ordem e manter o alinhamento do cortejo. Compõem-se de finas hastes de madeira, pintadas de preto, com aro metálico liso no topo, a segmentar os quartos inferiores e junto à ponteira, e decoradas com vários filetes dourados, as armas nacionais e a cruz com as tíbias e a caveira. A vara do provedor destaca-se sempre das restantes, por maior profusão decorativa, maior número de filetes dourados ou pela própria cor distinta, por exemplo, em vermelho. As varas são normalmente guardadas na sala do despacho, num móvel expositivo, composto por duas barras verticais que interligam duas horizontais, a inferior onde assenta a ponteira das varas e a superior com 13 orifícios onde as mesmas entram, de modo a mantê-las erguidas e dispostas em leque.

D - RECURSOS DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO

BIBLIOGRAFIA GERAL

- BRÁSIO, António - *As confrarias medievais do Espírito Santo, paradigmas das misericórdias*. Lisboa: Acad. Port. da História, 1982.
- CAETANO, Joaquim Oliveira – *A Virgem da Misericórdia: uma aproximação iconográfica*. In *Oceanos*. Nº 35, Lisboa: sn., Julho-Setembro 1998, pp. 62-77.
- Comissão para as Comemorações dos 500 Anos das Misericórdias - *500 anos das misericórdias portuguesas: solidariedade de geração em geração*. Lisboa: C.C. 500 A.M., 2000.
- Congresso Internacional das Misericórdias, 2*, Caldas da Rainha, 1985.
- FONSECA, Dinis da – *História e actualidade das Misericórdias*. S.l.: Editorial Inquérito, 1996.
- FONSECA, Pires da - *As Irmandades da misericórdia: origem do nome "Santas Casas": sua actualidade*. S.l.: P. Fonseca, 1998.
- GOODOLPHUM, Costa - *As misericórdias*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1897.
- LAMEIRA, Francisco – *Retábulos das Misericórdias Portuguesas*. Promotória Monográfica nº. 4., S.l., Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve e União das Misericórdias Portuguesas, 2009.
- MELGAÇO, Frei Luís de - *Explicação das Obras de Misericórdia*. Biblioteca Nacional de Lisboa, Códice Alcobacense 200, fl. 180 – 190 (F. 4027).
- LOPES, Maria Antónia - *As Misericórdias de D. José ao final do século XX*. S.l.: s.n., 2002.
- PAIVA, coord. científica José Pedro - *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*. 5 vols., Lisboa: União das Misericórdias Portuguesas, 2002-2006.
- SÁ, Isabel dos Guimarães - *Quando o rico se faz pobre: misericórdias, caridade e poder no Império Português, 1500-1800*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.
- SERRÃO, Vítor – *Sobre a Iconografia da Mater Omnium: a pintura de institutos assistenciais às Misericórdias durante o século XVI*. In *Oceanos*. Nº 35, Lisboa: Comissão Nacional Comemorativa dos Descobrimentos Portugueses, Julho-Setembro 1998, pp. 134-144.
- SILVA, coord. de Nuno Vassallo e - *Mater Misericordiae: simbolismo e representação da Virgem da Misericórdia*. Lisboa: S.C.M.L., 1995.
- SOUSA, Ivo Carneiro de – *Da fundação e originalidade das Misericórdias Portuguesas: 1498-1500*. In *Oceanos*. Nº 35, Lisboa: Comissão Nacional Comemorativa dos Descobrimentos Portugueses, Julho-Setembro 1998, pp. 24-39.
- SOUSA, Ivo Carneiro de - *A rainha D. Leonor (1458-1525): poder, misericórdia, religiosidade e espiritualidade no Portugal do Renascimento*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação

**BIBLIOGRAFIA
ESPECÍFICA**

- para a Ciência e a Tecnologia, 2002.
- TOJAL, Alexandre Arménio, PINTO, Paulo Campos, GUEDES, coord. Natália Correia - *Bandeiras das Misericórdias*. Lisboa: Comissão para as Comemorações dos 500 anos das Misericórdias, 2002.
- A Misericórdia de Matosinhos e a fábrica da igreja: uma demanda escusada. 1ª. ed. Matosinhos: S.C.M.B.J.M., 2005.
- A Santa Casa da Misericórdia do Fundão*. Porto: Officina de O Comercio do Porto, 1925.
- ABRANTES, Ana Paula B. - *Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro: o legado em talha e outras reflexões: notas de História da Arte*. Aveiro: Santa Casa da Misericórdia, 2004.
- ABRANTES, Ventura Ledesma - *A Santa Casa da Misericórdia da Vila de Olivença*. Lisboa: s.n., 1940.
- ABREU, Alberto Antunes de - *O Arquivo e as origens da Santa Casa da Misericórdia de Fão*. Fão, Esposende: Santa Casa da Misericórdia, 1988.
- ABREU, Laurinda Faria dos Santos Abreu - *A Santa Casa da Misericórdia de Setúbal de 1500 a 1755*. Setúbal: Santa Casa da Misericórdia, 1990.
- ALARCÃO, coord. Adília, SANTOS, Maria José Azevedo, FERRÃO, Pedro Miguel - *Memórias da Misericórdia de Coimbra: documentação & arte*. Coimbra: Misericórdia, 2000.
- ALMEIDA, Fernando de - *Uma visita à Misericórdia de Olivença*. Coimbra: s.n., 1960.
- ALVES, Alexandre - *A Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Mangualde*. Mangualde: Santa Casa da Misericórdia, 1993.
- AMORIM, Inês - *Misericórdia de Aveiro e Misericórdias da Índia no século XVII: procuradoras dos defuntos*. Porto: s.n., 1991.
- AMORIM, Inês - *Roteiro do Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto*. Porto: Centro de História da Universidade, 1987.
- Anais da Santa Casa da Misericórdia de Penafiel*. Penafiel: S.C.M.P., 1981.
- ANDRADE, Alberto Banha de - *Roteiro do Arquivo Histórico da Misericórdia de Montemor-o-Novo (A. H. M. M. N.), com a história da fundação e primeiros anos da Santa Casa*. Coimbra: Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo, 1978, pp. 138-176.
- ANICA, Arnaldo Casimiro - *O hospital do Espírito Santo e a Santa Casa da Misericórdia da cidade de Tavira: da fundação à actualidade: notas*. Tavira: s.n., 1983.
- ARAÚJO, José Rosa de - *A igreja da Santa Casa da Misericórdia de Viana do Castelo*. 2ª. ed., Viana do Castelo: Santa Casa da Misericórdia, 1983.
- ARAÚJO, Maria Marta Lobo de - *A Misericórdia de Monção: fronteira, guerras e caridade (1561-1810)*. Monção: Santa Casa da Misericórdia, 2008.
- ARAÚJO Maria Marta Lobo de - *Dar aos pobres e emprestar a Deus: as Misericórdias de Vila Viçosa e Ponte de Lima (Séculos XVI-XVIII)*. Barcelos: Santa Casa da Misericórdia de Vila Viçosa e de Ponte de Lima, 2000.
- Arquivo da Misericórdia de Monsaraz: inventário*. Monsaraz: Câmara Municipal, 2002.

- AVEIRO, Amaro Neves - *A Misericórdia de Aveiro nos séculos XVI e XVII: A Mayor do mundo, pois o he do reyno*. Aveiro: Santa Casa da Misericórdia, 1998.
- AA.VV – *1º Encontro das misericórdias do Alto Minho*. Viana do Castelo: C.E.R., 2001.
- BARREIRA, Manuel - *A Santa Casa da Misericórdia de Aveiro: poder, pobreza, solidariedade*. Aveiro: Santa Casa da Misericórdia, 1998.
- BARREIRA, Manuel de Oliveira - *A Santa Casa de Misericórdia de Aveiro: pobreza e solidariedade (1600-1750)* [Texto policopiado]. Coimbra: s.n., 1995.
- BASTOS, A. Rebelo - *Para a história da enfermagem religiosa no hospital da Santa Casa da Misericórdia de Lamego*. Lisboa: s.n., 1974.
- BATISTA, José David Lucas - *A Santa Casa da Misericórdia na Vila de Manteigas de 1646 a 1929*. Manteigas: Santa Casa da Misericórdia, 2002.
- BATORÉO, coord. Manuel - *A pintura e os pintores da Santa Casa da Misericórdia da Ericeira*. Ericeira: Mar de Letras, 1998.
- BRAGA, Arquivo Distrital de - *Inventário dos livros da Misericórdia desta cidade de Braga existentes no Arquivo Distrital da mesma cidade*. Sep. Bracara Augusta, 32, Braga: s.n., 1978.
- Breve história da Misericórdia do Pôrto e seu Hospital Geral*. S.l.: s.n., 1934.
- CARDOSO, Rogério Seabra - *Provedores da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa desde 1851*. Lisboa: Arquivo Histórico e Biblioteca da Santa Casa da Misericórdia, 1995.
- CARVALHO, Abílio Pereira de - *Misericórdia de Castro Daire: subsídio para a sua história*. Castro Daire: Santa Casa da Misericórdia, 1990.
- CARVALHO, Joaquim Ramos de, PIMENTEL, António Filipe, CERA, António Marouva - *História da Santa Casa da Misericórdia de Soure. O património artístico da Santa Casa da Misericórdia de Soure. A evolução da Santa Casa da Misericórdia de Soure de 1974 aos nossos dias*. Soure: Santa Casa da Misericórdia, 2006.
- CARVALHO, José Vilhena de - *Santa Casa da Misericórdia de Almeida*. Guarda: s.n., 1971.
- CARVALHO, José Vilhena de - *Santa Casa de Misericórdia: subsídios para a sua história*. Almeida: S.C.M., 1991.
- CASTRO, Maria de Fátima - *A Irmandade e Santa Casa da Misericórdia de Braga: devoções procissões e outras festividades (do século XVI a começos do século XX)*. S.l.: M.F. Castro, 1998.
- CASTRO, Maria de Fátima - *A Misericórdia de Braga: composição da irmandade, administração e recursos: (das origens a cerca de 1910)*. Braga: Santa Casa da Misericórdia: M. de F. Castro, s.d..
- CASTRO, Pe. José de - *A Santa e Real Casa da Misericórdia de Bragança*. Lisboa: União Gráfica, 1948.
- CÊPEDA, Augusto Abreu Lopes - *Misericórdia de Penafiel: a Igreja e uma pintura antigas*. Penafiel: Santa Casa da Misericórdia, 1990.

- CERIMÓNIAS, Pe. António José - *Azulejos da igreja da Misericórdia de Chaves*. Dresden: Frau & Schwab Imp., 1928.
- COELHO, Pedro Alexandre Brandão - *A Santa Casa da Misericórdia de Coimbra 1500-1700* [Texto policopiado]: (o poder da caridade). Porto: s.n., 2003.
- COSTA, Américo Fernando da Silva - *A Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, 1650-1800: caridade e assistência no meio vimarense dos séculos XVII e XVIII*. Guimarães: S.C.M., 1999.
- CORRÊA, Fernando Calapez - *Elementos para a história da Misericórdia de Lagos*. Lagos: Santa Casa da Misericórdia, 1998.
- CORREIA, Fernando da Silva - *A misericórdia de Lisboa*. S.l. : s.n., 1942.
- CORREIA, Joaquim Manuel Lopes - *A Santa Casa da Misericórdia de Mora*. Figueira da Foz: s.n., 1964.
- CORREIA, José - *Natureza e situação jurídicas da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Silves: parecer, apontamentos, notas e documentos*. Silves: Irmandade, 1983.
- COSTA, Américo Fernando da Silva - *Poder e conflito [Texto policopiado]: a Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, 1650-1800*. Braga: s.n., 1997.
- COSTA, M. M. da Silva - *A Misericórdia de Esposende e a Semana Santa: apontamentos subsidiários*. Esposende: Santa Casa da Misericórdia, 1988.
- COUTINHO, José Maria - *A Santa Casa da Misericórdia de Águeda*. Águeda: s.n., 1958.
- COUTO, Firmino Abel da Silva - *Subsídios para a história da Misericórdia de Vila do Conde*. Vila do Conde: Santa Casa da Misericórdia, 1998.
- CUMBRE, José Mário de Paiva - *Subsídios para a História da Santa Casa da Misericórdia da Chamusca (1620-1820)*. Porto: J. Cumbre, 1973.
- DIAS, José Lopes - *Misericórdias e hospitais da Beira-Baixa*. S.l.: s.n., 1938.
- DIONÍSIO, Paula Carolina Ramos - *A Santa Casa da Misericórdia da Póvoa de Varzim* [Texto policopiado]. Porto: s.n., 2000.
- DUARTE, Joaquim Correia - *A Misericórdia de Resende: uma história de amor com 75 anos de bem-fazer*. 1ª. ed., Resende: Santa Casa de Misericórdia, 2005.
- FALCÃO, José António - *Pintores que trabalharam para a Santa Casa da Misericórdia de Santiago do Cacém*. Lisboa: s.n., 1986.
- FALCÃO, José António, FERREIRA, Jorge M., FERREIRA, Rodrigues - *Jacques de Campos e o retábulo-mor da Igreja da Misericórdia de Aldeia Galega do Ribatejo (Montijo)*. Guimarães: s.n., 1986.
- FERREIRA, Florival Maurício - *A Santa Casa da Misericórdia de Peniche, (1626-1700): subsídios para a sua história*. Peniche: Câmara Municipal e Santa Casa da Misericórdia, 1997.
- FORTUNA, A. Matos - *Misericórdia de Palmela: vida e factos*. Palmela: Santa Casa da Misericórdia, 1990.
- FREITAS, Divaldo Gaspar de - *Apontamentos para a história da Santa Casa da Misericórdia de Cantanhede*. Lisboa: s.n., 1959.

- FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e - *História da Santa Casa da Misericórdia do Porto*. Porto: Santa Casa da Misericórdia, 1995.
- FIGUEIREDO, José Valle de - Para a história da Misericórdia de Oeiras. 1ª. ed., Oeiras: Santa Casa da Misericórdia, 2001.
- FLORES, Alexandre M., COSTA, Paula A. Freitas - *Misericórdia de Almada: das origens à restauração*. Almada: Santa Casa da Misericórdia, 2006.
- GAMA, Eurico - *A Santa Casa da Misericórdia de Elvas*. Coimbra: s.n., 1954.
- GONÇALVES, Manuel Silva, GUIMARÃES, Paulo Mesquita - *Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Chaves e Boticas: inventário*. Vila Real: Arquivo Distrital e Santa Casa da Misericórdia de Chaves e Boticas, 1998.
- GONÇALVES, coord. Manuel Silva, GUIMARÃES, Paulo Mesquita - *Misericórdias do distrito de Vila Real: passado, presente, futuro*. Vila Real: Arquivo Distrital de Vila Real, 1998.
- GORJÃO, Sérgio - *A imagem de Santo António da Igreja da Misericórdia da Ericeira*. S.l.: Mar de Letras, 1997.
- GORJÃO, org. Sérgio P. Martins - *Arte sacra: Arquivo-Museu da Santa Casa da Misericórdia da Ericeira*. Ericeira: Santa Casa da Misericórdia, 1994
- GREGÓRIO, Paulo Renato Ermitão - *A igreja da Misericórdia de Torres Novas [Texto policopiado]: um estudo monográfico, 1572-1700*. Lisboa: s.n., 2002.
- GREGÓRIO, Paulo Renato Ermitão - *A Igreja da Misericórdia de Torres Novas: um estudo monográfico (1572-1700)*. Torres Novas: Câmara Municipal, 2003.
- GUSMÃO, Armando - *Subsídios para a história da Santa Casa da Misericórdia de Évora*. Évora: s.n., 1958.
- Historia de la Santa Casa de Misericordia de Olivenza: 1501-1970*. Badajoz: Santa Casa de la Misericordia de Olivenza, 1993.
- Homenagem à Santa Casa de Misericórdia do Porto*, Porto: Fac. de Medicina, 1960.
- Inauguração do novo Hospital da Misericórdia de Villa Nova de Famalicão*. Lisboa: s.n., 1878.
- JÚNIOR, Manuel Pais Vieira - *Subsídios para a história da Santa Casa da Misericórdia de S. João da Madeira*. S. João da Madeira: M. P. Vieira Júnior, 2000.
- LAMY, Alberto Sousa – *História da Santa Casa da Misericórdia de Ovar*. Ovar: Misericórdia, 1984.
- LAVAJO, Joaquim Chorão - *A Misericórdia de Évora no último quartel do segundo milénio*. Évora: Santa Casa da Misericórdia, 2000.
- LEAL, Joaquim da Rocha - *História concisa da Santa Casa da Misericórdia de Paredes*. 1ª. ed., Paredes: Santa Casa da Misericórdia, 2002.
- LEMOS, Eugénio Mascarenhas Viana de - *A Santa Casa da Misericórdia da Vila da Lousã: 1566-1966*. Lemos. S.l.: s.n., 1966.
- LOBO, Maria Helena Antunes Oliveira Esteves Azeredo, CAMILO, Joaquim de Sousa - *Misericórdia de Valongo: 100 anos de solidariedade para com os mais desprotegidos: subsídios para a história da Misericórdia de Valongo*. Valongo: Santa Casa da Misericórdia, 2006.

- LOPES, Maria Antónia - *A governança da Misericórdia de Coimbra em finais de Antigo Regime*. Aveiro: s.n., 2002.
- LOPES, Maria José Queirós - *Inventário do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Amarante*. Amarante: Santa Casa da Misericórdia, 1992
- LOPES, Maria José Queirós - *Misericórdia de Amarante: contribuição para o seu estudo*. Amarante: Santa Casa da Misericórdia, 2005.
- LUCAS, coord. Pedro Galvão - *Património histórico da Santa Casa da Misericórdia de Cascais*. Cascais: C.M. e S.C.M., 1998.
- MACEDO, António da Silva - *Igreja da Misericórdia: história breve*. Braga: Santa Casa da Misericórdia, 2003.
- MARCOS, Francisco Sanches - *História da Misericórdia do Alandroal*. Alandroal: s.n., 1982.
- MENDES, Isilda de Carvalho Mourato Pires - *O património da Misericórdia de Évora* [Texto policopiado]. Évora: s.n., 1995.
- MIRANDA, Abílio - *História da Misericórdia de Penafiel*. Penafiel: s.n., 1987.
- MIRANDA, José Miguel Gonçalves – *A Irmandade da Santa e Real Casa da Misericórdia de Bragança: 500 anos das Misericórdias e da Cruzada da Solidariedade*. Bragança: Santa Casa da Misericórdia, 2000.
- Misericórdia do Porto: resumo histórico da sua fundação e desenvolvimento*. S.l.: s.n., 1903.
- NOÉ, Paula – *As igrejas de Misericórdia do Distrito de Coimbra. Ensaio de classificação tipológica*. In *Monumentos*, nº 5, Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Setembro 2006, pp. 198-207.
- MOLEIRINHO, Fernando Constantino - *Santa Casa da Misericórdia de Sardoal: a instituição e a sua actividade*. Sardoal: Câmara Municipal, 2000.
- MORA, Amadeu da Cunha - *Esboço histórico da Santa Casa da Misericórdia de Pombal*. Coimbra: S. C. Mis. Pombal, 1953.
- MORAIS, Maria Antonieta Lopes Vilão Vaz de - *Pintura nos séculos XVIII e XIX na galeria de retratos dos benfeitores da Santa Casa da Misericórdia do Porto* [Texto policopiado]. Porto: s.n., 2001.
- NORONHA, Remo de - *A Misericórdia de Mesão-Frio: alguns subsídios para a sua história*. Lisboa: s.n., 1959.
- MOURO, Manuel Barros - *A Santa Casa da Misericórdia de Santo António de S. Pedro do Sul*. 1ª. ed., Lisboa: Colibri, 2004.
- NUNES, Mário - *Misericórdia de Penela, 1559-1999: servir e amar*. Penela: Irmandade da Santa Casa da Misericórdia, 1999.
- OLIVEIRA, J. M. Pereira de - *Nasoni e a igreja da Misericórdia*. Sep. Studium Generale, 8, Porto: Centro de Estudos Humanísticos, 1961
- PAULINO, coord. Francisco Faria - *Tesouros artísticos da Misericórdia do Porto*. Lisboa: C.N.C.D.P., Porto: S.C.M., 1995.
- PEREIRA, João Manuel Esteves - *Mamposteiros da Santa Casa da Misericórdia da vila de Santa Comba Dão*. Lisboa: Tip. Henrique Torres, 1936.
- PEREIRA, Gabriel - *O Archivo da Santa Casa da Misericórdia d'Evora*. Evora: Minerva Eborensis, 1888.
- PEREIRA, Maria Olinda Alves, AMARAL, Maria Clotilde de Mendonça -

- Misericórdia de Viana do Castelo, séc. XVI a XX: catálogo do acervo documental.* Viana do Castelo: Lions Clube, 1997.
- PESTANA, Manuel Inácio - *500 anos - Santa Casa da Misericórdia de Estremoz, 1502-2002.* Estremoz: Santa Casa da Misericórdia, 2002.
- PINHEIRO, Alfredo Dias - *A Santa Casa da Misericórdia de Guimarães: apontamentos para a sua história.* S.l. : s.n., 1931.
- PINTADO, Francisco António - *Santa Casa da Misericórdia de Freixo de Espada à Cinta.* Freixo de Espada à Cinta: Santa Casa da Misericórdia, 2001.
- PINTO, Maria Helena Mendes - *As misericórdias do Algarve.* Lisboa: Dir. Geral de Assistência, 1968.
- PIRES, Amadeu Rodrigues - *A rainha Dona Leonor de Portugal e a Santa Casa de Misericórdia de Olivença.* Lisboa: s.n., 1963.
- QUARESMA, José Simões Quaresma - *Albergaria, hospital e misericórdia de aldeia-galega do Ribatejo: apontamentos e lembranças para a sua história.* S.l.: J.S. Quaresma, 1948.
- 500 aniversário da Santa Casa da Misericórdia de Vila Verde: 1944-1994.* Vila Verde: S.C.M., 1995.
- Santa Casa da Misericórdia de Góis.* Góis: S.C.M., 1996.
- REIS, António P. de M. dos - *A misericórdia de Ponte de Lima.* Ponte de Lima: A.P.M.R., 1980.
- REIS, António P. de M. dos - *A Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Lima 1530-1980.* Ponte de Lima: s.n., 1979.
- REIS, António Matos - *A Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Lima no passado e no presente.* Ponte de Lima: Santa Casa da Misericórdia, 1997.
- REIS, João Vasco - *A igreja da Misericórdia de Alcantarilha: história e património: (subsídios).* 1ª ed., Alcantarilha: Santa Casa da Misericórdia, 2005.
- REIS, José Pinto dos - *A Misericórdia da Figueira e o seu hospital.* Figueira da Foz: Misericórdia, 2004.
- REIS, Maria de Fátima - *A Ermida do Espírito Santo da Ericeira e a criação da Misericórdia identidade e autoridade num conflito de espaços.* Coimbra: FLUC. Instituto de História Económica e Social. 2003.
- REIS, Maria de Fátima - *A Misericórdia de Santarém : Estruturação e gestão de um património.* s.l.: Universidade do Minho. Instituto de Ciências Sociais. 2003.
- RIBEIRO, Victor - *A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa: subsídios para a sua história 1498-1898: instituição, vida histórica, estado presente e seu futuro.* Lisboa: Typ. Academia Real das Ciências, 1902.
- RIBEIRO, Victor - *A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa : subsídios para a sua história.* Lisboa: Academia das Ciências, 1998.
- RODRIGUES, Martinho Vicente - *A Santa da Misericórdia de Santarém: cinco séculos de história.* Rev. Santa Casa da Misericórdia de Santarém, 1ª ed., Santarém: S.C.M., 2004.
- RUIVO, Augusto Duarte - *A Soalheira e a sua Misericórdia.* Soalheira: Santa Casa da Misericórdia, 1970.

- RUIVO, José da Silva - *A igreja da Misericórdia do Louriçal*. Louriçal: Santa Casa da Misericórdia, 1992.
- SALGADO, Anastásia Mestrinho - *A rainha D. Leonor e a misericórdia de Montemor-o-Novo*. Lisboa: A. M. Salgado, 2005.
- SALGADO, Maria Adelaide Neto - *A Misericórdia de Medelim: apontamentos e lembranças para a sua história*. Idanha-a-Nova: Câmara Municipal, 2002.
- SALVADO, Maria Adelaide Neto - *Elementos para a história da Misericórdia de Monsanto*. Idanha-a-Nova: Câmara Municipal, 2001.
- SAMPAIO, José Rosa - *Misericórdia de Monchique: os quinhentos anos de uma instituição*. Monchique: J.R. Sampaio, 2008.
- Santa Casa da Misericórdia (Olhão) - *Santa Casa da Misericórdia e a sua obra assistencial*. Olhão: S.C.M., 1959.
- Santa Casa da Misericórdia de Seia: 430 anos de solidariedade social, 1571-2001*. Seia: S.C.M., 2002.
- Santa Casa da Misericórdia [do] Porto - *A Rainha Dona Leonor e as misericórdias: 1959*. Porto: s.n., 1959.
- Santa Casa da Misericórdia do Porto - *Inventário dos retratos de benfeitores*. Porto: s.n., 1983.
- SANTOS, Luís Reis - *Painel antoniano de Gregório Lopes na Misericórdia de Tomar*. Lisboa: s.n., 1960.
- SANTOS, João Marinho dos, ROQUE, João Lourenço - *Os bens da Misericórdia de Sarzedas em meados do século XVIII*. Coimbra: Fac. de Letras, 1979.
- SARAIVA, José da Cunha - *A capela da Misericórdia na Sé de Lisboa*. Lisboa: s.n., 1934.
- SEGURADO, Jorge - *Da igreja Manuelina da Misericórdia de Lisboa: Conceição-Velha*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1977.
- SERRÃO, Vítor - *Domingos Lourenço Pardo, mestre pintor do retábulo da Misericórdia de Guimarães (1616-1618): introdução ao estudo da pintura maneirista no norte*. Sep. Minia, 2a série, 3, S.I.: s.n., 1981.
- SERRÃO, Vítor - *Duas telas do pintor Miguel Figueira (1640) na igreja da Misericórdia de Torres*. Arte na Misericórdia de Torres Novas; 4, Torres Novas: Santa Casa da Misericórdia, 1986.
- SERRÃO, Vítor - *Estudos de Pintura Maneirista*, Lisboa: Caminho, 1989.
- SERRÃO, Vítor - *O Escultor maneirista Gonçalo Rodrigues e a sua actividade no Norte de Portugal*. Separata da Revista MUSEU, IV série, nº 7, s.I.: s.n., 1988.
- SERRÃO, Vítor Manuel - *O pintor Cristovão Vaz mestre dos retábulos da Igreja da Misericórdia de Sintra (1581-1584)*. Sep. Bol. Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa, 3a série, 85, Lisboa: s.n., 1981.
- SERRÃO, Vítor - *Pinturas seiscentistas da Igreja da Misericórdia de Peniche*. Peniche: Santa Casa da Misericórdia, 1984.
- SERRÃO, Vítor Manuel - *O retábulo da Misericórdia de Tancos é de Simão Rodrigues*. Lisboa: Inst. Port. de Arqueologia, História e Etnografia, 1970.
- SILVA, A. Carneiro da - *O catálogo dos provedores e escrivães da*

- misericórdia*. Coimbra: Santa Casa da Misericórdia, 1991.
- SILVA, Ana Isabel Coelho Pires da - *O Hospital da Confraria de S. Francisco - Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Sor: das origens a 1850*. Ponte de Sor: s.n., 2005.
- SILVA, Ana Isabel Coelho Pires da - *Inventário do Fundo Documental da Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Sor*. Ponte de Sor: Santa Casa da Misericórdia, 2004.
- SILVA, coord. Francisco - *A Misericórdia de Vila Nova de Gaia: 1929-1999*. Vila Nova Gaia: Misericórdia, 1999.
- SILVA, Francisco Caetano da, VENTURA, Maria Helena Santos - *Santa Casa da Misericórdia de Alvaiázere: contributos para a sua história: 1663-1997*. S.l.: s.n., 1997.
- SILVA, Francisco Ribeiro da - *A Misericórdia de Santa Maria da Feira: breve notícia histórica*. Porto: [Faculdade de Letras], 1995.
- SILVA, Germesindo - *A fundação da Santa Casa da Misericórdia de Grândola*. S.l.: s.n., 1988.
- SILVA, H. Castro e - *A Misericórdia de Castelo Branco: apontamentos históricos*. 2ª. ed., S.l.: s.n., 1958.
- SILVA, Mário José Costa da - *A Santa Casa de Misericórdia de Montemor-o-Velho [Texto policopiado]: espaço de sociabilidade, poder e conflito, (1546-1803)*. Coimbra: s.n., 1996.
- SIMÕES, João Miguel - *História da Santa Casa da Misericórdia de Borba*. 1ª. ed., Borba: Santa Casa da Misericórdia, 2006.
- SIMÕES, João Miguel - *Índice do arquivo histórico da Santa Casa da Misericórdia de Borba*. Borba: Santa Casa da Misericórdia, 2006.
- SIMÕES, Maurício Humberto Gomes - *Santa Casa da Misericórdia da Covilhã: cibos para a sua história*. Covilhã: Câmara Municipal, 1999.
- Tesouros artísticos da Misericórdia do Porto*. Porto: s.n., 1995.
- VALENTE, Francisco - *As bandeiras e painéis da Misericórdia de Sardoal*. Sardoal: Câmara Municipal, 2002.
- VIÇOSO, Maria Isabel - *História da Misericórdia de Chaves: 500 anos de vida*. Chaves: Santa Casa da Misericórdia, 2007.
- VILARINHO, Rosa Maria Malheiro Alegria - *Santa Casa da Misericórdia de Caminha [Texto policopiado]: acção caritativa e assistencial no século XIX*. Braga: s.n., 2006.
- VITORINO, António Ferreira - *Elementos para a História da Santa Casa da Misericórdia de Vila da Feira*. Porto: A. Vitorino, 1973.
- ZAGALO, Francisco Baptista - *História da Misericórdia de Alcobaça*. Alcobaça: Olimpio Jorge, 1918.
- ZAGALO, Francisco Baptista - *Historia da Misericordia de Alcobaça: esboço historico desta Misericordia desde a sua fundação até á actualidade*. S.l.: s.n., 1910.
- ZÚQUETE, Afonso - *A Santa Casa da Misericórdia de Leiria: história e necessidades*. S.l.: s.n., 1942.

RECURSOS WEB**Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana - SIPA****URL:** <http://www.monumentos.pt>

União das Misericórdias Portuguesas

URL: <http://www.ump.pt/ump/>

© 2010 Copyright IHRU, IP; IGESPAR, IP

O texto deste documento pode ser adaptado ou reproduzido para uso pessoal ou organizacional sem autorização específica, desde que sujeito a citação apropriada. O trabalho não pode ser usado para outros fins, designadamente comerciais, sem a autorização prévia formal dos seus editores. Pedidos e questões sobre a reprodução e direitos deverão ser remetidos para kitspatrimonio@ihru.pt.

Esta publicação deve ser citada da seguinte forma:

Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana, Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, *Património Arquitectónico — Igrejas de Misericórdia*, Lisboa, IHRU, IGESPAR, 2010 (Kits património, nº 6, versão 1.0), URL: www.portaldahabitacao.pt; www.monumentos.pt, www.igespar.pt.



MINISTÉRIO DO AMBIENTE,
DO TERRITÓRIO E DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

MC
MINISTÉRIO DA CULTURA

simplex
PROGRAMA DE SIMPLIFICAÇÃO
ADMINISTRATIVA E JURÍDICA
Qualidade, eficiência, transparência